“Não é só a torcida organizada”

MARCELO FADORI SOARES PALHARES

GISELE MARIA SCHWARTZ

"Não é só a torcida organizada"

O que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?

Cultura Acadêmica
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P188n

Palhares, Marcelo Fadori Soares

Não é só a torcida organizada [recurso eletrônico] : o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol? / Marcelo Fadori Soares Palhares, Gisele Maria Schwartz. – 1. ed. – São Paulo : Ed. da Unesp, 2015.

recurso digital

Formato: ePDF

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7983-742-5 (recurso eletrônico)

1. Futebol – Torcedores – Brasil. 2. Livros eletrônicos. I. Schwartz, Gisele Maria. II. Título.

16-31306 CDD: 796.3340981
CDU: 796.332(81)

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós--Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Editora afiliada:

Sumário

Introdução

A violência envolvendo espectadores de futebol é uma questão preocupante, além de um grande desafio para as políticas públicas relacionadas ao esporte e ao lazer no Brasil. É muito reproduzida e noticiada nos meios de comunicação e, ao ameaçar os direitos sociais, a cidadania e a liberdade, gera não apenas inquietação na sociedade em geral, mas também uma série de questões instigantes que podem ser contempladas por estudos acadêmicos. Isso nos serviu de motivação para escrever este livro, com a finalidade de refletir sobre a problemática da violência entre torcedores de futebol (especialmente os organizados) – um imenso e prazeroso desafio que envolve interesses pessoais.

Em 2012, os autores deram início ao desenvolvimento de um projeto científico-acadêmico sobre futebol e violência, contando com o auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Assim que começaram o levantamento de informações, ambos puderam perceber que a violência entre espectadores de futebol, além de ser um fenômeno complexo, tem diferentes causas ou motivações.

Investigada e debatida nos trabalhos acadêmicos, seja em âmbito nacional ou internacional, a violência envolvendo torcedores de futebol revela-se um fenômeno de ocorrência mundial. Há estu-

dos acadêmicos sobre o tema provenientes de países com distintas condições socioeconômicas, entre os quais Inglaterra, Espanha, Suécia, Itália, Holanda, Argentina e Brasil.

Episódios violentos envolvendo torcedores de futebol ganharam notoriedade mundial na década de 1960, com os *hooligans* ingleses. Esses violentos confrontos entre torcedores e forças policiais despertaram a atenção da sociedade, dos políticos e da mídia para a questão. No cenário brasileiro, as torcidas organizadas normalmente são as únicas responsabilizadas pelas brigas (Reis, 2006), e o discurso veiculado pela mídia para tratar da questão muitas vezes cria um estereótipo desse torcedor ao classificá-lo de "vândalo" e "marginal", com uma conotação sensacionalista e carregada de preconcepções (Lopes, 2012).

Almejando contribuir para o debate, propusemo-nos investigar, neste trabalho, o que os torcedores organizados teriam a dizer sobre a violência no futebol brasileiro, para posteriormente interpretar seus discursos à luz do referencial teórico elaborado pelo sociólogo norueguês Johan Galtung (1930-). Esse recurso nos forneceu uma perspectiva ampla do fenômeno da violência, permitindo, inclusive, problematizar aspectos tidos como "naturais", ou como "coisas do futebol", e considerá-los episódios de violência. Em outras palavras, foi somente com a utilização dos "óculos" da teoria galtungiana que pudemos enxergar alguns aspectos específicos do tema.

Além disso, as teorias de Galtung nos ajudaram a obter uma potencialidade analítica, ou seja, problematizar e/ou repensar a violência no futebol por meio de questionamentos como: o que é ser violento? O que é a violência no futebol? Quem são os violentos no contexto futebolístico nacional? Fugimos de generalizações ("todo torcedor organizado é violento"), da reprodução de discursos dominantes ("não são torcedores, são vândalos travestidos de torcedores") e de reduções e/ou simplificações de um problema complexo ("é fácil acabar com a violência no futebol").

O Capítulo 1 é dedicado à fundamentação teórica, explicitando considerações sobre o fenômeno da violência e o referencial teórico

de Johan Galtung. O Capítulo 2 apresenta os dados produzidos nas entrevistas com torcedores organizados. Já o terceiro capítulo traz a interpretação galtungiana dos resultados e a aproximação de algumas práticas e representações das torcidas organizadas com os conceitos de paz e violência.

Por fim, apresentamos as considerações finais, salientando que não são definitivas, já que nosso objeto de estudo tem natureza complexa e multifatorial. Tentar simplificá-lo ou reduzi-lo leva a diagnósticos equivocados, além de dificultar a tarefa de pensar políticas públicas para a questão. O planejamento e a execução eficazes de políticas públicas voltadas para a violência no futebol devem passar, necessariamente, pela compreensão e pelo diagnóstico adequado da realidade.

Com essa premissa, optamos pelo viés da compreensão em lugar da visão estigmatizante e preconceituosa sobre o tema. Para tanto, adotamos dois importantes pressupostos teóricos, que nos fizeram acreditar na necessidade de ampliar e apurar o debate sobre a violência no futebol brasileiro: 1) existem diferentes formas de violência no futebol (violências) e 2) tal problemática não pode ser meramente reduzida ao comportamento das torcidas organizadas.

1
A violência

Sobre a violência: considerações e esclarecimentos

Primeiramente, é necessário destacar a grande amplitude do fenômeno da violência. Ele se faz presente (ainda que em diferentes níveis) entre os ricos e entre os pobres, nas grandes e pequenas cidades, em casa, na escola, no trabalho, no lazer, nos programas televisivos, no trânsito e em tantos outros locais, situações e contextos. Mas é sobretudo nos grandes centros urbanos que as atividades relacionadas a lazer acabam sofrendo as graves consequências desse fenômeno. Atividades como visitar parques, museus, shopping center, casa de amigos e familiares e tantas outras não raro estão sujeitas a restrições de espaço e tempo em decorrência disso.

Comportando extensa agenda social e política, a violência constitui uma importante problemática no campo desportivo. Tal questão acentua-se particularmente no futebol, modalidade esportiva de grande impacto social e midiático frequentemente associada a episódios de violência envolvendo atletas e/ou torcedores. No caso específico de confrontos entre torcedores de futebol, cabe mencionar a chamada "Batalha do Pacaembu", entre torcedores do São Paulo Futebol Clube e da Sociedade Esportiva Palmeiras em 1995, no estádio paulistano do Pacaembu. Ocorrido há mais de

vinte anos, esse episódio de violência entre torcedores, que resultou em 101 feridos e na morte do torcedor Márcio Gasparin da Silva, de 16 anos, teve grande repercussão midiática e contribuiu para ampliar a discussão e a produção acadêmica sobre o assunto.

Trabalhar com o tema da violência exige necessariamente o conhecimento dos tipos de avaliação moral dos indivíduos envolvidos nesse fenômeno,[1] além de cuidados teórico-metodológicos. Flores (1995), ao refletir sobre o estudo acadêmico relacionado à violência, menciona a existência de alguns perigos quando se trabalha com o tema, dentre os quais destaca dois: o caráter consensual da palavra "violência" e seu processo de coisificação. O primeiro perigo – o caráter consensual – é representado pela falsa obviedade e unanimidade quando se discute violência. Consensualmente, existiria um conceito tácito de violência que dispensaria a necessidade de defini-la, afinal todos sabem do que se trata. Todavia, embora tão conhecida, é muito difícil de ser verbalizada, expressa, conceituada.

Já a coisificação da violência é a associação de determinado comportamento à palavra "violência". Sendo assim, une-se a palavra "violência" à coisa "violência" como se fosse um corpo único. O processo de coisificação prossegue até a escolha de uma única definição, que passa a ser vista não mais como uma definição entre outras possíveis, mas como a única. A violência seria isso e somente isso. Por esse raciocínio, ela teria uma única forma de expressão, e, consequentemente, seria possível criar uma falácia: a desconsideração da existência de outras possíveis formas de expressão de violência.

Além desses perigos mencionados por Flores (1995), deve-se acrescentar mais um elemento importante a ser levado em conta no

1. É fundamental compreender tais avaliações, porque, como elucida Riches (1988), o conceito de violência é, de certa forma, relativo. Como será visto adiante, o fenômeno da violência implica sempre uma avaliação, um julgamento. Logo, o que pode ser considerado violência para determinado sujeito ou grupo pode não sê-lo para outro.

estudo da violência, que pode passar despercebido ou mesmo permanecer escamoteado nas análises: a disputa por sua definição legítima.

Há uma disputa social, uma luta simbólica, para impor uma definição, um sentido ou significado legítimo de violência. Essa disputa ocorre em um espaço assimétrico de posições, em que alguns grupos têm, sistematicamente, mais chances de fazer valer sua própria definição de violência (Bourdieu, 2010), coisificando-a. Tal imposição visa atender aos interesses do próprio grupo social que a promoveu.[2]

No cenário do futebol, essa coisificação ocorreria pela associação da palavra "violência" a determinada ação (brigar, lutar, envolver-se em confronto físico), gerando um conceito restrito de violência, que deixa de considerar outras graves formas de violência, tais como: tratamento dado ao torcedor nos estádios, horário impróprio de partidas, alto preço de ingressos, corrupção, má gestão e desorganização do futebol, manifestações de racismo, preconceito etc.

A disputa pelos sentidos e significados legítimos (válidos, corretos) de violência contempla uma tríade: vítima(s), executor(es) e testemunha(s). Consequentemente, essa disputa também estabelece sentidos e significados ilegítimos (inválidos, incorretos) da utilização de violência, sobretudo a violência física. Em um confronto violento, a vítima, o executor e a(s) testemunha(s) podem divergir quanto ao julgamento social acerca da situação. Ou seja, eles podem concordar ou discordar acerca da validade e legitimidade da utilização de violência naquela determinada situação. Um exemplo ilustrativo e recente é o debate ocorrido durante o primeiro semestre de 2014 sobre a legitimidade do uso de violência física contra assaltantes.[3]

---

2. Conforme será visto mais adiante, na visão galtungiana, é possível afirmar a existência de violência estrutural na própria luta pela definição do conceito de violência.
3. Esse debate foi motivado pelos constantes delitos na cidade do Rio de Janeiro, que levaram a população a "fazer justiça com as próprias mãos", passando a utilizar a violência física contra assaltantes: um suspeito foi amarrado a um

Assim, importa considerar que há uma avaliação, um julgamento social sobre a violência. Em outras palavras, cada um dos integrantes da tríade (vítima, executor e testemunha) deve validá-la ou rechaçá-la. Esse elemento é decisivo nos confrontos entre torcidas organizadas, já que a vítima (torcida organizada 1) e o executor (torcida organizada 2) costumam destoar da(s) testemunha(s) quanto ao julgamento do ocorrido. Observe-se que as torcidas organizadas não concebem a violência física como algo estritamente ilegítimo, inválido, negativo ou incorreto. Por vezes, ela é tida como válida ou até mesmo desejada. Já as testemunhas tendem a ver esses enfrentamentos como algo incorreto, sem razão de ser, sem sentido. (Tal questão será retomada no Capítulo 2.)

Considerando os perigos relacionados ao estudo da violência, este livro buscou lançar um olhar ampliado sobre o fenômeno, tendo como referencial teórico o quadro sobre violência e paz estabelecido por Johan Galtung, explicitado a seguir. De início são apresentados os conceitos de paz e violência, para posteriormente abordarmos sua tipologia.

Violência e paz: o quadro teórico de Johan Galtung

Johan Galtung, sociólogo norueguês, é reconhecido mundialmente por sua produção acadêmica sobre violência e paz, bem como pela criação do campo denominado "Peace Studies" ("estudos para a paz"). Essa vertente tem como objetivo contribuir para a diminuição dos três tipos de violência, estabelecidos pelo autor: direta, estrutural e cultural (Galtung, 1985; Vorobej, 2008).

---

poste, outros foram espancados, humilhados ou até mesmo executados. Nessas situações havia divergência (principalmente, entre as testemunhas) sobre a validade dessas reações, que chegavam, inclusive, a interferir no trabalho da Polícia Militar. Tais eventos ficaram conhecidos como "a onda dos justiceiros".

O conceito de paz

Inicialmente, é preciso ressaltar que, no quadro teórico galtuniano, os conceitos de paz e violência são claramente opostos. A ausência de violência constitui a paz.[4] A partir desse conceito, Galtung constrói uma tipologia da paz, dividindo-a em paz negativa e paz positiva.

A paz negativa consiste na ausência de violência direta, porém com a manutenção de um cenário de violência estrutural. A denominação "negativa" evidencia que a erradicação da violência direta não é uma condição estritamente positiva. Já a paz positiva corresponde à ausência das violências direta e estrutural, em um cenário de distribuição igualitária de poder e recursos, sendo, portanto, uma condição positiva.

Uma potencialidade dessa conceituação de paz é permitir pensar não apenas na diminuição e/ou controle do abuso da violência, mas também em um desenvolvimento vertical de sujeitos, grupos e sociedades. Além disso, como se verá adiante, o pensamento galtuniano rejeita a ideia de violência como ausência de conflitos, uma vez que essa visão não considera as importantes conexões entre os tipos de violência nem seus efeitos sobre a saúde de uma sociedade (Galtung, 1969, 1985, 1990, 1994).

O conceito de violência

Quanto ao conceito de violência, Galtung (1969, p.168) vê esse fenômeno como "a causa da diferença entre o potencial e o real, entre o que poderia ter sido e o que é". Com base nessa definição, o autor reconhece a existência de condições objetivas que impedem

---

4. A definição de paz aqui utilizada é a primeira elaborada pelo autor. Com o avançar dos estudos, Galtung (1996) passa a empregar outro conceito de paz, que pode ser expresso como estado de coisas que torna possível a transformação não violenta e criativa do conflito.

ou impediram alguém de alcançar seu máximo potencial, já que a violência está na origem da diferença entre a situação, a condição real e a condição potencial.

Da mesma forma, tudo aquilo que impede a diminuição da distância entre real e potencial também pode ser considerado violência. Assim, para o autor, a violência pode consistir em

> […] insultos evitáveis para as necessidades humanas básicas e mais amplamente para a vida, fazendo que o nível real desça abaixo de níveis de satisfação do potencial possível. Ameaças de violência também são violência. (Galtung, 1990, p.292)

Segundo Galtung, a violência também ocorre quando o real é evitável ou poderia ter sido evitado de alguma forma. Já quando tal situação é inevitável, isto é, quando todas as ações e esforços humanos são incapazes de impedir a ocorrência de um fato, então não há violência. Tal raciocínio se mantém ainda que a situação real de uma pessoa esteja em um nível muito abaixo de seu nível potencial.

O autor ilustra a questão com o caso da tuberculose no século XVIII. Nessa época, a morte de uma pessoa por tuberculose não seria considerada violência, pois a cura dessa doença não era conhecida. Logo, a morte por tuberculose era algo inevitável. Entretanto, se alguém morre de tuberculose nos dias de hoje, quando sua cura é mundialmente reconhecida, então a violência se constitui, já que a morte por tuberculose é evitável. Outro caso é a morte decorrente de terremotos, situação ainda hoje inevitável. Porém, se no futuro ela for evitável e alguém morrer por causa de terremoto, então a violência aí estará presente.

Tipologia da violência

Galtung considera a existência de três tipos de violência – direta, estrutural e cultural – explanados a seguir.

Violência direta

A violência direta possui a relação sujeito-ação-objeto, sendo um fenômeno observável e fácil de ser expresso por meio da linguagem. Para exemplificar o que seria a violência direta, basta pensar em um assalto ou em uma briga. Tanto o assalto quanto a briga têm todas as características da violência direta, ou seja, são situações concretas, observáveis, visíveis, que comportam a relação sujeito-ação-objeto e podem ser facilmente expressas pela linguagem.

A relação geralmente envolve ao menos dois participantes: o emissor e a vítima da violência. O sujeito (emissor) realiza determinada ação que recai sobre outra pessoa, que é o objeto da violência, o ser prejudicado ou ferido (vítima). O dano ou ferimento resultante da violência direta pode ser de natureza física ou psicológica, como os ferimentos corporais ou o medo e a insegurança decorrentes do fato de ser vítima de um assalto. Tais características levaram Galtung (1969) a afirmar que a violência direta é facilmente identificável, além de ser muito semelhante ao conceito de agressão física.

Violência estrutural

A violência estrutural é aquela que se estabelece sobre a estrutura social. Pode ser traduzida em diversas situações que envolvem a distribuição desigual de recursos ou serviços, aos quais as pessoas, em razão dessa desigualdade, têm acesso limitado ou dificultado. Renda, educação, alfabetização e assistência médica são exemplos de recursos e serviços cuja distribuição costuma ser deficiente ou fortemente enviesada (Galtung, 1969).

Os elementos distribuídos de forma desigual têm estreita correlação no interior da estrutura social. Por exemplo, as pessoas de baixa renda em geral também apresentam baixo nível de instrução, alimentação insuficiente e, consequentemente, pouca saúde (Galtung, 1969).

Sobre a correlação dos recursos, Galtung menciona como exemplo a distinção entre pobreza e miséria: a primeira significa possuir pouco (poucos recursos), enquanto a última implica possuir tão pouco a ponto de ferir e prejudicar. A miséria estaria correlacionada com a doença (ou a falta de saúde) e produziria um círculo vicioso, porque o sujeito vive em um ambiente no qual seus recursos são sempre insuficientes em termos de emprego, moradia, alimentação, conforto etc. Dessa forma, a miséria também acaba comprometendo o bem-estar social e a saúde, uma vez que o indivíduo, sendo continuamente afetado por sua condição de penúria, permanece em constante estado de doença, a qual tende a se tornar múltipla e crônica a ponto de impedi-lo definitivamente de alcançar um estado saudável (Galtung, 1994).

Os recursos disponíveis às pessoas que vivem na miséria são tão escassos que sua condição é capaz de feri-las e deixá-las doentes a vida toda. Trata-se de mais um caso de correlação entre os fatores sociais que cercam a violência estrutural, e cuja distribuição é enviesada ou desigual. Na realidade brasileira, por exemplo, educação formal e assistência médica de qualidade são recursos distribuídos de maneira desigual ou enviesada. Por essa razão, as classes mais altas optam por serviços médicos e educacionais privados, que em geral têm mais qualidade.

O problema, na violência estrutural, não está no fato de as pessoas possuírem poucos recursos, mas no poder dos ricos para inclinar o uso de recursos do mundo em seu benefício. Hoje, em tempos de abundância de alimentos, há pessoas que morrem de fome nos países subdesenvolvidos, ao passo que, nas nações ricas, indivíduos morrem de tumores malignos e doenças que refletem abundância de alimentos.

O cenário assim descrito é violento, já que a fome seria evitável por meio de uma adequação econômica mais eficaz. No entanto, o que acontece atualmente é o crescimento econômico desenfreado das nações. Por essa razão, a análise da violência estrutural contempla fatores econômicos, políticos e sociais.

Segundo Galtung, a violência estrutural age independentemente da existência de um autor específico e claramente identificável. Por isso, o autor a designa como um fenômeno invisível (Galtung, 1969, 1990, 1994). Cabe aqui observar que a denominação "invisível" é empregada por Galtung tanto para a violência "estrutural" quanto para a violência "cultural". Em nossa leitura, contudo, ambas não deveriam ser consideradas formas "invisíveis", mas formas "menos visíveis" de violência, razão pela qual optamos por utilizar a denominação "menos visível"[5] para nos referirmos às violências estrutural e cultural.

A essa altura, é interessante indicar brevemente a diferença entre violência direta e violência estrutural. Em linhas gerais, pode-se dizer que a primeira é dinâmica, enquanto a última é estática. Sobre essa diferenciação, Galtung faz o seguinte paralelo:

> A violência pessoal representa mudança e dinamismo, não são ondulações dentro de ondas, mas ondas dentro de águas tranquilas. A violência estrutural é silenciosa, não se mostra – é essencialmente estática, assim como águas tranquilas. (Galtung, 1969, p.173, tradução nossa)

Apesar de seu caráter silencioso, estático e consolidado, a violência estrutural não deve ser vista como mero resultado de um acidente ou como fruto de uma força maior. Na verdade, é consequência direta ou indireta da ação humana sobre estruturas que refletem a distribuição desigual de poder. Tais estruturas abrigam, por exemplo, racismo, sexismo e violência política (Hoo, 2007).

5. Com base nas considerações de Lopes (2013b) e na tentativa de obter uma leitura minuciosa da obra de Galtung, acreditamos que a denominação utilizada pelo autor poderia ser aprimorada. Nossa argumentação baseia-se no fato de que a pobreza (violência estrutural) e o preconceito (violência cultural) não são "tipos invisíveis" de violência. Tais fenômenos podem ser observados, percebidos, visualizados e combatidos. Nesse sentido, por exemplo, movimentos sociais são uma tentativa de combater e diminuir a violência estrutural presente em uma sociedade.

Violência cultural

Após vinte anos da conceituação dos dois primeiros tipos de violência, Galtung propõe, em seu artigo "Cultural Violence" (1990), um terceiro tipo: a violência cultural.

Os aspectos da cultura que tornam legítimas ou válidas as outras duas formas de violência (direta e estrutural) formam a violência cultural. Estrelas, cruzes, bandeiras, hinos e paradas militares, retrato onipresente do líder, discursos inflamados e pôsteres estão entre os inúmeros exemplos de aspectos da cultura que podem legitimar ou justificar a violência (Galtung, 1990).

Existe a necessidade de se falar sobre aspectos da cultura justifica-se diante da grande dificuldade de categorizar uma cultura como totalmente violenta. O uso da palavra "aspecto" mostra-se como um cuidado teórico do autor, a fim de diminuir, ou até mesmo evitar, a possibilidade da criação de estereótipos culturais. Elementos como educação, meios de comunicação, arte, ciência, religião e ideologia fazem parte da formação, construção ou reconstrução de valores, ideias e normas de uma sociedade. Dessa forma, são capazes de influenciar, direcionar e moldar a construção da realidade social, seja em âmbito pessoal ou coletivo.

Tais elementos também podem contribuir para a internalização e aceitação da violência cultural. Diante disso, o estudo da violência cultural demonstra de que forma o ato da violência direta e o fato da violência estrutural são legitimados e considerados aceitáveis pela sociedade (Jiménez-Bautista, 2012). A cultura pode esconder, mascarar e condicionar as pessoas a não ver determinadas situações sociais, como a repressão ou a exploração (que muitas vezes é vista, porém não combatida). Um exemplo são as condições exploratórias ainda hoje encontradas no mercado de trabalho de diversas profissões.

Em resumo, se a violência cultural faz que as formas de violência direta e estrutural pareçam certas ou, pelo menos, não sejam vistas como erradas, seu estudo ajuda a desmascará-las e desnatu-

ralizá-las. Tal raciocínio será importante na reflexão proposta no Capítulo 3, sobre violência e paz no futebol brasileiro.

Com o conceito de violência cultural, Galtung completa seu quadro teórico, que culmina na elaboração do chamado "triângulo da violência", explicado a seguir.

O triângulo da violência de Galtung

Para elucidar sua tipologia, expondo as formas de violência e os fenômenos visíveis e "menos visíveis", Galtung (1990) recorre a um modelo gráfico em forma de triângulo. Essa representação, mostrada na Imagem 1, a seguir, é a que melhor evidencia as relações entre os tipos de violência, o que não seria possível em um modelo em camadas, por exemplo.
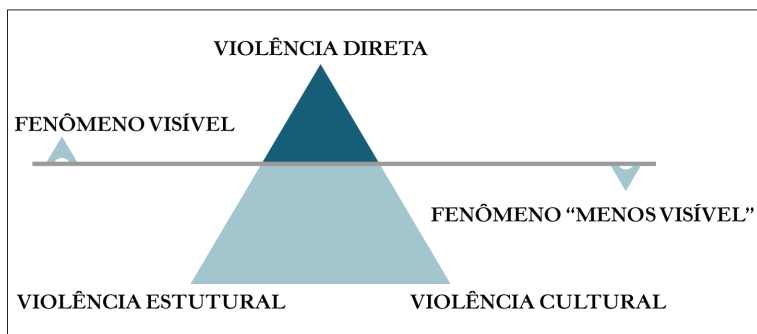
Imagem 1 – Triângulo da violência de Johan Galtung

O triângulo da violência dá sustentação ao argumento do autor de que existem ligações e fluxos causais entre os tipos de violência. Pode-se começar a leitura por qualquer ponta do triângulo, porém optou-se aqui pela violência direta, que é mais facilmente identificável.

Para ilustrar brevemente como esse modelo funciona na análise de um fenômeno, recorreu-se ao fato histórico da escravidão, especialmente no Brasil colonial. A escravidão tirou a liberdade de

muitos negros africanos, que viajaram forçadamente até a América para "trabalhar". Além do trabalho pesado e sem qualquer remuneração, enfrentaram condições muito adversas, que acabaram levando muitos deles à morte. Essa massiva violência direta – em que a violência foi elevada ao máximo grau ao retirar a vida de alguém – infiltra-se na estrutura social e a segmenta, constituindo-se, assim, em uma manifestação de violência estrutural. Como resultado da escravidão (violência direta), os negros acabaram relegados a posições sociais inferiores, principalmente no mercado de trabalho (violência estrutural).

Por fim, a massiva violência direta pode gerar violência cultural por meio de ideias racistas (violência cultural), veiculadas em enunciados como: "negros não têm alma", "negros são objetos" ou "negros são uma raça inferior". Em razão da falsa ideia de que os negros eram "objetos", o uso de violência direta contra eles se justificava e/ou legitimava (Galtung, 1990), afinal os senhores de escravos tinham o direito de fazer o que bem entendessem com seus próprios "objetos".

Quanto aos fenômenos visíveis ou "menos visíveis", cabe ressaltar que os efeitos desses últimos, apesar de silenciosos e sutis, não podem ser considerados menos prejudiciais do que os impactos da violência direta. Em uma guerra, podem-se contar os mortos e os prejuízos materiais; no entanto, os efeitos da violência estrutural e cultural podem ser mais devastadores e cruéis, como, por exemplo, cenários de alienação e dominação intencionais.

Potencialidades do quadro teórico de Galtung no estudo da violência no futebol

O quadro teórico de Galtung, descrito anteriormente, pode oferecer elementos para a análise da violência no futebol brasileiro. Em linhas gerais, indicamos, a seguir, cinco grandes contribuições e/ou potencialidades analíticas desse referencial teórico utilizadas na abordagem de nosso objeto de estudo:

1) Reconhecer a existência de violências no futebol brasileiro;
2) Não direcionar a violência para determinado sujeito ou grupo;
3) Perceber que torcedores de futebol também são vítimas de violência;
4) Desnaturalizar certas formas de violência no mundo futebolístico;
5) Relacionar o universo futebolístico com os conceitos de paz e violência.

Para uma exposição mais elucidativa, é interessante enfocar cada uma dessas contribuições em separado.

A primeira potencialidade analítica pressupõe a existência de violências no futebol brasileiro. Assim, o fenômeno da violência no futebol não é aqui tratado como composto apenas de conflitos físicos; considera-se, também, a existência de outros elementos que em geral ficam em segundo plano, ofuscados pela violência direta (fenômeno visível). Dessa forma, nosso intuito é trabalhar contra a hierarquização de violências.

Viu-se anteriormente que o processo de coisificação da violência – ou seja, restringi-la apenas a brigas e confrontos físicos – atende aos interesses de determinados grupos sociais. E, no contexto futebolístico nacional, esse processo de coisificação favorece os interesses dos protagonistas da violência estrutural (federações, emissoras de televisão, dirigentes, clubes, polícia etc.). São eles os responsáveis por condições prejudiciais ao futebol e a seus espectadores: corrupção, má gestão e organização do futebol, precariedade de infraestrutura física e serviços dos estádios, horário impróprio das partidas, abuso de poder, alto valor do ingresso, recurso ao "tapetão" e tantos outros fatores. Não se deve combater somente a violência direta (brigas) e conformar-se com as violências estruturais (corrupção, manipulação de resultados, abuso de poder etc.) e culturais (discursos machistas e homofóbicos etc.). Neste estudo, o que buscamos ao trabalhar a partir do viés galtuniano é explicitar a possibilidade de criação de um cenário de paz

positiva no futebol brasileiro. Isso significa a diminuição de todos os tipos de violência – direta, estrutural e cultural.

A segunda potencialidade desse referencial recai sobre o não direcionamento da violência a determinado sujeito ou grupo. Galtung (1990) não atribui a violência a grupos nem a sujeitos, tampouco explica a sua ocorrência como resultado de fatores socioeconômicos apenas. Relacionar a violência às condições socioeconômicas de seus protagonistas é um dos maiores equívocos quando se pensa na violência no futebol.

Existem discursos que, ao associar o fenômeno (sobretudo a violência direta) à classe social (classes mais baixas, em termos socioeconômicos), defendem que o aumento do preço dos ingressos poderia não apenas resolver o problema da violência, mas também afastar "os bandidos travestidos de torcedores". Míopes em relação à questão, tais discursos, além de desconsiderar diversos fatores, refletem uma visão reducionista do fenômeno da violência.

Em primeiro lugar, esses discursos são altamente preconceituosos, além de restringir a violência às classes sociais mais baixas. Exemplo disso é o grito proferido pela torcida corintiana, "Ooooô, bicha!",[6] que teve início nas cadeiras numeradas, setor que costuma abrigar pessoas de alto nível socioeconômico. Outro exemplo são os constantes desentendimentos, e até mesmo agressões, nas cadeiras cativas do Estádio do Morumbi, principalmente em jogos com grande público.[7] Em segundo lugar, tais discursos não levam em conta (ou ocultam intencionalmente) que a violência também envolve a participação de pessoas das classes sociais mais altas. Subestimam o fato de que a violência compõe todo o tecido social (Pimenta, 1997); basta ver os dois exemplos citados, nos quais os

6. Inicialmente destinado ao goleiro do São Paulo Futebol Clube, Rogério Ceni, esse grito passou a ser dirigido a outros jogadores de outras equipes, e proferido por outras torcidas (Lance, 2014). Na presente análise, ele é encarado como manifestação de intolerância e preconceito de cunho sexual.

7. Alguns torcedores desejam assistir à partida em pé, ao passo que outros tentam impedi-los, o que acaba gerando um impasse, sobretudo nos minutos iniciais da partida.

episódios violentos ocorreram em setores do estádio frequentados por um público de alto poder socioeconômico e considerado "pacífico".

Logo, tais discursos míopes atribuem a violência única e exclusivamente a um setor do estádio e a determinado ator do futebol: a arquibancada e o torcedor organizado. Dessa maneira, a elevação abusiva do preço dos ingressos, como defendida nesses discursos, não tem outra serventia além da exclusão de muitos torcedores dos estádios. Do mesmo modo, os dois episódios anteriores reforçam a ideia de que a violência não está necessariamente ligada a fatores socioeconômicos.

A terceira potencialidade do referencial teórico de Galtung permite evidenciar os torcedores (especialmente os organizados) como vítimas de violência, e não apenas como protagonistas. A manipulação de resultados, a péssima infraestrutura dos estádios, o horário impróprio das partidas, o aumento excessivo do preço dos ingressos, o abuso de poder policial, o processo de elitização do futebol, além de interesses econômicos de dirigentes potencialmente prejudiciais a um clube, são situações nas quais os torcedores podem ser vítimas de violência.

Demonstrar que os torcedores também são vítimas desmascara o pressuposto de que são naturalmente violentos e os únicos protagonistas da violência no futebol. Tal raciocínio é importante, sobretudo na discussão acerca das torcidas organizadas, muito embora os casos de violência contra o torcedor sejam pouco debatidos e problematizados. Na maioria das vezes, as formas de violência contra o torcedor não se constituem em fenômenos explícitos, evidentes, observáveis, uma vez que se encontram na estrutura do futebol. Trata-se, portanto, de formas estruturais, sutis, de violência: permanecem escondidas ou são até mesmo naturalizadas (Lopes, 2012), já perpetradas por atores ou instituições que detêm o poder e o controle da estrutura do futebol brasileiro.

Desnaturalizar formas graves de violência é outra potencialidade do referencial galtuniano. Segundo outras perspectivas mais restritas de violência, essas formas podem ser consideradas "natu-

rais". De acordo com essas visões, por exemplo, o abuso policial cometido contra um torcedor (comum ou organizado) dentro do estádio poderia ser minimizado, justificado ou até mesmo legitimado. Outro exemplo seria enxergar as manifestações racistas nos estádios como algo "do futebol" e, portanto, perfeitamente "naturais" nesse ambiente.

Por fim, o referencial galtuniano possibilita a análise de práticas e representações de diversos atores do cenário futebolístico, de modo a aproximá-las, quer do conceito de paz, quer do conceito de violência. Essa potencialidade analítica permite rechaçar, por exemplo, a culpabilização única e exclusiva das torcidas organizadas como produtoras de violência no futebol brasileiro, já que algumas de suas práticas as aproximam do conceito de paz (como será visto no Capítulo 3). Por outro lado, pode-se considerar que outros atores do universo futebolístico – jornalistas, torcedores comuns, policiais, dirigentes –, comumente não culpabilizados como geradores de violência, têm práticas e representações violentas (Garriga Zucal, 2013).

2
A violência na visão dos torcedores organizados

Neste capítulo, expõe-se a opinião de torcedores organizados sobre o que seria violência no futebol brasileiro, ou seja, como eles concebem seus pensamentos sobre a violência e quais são os elementos que sustentam essa visão. Antes, porém, é necessário elucidar alguns aspectos teórico-metodológicos.

Considerações teórico-metodológicas

Inicialmente, nossa intenção ao entrevistar os torcedores organizados foi problematizar o debate sobre a violência no futebol. Ao ouvir os sujeitos que constantemente são responsabilizados pela violência no futebol, seria possível contrapor-se ao "discurso oficial" sobre o assunto, evidenciando pontos contraditórios e/ou pouco discutidos. Dessa maneira, entrevistamos pessoas oficialmente filiadas às torcidas organizadas do São Paulo Futebol Clube,[1] verificando quais eram os sentidos de violência mais frequentes em suas falas.

1. Trata-se das torcidas Tricolor Independente, Dragões da Real e Falange Tricolor.

A abordagem das entrevistas foi norteada pelos preceitos da análise de discurso de linha francesa.[2] As entrevistas forneceram um material bruto linguístico, cuja análise buscou identificar regularidades nas diversas falas, culminando na tipificação dos discursos acerca da violência (Pêcheux, 1969, 1975; Orlandi, 2006, 2007; Charaudeau, 2009).

A segunda consideração a fazer diz respeito à existência de relações de força e sentido nos discursos. Há discursos com maior peso e validade no universo do futebol. Partindo desse pressuposto, acreditamos que atualmente os discursos dos torcedores organizados têm menor peso e validade no debate sobre violência no futebol do que os discursos de jornalistas, policiais, federações e estudiosos.

Do ponto de vista da validade, os discursos jornalísticos, embora muito opinativos e especulativos (carecendo, por consequência, de base empírica e investigativa), acabam sendo centrais no debate sobre o assunto, em razão de sua grande audiência. Essa centralidade relega a um plano secundário os demais discursos, entre eles os científicos (Alabarces, 2013), contribuindo não só para a manutenção do *status quo,* mas também para um debate que, além de enviesado, revela pouca compreensão sobre a violência.

Análise das entrevistas

Realizadas as entrevistas com os torcedores organizados, procedeu-se à sua transcrição na íntegra, procurando reproduzir até mesmo os "erros" comumente encontrados na linguagem informal. Em uma primeira leitura das transcrições, buscou-se as paráfrases[3]

2. A análise de discurso é tanto um procedimento analítico quanto um postulado teórico, que dispõe de rede conceitual específica. Para mais detalhes, ver Orlandi (2007).
3. Com base em um pressuposto polissêmico – isto é, a multiplicidade de sentidos que uma palavra pode conter –, a paráfrase é o conceito da análise de discurso cuja função é restringir o significado de determinada palavra. Dito

dos discursos, por meio das quais foi possível verificar que a palavra "violência" tem diferentes referências, aproximações, substituições, que determinam o sentido que cada entrevistado atribui ao termo.

Durante a entrevista, cada participante substituía, relacionava ou aproximava o termo "violência" de outras palavras ou frases contidas em uma lista. Ao responder à questão "O que é violência?", o entrevistado escolhia a opção que ele próprio considerava mais próxima do verdadeiro, do real sentido da palavra "violência". A seguir, a Imagem 2 mostra a quais outras onze palavras ou frases um entrevistado relacionou, substituiu ou aproximou o termo "violência".

O QUE É VIOLÊNCIA?

1) BRIGA
2) CONFUSÃO
3) VÃO PRA CIMA
4) CONFLITOS
5) PEGARAM ALGUÉM
6) TIRAR A CAMISA DO OUTRO
7) BOTAR FOGO
8) MATARAM
9) MORREU
10) POLÍCIA DENTRO DO ESTÁDIO
11) PEGARAM BANDEIRA
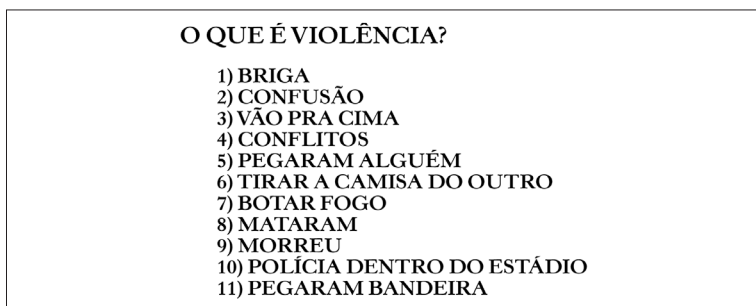
Imagem 2 – Modelo de identificação das paráfrases de um participante do estudo

Com base na busca por paráfrases, pôde-se verificar quais eram os sentidos de violência mais frequentes nos discursos dos torcedores organizados. No total, foram encontrados 156 sentidos de violência em todas as entrevistas realizadas. Obviamente que alguns desses sentidos se repetiriam ao longo das entrevistas.

---

de outro modo, ela serve para fechar o sentido da palavra. No contexto desta investigação, a paráfrase determina o que seria a violência. Por exemplo, em enunciados como "violência é matar", "roubar também é violência" e "corrupção é violência", os enunciadores restringiram o sentido de violência a matar, roubar e corrupção.

Os quatro principais discursos

Após essa primeira etapa analítica, os 156 sentidos de violência foram aglutinados a fim de estabelecer os discursos. Como resultado dessa aglutinação, foi possível chegar a quatro principais discursos sobre a violência na opinião dos torcedores organizados. Logo, todos os 156 sentidos produzidos pelos torcedores entrevistados podem ser sintetizados nesses quatro discursos.

Esquematicamente, pode-se afirmar que, para o torcedor, a violência no futebol é composta basicamente de quatro tipos de discurso – D(1), D(2), D(3) e D(4) –, conforme ilustra a Imagem 3 a seguir.
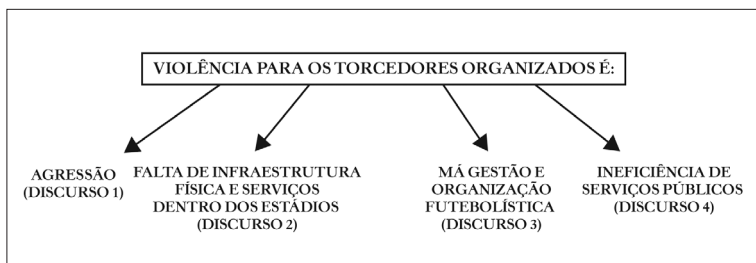
Imagem 3 – Sentidos de violência produzidos pelos torcedores organizados

Esses discursos têm relação entre si e elementos internos que justificam sua existência. Antes de explicitá-los, é preciso mencionar dois mecanismos linguísticos que apareceram com muita frequência nas entrevistas e que ajudam a compreender a visão dos torcedores organizados, expressa pelas quatro formas de violência no futebol brasileiro.

Em linhas gerais, o primeiro mecanismo linguístico consiste na produção de mais de um sentido de violência (durante a entrevista, o participante produziu mais de um sentido de violência). Já o segundo mecanismo corresponde à utilização de diferentes tipos de enunciado (os entrevistados, para produzir diferentes sentidos de violência, recorriam a diferentes tipos de enunciado).

A produção de diferentes sentidos de violência

O primeiro mecanismo linguístico permite compreender que os quatro discursos sobre a violência estão interconectados, visto que, no decorrer da entrevista, os participantes não expressavam somente um discurso (um sentido de violência) de modo absoluto, mas transitavam entre os diferentes discursos. Isso significa que, durante as entrevistas, os torcedores organizados privilegiavam determinado(s) sentido(s) de violência, dependendo de diversos fatores.[4]

Por exemplo, Fabrício,[5] um de nossos entrevistados, quando questionado sobre o que seria violência no futebol, responde o seguinte:

> "Violência no futebol… ingresso abusivo é uma violência. Pra mim é uma violência polícia despreparada. No Rio de Janeiro tem o Gepe, que é a polícia que cuida das torcida organizada, os cara escolta, você vai lá, o cara revista, o cara num é malandrão… os polícia, aqui, trabalha mal-humorado, trabalha na folga, cansado. O cara qué descontá tudo no torcedor. O campeonato começa, você num sabe se o time caiu, se tá rebaixado, se vai subir, o que que vai acontecê, desorganização no futebol, pra mim, é uma violência."

Analisando esta resposta, percebe-se que o entrevistado atribui três sentidos à violência que podem ser caracterizados como: a) ingresso abusivo; b) polícia despreparada; c) desorganização no futebol. Esses sentidos de violência (a, b, c) apontados pelo entre-

---

4. Com base nos conceitos da análise de discurso de linha francesa, como imagem, formação discursiva, memória discursiva, esquecimentos e silêncio, reconhecemos que vários fatores podem interferir na produção dos discursos: momento e local da entrevista, proximidade entre entrevistado e entrevistador, concepções dos envolvidos sobre o assunto etc. Para mais detalhes, ver Orlandi (2007).
5. Por motivos éticos, o nome dos entrevistados é fictício.

vistado seriam enquadrados, respectivamente, nos discursos 3, 4 e 3, ou D(3), D(4) e D(3) (ver Imagem 3).

No decorrer da entrevista, o mesmo entrevistado, ao ser questionado sobre como e por que (desencadeamento e causas) ocorre a violência, dá a seguinte resposta:

> "Por que acontece a violência no futebol? É um bando de babaca, cara. Deveria ser pela rivalidade e tal, mas se você for pensar mesmo, analisar… eu já briguei muito, mas por quê, cara? Por que eu tô fazendo isso? Você mata um cara, o cara tem uma mãe, você vai dar uma pedrada na cabeça do cara, o cara fica internado, perde o emprego… Aí eu num sei, cara, o porquê… Como… como acontece é fácil, né, meu? Basta você vê, encontrar o rival, aí acontece… Agora, o porquê? Num tem um porquê, não."

Neste fragmento o entrevistado responde que a causa da violência (por que ocorre?) seria "sem razão".[6] Sobre o desencadeamento da violência (como ocorre?), ele afirma que a violência acontece ao "encontrar o rival".[7]

Entretanto, quando analisamos conjuntamente as respostas do entrevistado sobre as três perguntas (que é, como e por que ocorre a violência), revela-se a produção de diferentes sentidos de violência. Ou seja, os sentidos de violência produzidos em cada uma das questões são diferentes.

Na pergunta sobre o que é violência, o entrevistado produziu sentidos pertencentes aos discursos 3 e 4 (má gestão/organização do futebol e ineficiência de serviços públicos). Porém, ao ser questionado sobre como e por que a violência ocorre, o entrevistado produziu um sentido pertencente ao discurso 1 (agressão).

---

6. Essa consideração fica evidente no trecho: "[…] Agora, o porquê? Num tem um porquê, não".
7. Essa consideração traduz-se no seguinte trecho de sua fala: "Como… como acontece é fácil, né, meu? Basta você ver, encontrar o rival, aí acontece".

Esquematicamente, a Imagem 4, a seguir, mostra o que é a violência para esse entrevistado.

Imagem 4 – Análise dos sentidos de violência produzidos por um entrevistado

Esse exemplo comprova que os entrevistados atribuíam diferentes sentidos ao fenômeno da violência ao longo de suas entrevistas. Essa situação, ocorrida em todas as entrevistas realizadas, demonstra que em determinados momentos o entrevistado privilegiava um sentido de violência em detrimento de outros.

A utilização de diferentes enunciados na produção de sentidos da violência

O segundo mecanismo linguístico consiste na utilização de diferentes tipos de enunciados para produzir diferentes sentidos. Existem três tipos de enunciado: elocutivo, alocutivo ou delocutivo. Para melhor elucidá-los, devemos considerar as entidades envolvidas em um processo discursivo: aquele que fala (entrevistado), aquele a quem se fala (entrevistador) e aquilo ou aquele de quem se fala (referente, assunto da entrevista).

Um enunciado elocutivo enfocará aquele que fala como ator principal, parte integrante da ação. Ou seja, nesse tipo de enunciado, é o entrevistado que se evidencia na própria construção linguística (por exemplo, "eu sou", "nós somos", "eu fiz", "nós fizemos", "a gente fez"). Já o segundo tipo, o enunciado alocutivo, tem seu foco naquele a quem se fala (por exemplo, "pense você",

"imagine você a situação"). Por fim, o enunciado delocutivo está voltado para aquilo ou aquele de quem se fala. Esse tipo de enunciado implica certo afastamento ou distância do enunciador em relação ao que ele fala (por exemplo, "eles vieram", "ela chegou", "o homem saiu", "isso é bom").

No contexto dos discursos sobre a violência, surge uma questão: como um entrevistado fala sobre má gestão e de brigas no futebol, tratando ambas as manifestações como formas de violência? Isso se torna possível justamente pela mudança linguística de enunciados.

Para falar sobre a violência nos sentidos X (ineficiência de serviços públicos, má gestão do futebol e precariedade de infraestrutura física e serviços dentro do estádio) e Y (agressão), o enunciador realiza a mudança de enunciado. Nos sentidos X de violência, ele é vítima, não é responsável. Portanto, o entrevistado pode falar sobre essas formas de violência, denunciá-las. O enunciador fala e ao mesmo tempo marca seu próprio distanciamento da questão, já que não é responsável por ela.

Por essa razão, nos enunciados delocutivos produzidos pelos torcedores aparecem palavras ou expressões que designam os possíveis responsáveis por situações que fogem da responsabilidade e do alcance da torcida organizada, como "ela" (referindo-se à gestão do futebol, polícia, CBF, FPF, mídia) ou "eles" (referindo-se a cartolas, policiais, jornalistas). Pode-se observar tal situação nas falas a seguir:

> "Aqui é ao contrário, eles usam um cassetete e abre aquele clarão, fica correndo todo mundo, certo?" (Nílson)

> "Porque aqui eles proíbem a festa. Aqui é proibido os mastros de bandeira." (Daniel)

> "Talvez seja justamente isso que eu sinto, é o que eles querem que eu sinta, até de parar de ir para a organizada, pelo fato de como a

gente é tratado, né? Nos estádios, é tratado como bicho, né? Não só o torcedor organizado." (Ricardo)

"Eles não tão nem aí, eles quer saber é de dinheiro. Ultimamente, o futebol tá isso, eles quer saber é de dinheiro, entendeu?" (Robson)

Nesses trechos, nota-se que os torcedores organizados atribuem a culpa por algumas situações a outros atores do futebol (polícia, federações, emissoras de televisão etc.). Os entrevistados denunciavam esses sentidos de violência e ao mesmo tempo responsabilizavam outros atores ("eles", "os caras", "a sociedade"), eximindo as torcidas organizadas de culpa nessas situações.

Já nos sentidos Y de violência (agressão), os entrevistados utilizavam, majoritariamente, enunciados elocutivos, colocando-se no centro do processo discursivo. Ou seja, o entrevistado se apresentava como protagonista da ação ou do fato, utilizando vocábulos, como "eu", "nós" e "a gente". Essa escolha linguística demarca o pertencimento, a filiação do sujeito a esse sentido de violência, como exemplificam os fragmentos a seguir.

"[...] na hora do tumulto daquele lá, eu levei elas lá pra cima, minhas duas filha e minha esposa, deixei lá em cima e desci pra briga também." (Fabrício)

"Lá, a gente sempre foi soberano sobre eles, nunca... Nós lá era briga de torcida, era nós e a Gaviões, e até hoje é." (Fabrício)

"[...] aí você ia sentando sem camisa e ia juntando, o bonde ia crescendo, e aí, quando via, nós invadia. Aí nós pegava os caras, pô, aquilo era legal, aí invadia a torcida dos cara [...] Nós agora que tá mais tiozinho, a gente vai mais tranquilo, antigamente, não, antigamente, nós ia pro racha, ia pro pau." (Bernardo)

> "Uma vez, quando um membro entrou do lado errado da torcida do SPFC... aí eu agredi também." (Lucas)

> "A gente não ia só pra conversar... depois do susto que eles deram na gente." (Francisco)

> "[...] e eu também não vou falar que nós somos anjinho, não, que a gente também não somos anjinho, entendeu? Se vim pra cima também, o bicho pega." (Robson)

Nesses enunciados, nota-se a predominância da primeira pessoa do singular ou do plural ("eu" e "nós"), o que reforça a reivindicação do protagonismo da ação por parte desses enunciadores, uma vez que se consideram os principais agentes desses atos.

Discussão dos quatro principais discursos

Neste tópico, discutiremos especificamente cada um dos quatro principais discursos sobre a violência – D(1), D(2), D(3) e D(4) – produzidos pelos membros de torcidas organizadas do São Paulo Futebol Clube.

D(1) – agressão

O primeiro discurso sobre a violência no futebol, ou D(1), contempla a agressão e subdivide-se em dois tipos: agressão física e agressão simbólica. Reiteramos que o termo "violência" não é aqui empregado para denominar o D(1), pois consideramos que o fenômeno da violência não pode se restringir a confrontos físicos, agressões. Tal decisão baseia-se na necessidade de ampliação do conceito de violência para além da agressão, conforme propõe o referencial teórico galtuniano. A seguir, a Imagem 5, mostra esquematicamente os tipos de agressão pertencentes ao D(1).

Imagem 5 – Tipos de agressão provenientes da análise das paráfrases pertencentes ao D(1)

Esse discurso produziu 106 paráfrases, das quais 93 foram geradas pela agressão física e 13 pela agressão simbólica. Ressalte-se que D(1) foi o discurso que apresentou a maior produção de paráfrases. A seguir, apresentamos algumas paráfrases produzidas pela agressão física:

- "agredir" e seus derivados ("agredida", "agredi", "agredido", "agressão")
- "briga" e seus derivados ("brigou", "brigaiada", "brigador", "briguenta")
- "matar" e seus derivados ("morte", "morrer", "matou", "se matem", "matança")
- "pegar", "ir pra cima", "tacar uma bomba"
- "apanhar", "soco na cara", "pau quebrar"
- "dar pedrada", "dar tiro", "dar um tapa"
- "luta", "sair no pau", "chute", "porrada"
- "emboscada", "fazer um esquema" (ou "fazer um esqueminha")[8]
- "assalto", "roubo"

Essas paráfrases consideram que a violência no futebol poderia ser representada pela agressão física, abrangendo tanto ações ("agredir", "brigar") quanto fatos ocorridos ("agredida", "pau quebrou").

8. Termo nativo utilizado pelos torcedores organizados para designar a realização de uma emboscada para a torcida adversária. "Fazer um esquema" consiste em especular o horário de encontro dos torcedores rivais, para depois surpreendê-los naquele local com um maior número de pessoas.

Já as paráfrases produzidas no caso da agressão simbólica representam ações realizadas por indivíduo identificável ou não. A seguir, estão algumas das treze paráfrases produzidas pela agressão simbólica:

- "provocar"
- "xingar" e seus derivados ("xingando", "xingamentos")
- "mexer com outra pessoa"
- "zoar alguém", "ser zoado"
- "tacar fogo na bandeira"

Julgamos que a análise do discurso da agressão pode contribuir em muito para o estudo e o debate sobre a violência no futebol, dada a relevância do tema. Conforme será explicitado mais adiante, os torcedores organizados têm visão diferenciada acerca da agressão. Todavia, para facilitar a compreensão de como se constitui essa visão específica do torcedor organizado, é preciso relacionar os dizeres por eles produzidos com outros discursos. Para tanto, recorreu-se ao conceito de formação discursiva (FD),[9] proveniente da análise de discurso de linha francesa.

De maneira geral, pode-se definir formações discursivas como formulações mais genéricas, das quais os discursos irão aproximar-se, filiar-se. Para que esse conceito fique mais claro, propomos uma análise do enunciado "sou a favor da igualdade", proferido por dois enunciadores distintos (A e B) em um contexto de discussão sobre a efetividade ou não de cotas estudantis. A função dessa análise é descobrir quais são os sentidos da palavra "igualdade" para os dois enunciadores.

9. Brandão (1995, p.39) define formação discursiva como "um espaço em que enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade". Sendo assim, no interior (dentro) de uma formação discursiva ocorrem as paráfrases (mecanismo de fechamento do sentido). Por essa razão, em determinada conjuntura, a formação discursiva determina "o que pode e o que deve ser dito" (Pêcheux, 1995, p.160).

Segundo os preceitos da análise de discurso de linha francesa, a paráfrase irá conduzir a busca pelo sentido da palavra "igualdade", já que não sabemos de antemão o seu significado para ambos os enunciadores. Por meio da análise das paráfrases ao longo de todo o processo discursivo, descobrimos que o sentido de "igualdade" atribuído pelo enunciador A é: "sou contra as cotas". Já, para o enunciador B, é: "sou a favor das cotas".

Este exemplo confirma que os dois enunciadores, embora tenham dito a mesma frase ("sou a favor da igualdade"), têm opiniões e pressupostos diferentes sobre a questão das cotas. Logo, os discursos que produzem os dizeres de A e B também são distintos, uma vez que A e B se filiam, se aproximam de diferentes formações discursivas.[10]

No contexto de discussão deste livro, as opiniões expressas pelos torcedores organizados sobre a violência no futebol concordariam com a formação discursiva à qual se filiam. No que diz respeito à agressão, estabelecemos que a formação discursiva defendida pelos torcedores organizados pode ser expressa da seguinte maneira:

FD(1): a agressão é justificável/aceitável

A FD(1) é a formação discursiva defendida pelos torcedores organizados, e se opõe fundamentalmente a outra formação discursiva – a FD adversária, que será denominada FD(2). A FD(2) tem ampla circulação, sobretudo no campo discursivo da mídia, sendo transmitida, em grande medida, pelos meios de comunicação. Pode ser expressa como:

FD(2): a agressão é injustificável/inaceitável

---

10. Em nossa análise, diríamos que o enunciador A aproxima-se de uma formação discursiva caracterizada como "conservadora", enquanto B aproxima-se de uma formação discursiva "progressista".

Oposição fundamental de discursos – FD(1) × FD(2)

Como se afirmou anteriormente, as duas formações discursivas aqui expressas são diametralmente opostas. Isso significa que as opiniões filiadas a uma FD serão automaticamente rechaçadas pela outra. A Imagem 6, a seguir, mostra o esquema dessa oposição entre FD(1) e FD(2).
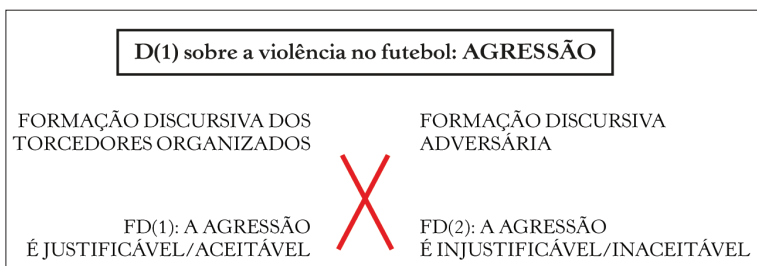
Imagem 6 – Formações discursivas identificadas no D(1): agressão

Assim como ocorreu com o termo "igualdade" no exemplo anterior, tal oposição de discursos também perpassa todo o processo de atribuição de significado de alguns termos que são utilizados tanto na formação discursiva dos torcedores organizados, ou FD(1), quanto na formação discursiva adversária, ou FD(2).

Cabe agora detalhar cada formação discursiva, a começar pela FD(1), a defendida pelos torcedores organizados.

FD(1): a agressão é justificável/aceitável

Essa formação discursiva contém em si três discursos – d(1), d(2), d(3) – que alicerçam sua existência. Dito de outro modo, a formação discursiva dos torcedores organizados acerca das causas da agressão – FD(2) – pode ser sintetizada em três discursos, os quais apresentam as razões, explicam por que alguns torcedores organizados consideram a agressão justificável ou aceitável. Os discursos que fundamentam a FD(1) podem ser expressos como:

d(1): historicidade dos confrontos envolvendo torcidas organizadas
d(2): forma de defesa a um ataque anterior
d(3): a violência[11] é da sociedade

É preciso salientar que o d(1), discurso fundamentador da formação discursiva defendida pelos torcedores organizados, tem uma justificativa para a atribuição de significado à agressão. Segundo esses torcedores, rivalidade e/ou vingança são as causas dos confrontos entre torcidas organizadas. Dessa maneira, rivalidade e/ou vingança explicariam a existência de um histórico de confrontos envolvendo torcedores organizados.

A seguir, a Imagem 7 apresenta um esquema geral da FD(1), indicando os discursos que fundamentam essa formação discursiva.
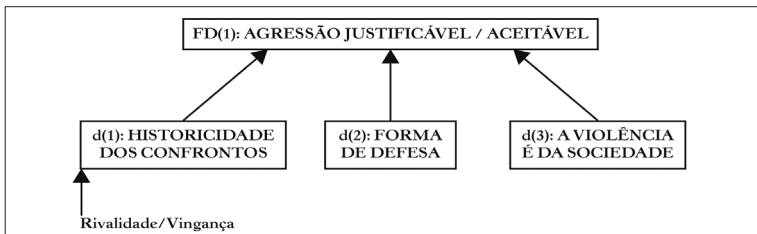
Imagem 7 – Discursos fundamentadores da FD(1)

Para a compreensão cabal da FD(1), cumpre reiterar a necessidade indispensável de entender que os três discursos que lhe dão sustentação constituem os argumentos que, na visão dos torcedores organizados, tornam a agressão justificável ou aceitável. Ou seja, na opinião dos torcedores organizados, esses três elementos dão sentido, tornam válida a agressão. São, portanto, elementos racionalizadores da violência.

11. A palavra "violência" foi mantida no d(3), porque se constitui em elemento gerador, fundador desse discurso. Embora os entrevistados utilizassem a palavra "violência", suas paráfrases na verdade se referiam à agressão. Ou seja, as palavras utilizadas eram pertencentes ao discurso da agressão, ou D(1), como "soco", "briga", "chute", "luta". Dessa maneira, não seria possível a substituição da palavra "violência" por outra (no caso, "agressão").

Para elucidar tal raciocínio, é útil resgatar a analogia construída por Galtung (1990) sobre a validade de atos violentos. Nela, o autor utiliza as cores de um semáforo de trânsito para mostrar como ocorre o julgamento social da violência. Um ato considerado errado, proibido, inválido recebe a cor vermelha. A cor amarela designa um ato aceitável, compreensível. Por fim, a cor verde representa um ato permitido, certo, correto.

Tendo em vista esse julgamento acerca da violência, na concepção dos torcedores entrevistados, os confrontos entre torcidas organizadas rivais receberiam a cor verde ou amarela na analogia galtungiana, isto é, seriam corretos ou aceitáveis/compreensíveis.

O estudo de Garriga Zucal (2010) também pode auxiliar na compreensão do assunto, ao destacar que as *hinchadas*[12] argentinas veem os confrontos violentos como algo positivo. Os membros de *hinchadas* atribuem cor verde às práticas violentas, pelo fato de que tais atos estão em conformidade com o horizonte moral compartilhado por esses grupos, o *aguante*.[13] Os membros das *hinchadas* não só querem brigar, como também precisam disso, porque, para eles, é somente por meio de confrontos físicos que se demonstra a posse do *aguante* (um bem simbólico). Como esse é um código compartilhado entre *hinchadas*, não há denúncias à polícia sobre os confrontos físicos envolvendo tais grupos, uma vez que ambas as partes em conflito assumem de antemão os possíveis resultados. Denunciar um enfrentamento não apenas fere o código, como demonstra falta de *aguante* (Garriga Zucal, 2010).

12. Utilizou-se o termo "*hinchadas*" em vez de "*barra brava*", basicamente por duas razões. Primeiro, é que *hinchada* (torcida) constitui uma categoria nativa, com a qual os próprios *hinchas* (torcedores) se identificam. Segundo, é que o termo "*barra brava*" contém viés estigmatizante (Cabrera, 2012; Lopes, 2012).
13. Etimologicamente, "*aguantar*" significa aguentar, suportar. Um *hincha* deve aguentar, resistir às diversas dificuldades enfrentadas (frio, chuva, sono, viagens inclusive confrontos físicos). O conceito de *aguante* constitui uma identidade de gênero que conjuga corpo, práticas e experiências (Alabarces; Garriga Zucal, 2007).

Em decorrência de seu julgamento social sobre o fenômeno da violência, as torcidas organizadas têm concepções distintas das opiniões dos demais atores do futebol (mídia, polícia, torcedores comuns, jornalistas) no que se refere à agressão. Ou seja, não enxergam a agressão como algo estritamente ilegítimo, inválido, negativo, incorreto. Em algumas situações, momentos, contextos, a agressão se torna válida, justificável e/ou aceitável, como nas situações que se enquadram no d(2) – forma de defesa a um ataque anterior.

Considerando que o julgamento social da violência difere de uma torcida organizada para outra, pode-se compreender melhor algumas lógicas dessas torcidas. Exemplo disso é um enunciado que surge com frequência quando se fala de violência com os membros dessas instituições: "a torcida não age, reage". Ou seja, em situações em que a torcida é atacada, responder com violência torna-se legítimo, válido, aceitável, compreensível, justificável.

A partir da compreensão desse ponto, pode-se começar a esmiuçar os elementos internos dos discursos que tornam a agressão justificável ou aceitável.

Inicialmente, é preciso ressaltar que os d(1) e d(2) – respectivamente, historicidade dos confrontos e forma de defesa – justificam a agressão, tentando lhe atribuir sentido (que é negado pela formação discursiva adversária). Já o d(3) – a violência é da sociedade – pretende minimizar e relativizar os casos de agressão física e simbólica entre torcidas, situando-os em um cenário de violência mais amplo, caracterizado como endêmico e global.

Para dar início à abordagem dos discursos que justificam a violência,[14] mencionemos o trecho de uma entrevista em que o d(1) – historicidade dos confrontos entre torcidas organizadas – surge de forma inequívoca. O torcedor Nílson, quando questionado sobre a causa dos confrontos entre torcidas organizadas, responde que eles ocorrem:

14. Isto é, d(1) – historicidade dos confrontos – e d(2) – forma de defesa a um ataque anterior.

> "Porque ali já tem alguma história, eles já brigaram alguma outra vez, já pegaram alguém na rua... às vezes pega um amigo em uns trinta, aí os caras vão lá para vingar os caras, e é assim que acontece."

Este trecho ilustra bem o fato de que as torcidas organizadas estabeleceram, ao longo de sua história, alianças ou confrontos com outras torcidas. Cada torcida organizada tem história própria, que é ligada, mas não dependente da história do clube ao qual dá seu apoio. Esse é um fator importante que, no entanto, não costuma ser abordado nas discussões envolvendo confrontos físicos entre torcidas organizadas.

A respeito disso, é interessante destacar um caso que ganhou grande repercussão nacional: a briga entre torcedores do Vasco da Gama e do Atlético Paranaense dentro do estádio, em partida válida pela última rodada do Campeonato Brasileiro de 2013. Na época do confronto, algumas análises e opiniões revelaram espanto com o fato, pois argumentavam que Vasco e Atlético Paranaense não tinham histórico de rivalidade entre si (não são clubes do mesmo estado, tampouco jogaram partidas decisivas ao longo de sua história) que justificasse aquele confronto.

Embora tais análises tenham apresentado argumentos plausíveis, elas partiram de um pressuposto equivocado, já que os confrontos entre torcidas organizadas não ocorrem somente por causa da paixão clubística. Partindo de um diagnóstico equivocado, essas análises não foram capazes de compreender as reais causas daquele enfrentamento, porque não levaram em conta a história das torcidas organizadas. É preciso considerar que cada torcida organizada mantém suas próprias rivalidades e alianças, que não obedecem exclusivamente à lógica do clube.

A definição de rivalidade entre torcidas organizadas envolve fatores correlacionados, pertencentes aos âmbitos esportivo e institucional. O primeiro está ligado ao clube que a torcida apoia, ao passo que o segundo se refere à história da própria torcida organizada.

No âmbito esportivo, o aumento do número de jogos entre duas equipes, a disputa por títulos ou jogos decisivos e até mesmo a contratação de jogadores são elementos que colaboram para essa rivalidade. Um exemplo recente é a rivalidade entre SPFC e Corinthians.[15] No fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, foram constantes as disputas de partidas decisivas entre os dois clubes, tanto em campeonatos regionais quanto nacionais, fato que contribuiu para o acirramento da rivalidade entre eles.

Essa rivalidade cresceu tanto que torcedores corintianos afirmam com certa frequência que o maior rival de sua equipe deixou de ser o Palmeiras e passou a ser o São Paulo Futebol Clube. Essa afirmativa também pode ser percebida no discurso dos torcedores organizados do SPFC, a exemplo de Elias, que, ao ser questionado sobre quem era o maior rival de sua equipe, responde:

> "É... o... o Corinthians, pelo tamanho da torcida e pelos últimos vinte anos. Há uma disputa muito grande em campeonatos, então acaba tendo essa rivalidade que não era assim. Até os anos 70, 80, era diferente. Em relação à torcida, quanto maior você vai ficando, mais vai incomodando, então acaba criando sempre esse atrito. Isso aí é uma coisa que acaba acontecendo naturalmente."

No âmbito da rivalidade institucional, os torcedores organizados afirmam que só o fato de determinada torcida ser rival é justificativa para a ocorrência de confrontos físicos. Ou seja, a agressão contra torcedores organizados de time rival é aceitável ou justificável, afinal são vistos como inimigos apenas porque são membros de uma torcida adversária. Dessa maneira, quando os entrevistados eram inquiridos sobre as causas dos confrontos entre torcidas organizadas, eles respondiam que:

---

15. Historicamente, o principal rival do Corinthians é o Palmeiras. Essa rivalidade tem raízes na própria fundação dos clubes. Entretanto, ao longo dos anos 2000 e 2010, alguns torcedores já apontavam o SPFC como sendo o principal rival do Corinthians. Para mais detalhes, veja Napoleão (2001).

> “Ahhh, entre torcidas, brigas normais, confrontos que aconteceram. Não precisa ter um porquê, um motivo, o porquê já foi escrito na história, lá… no início das torcidas, quem começou com esta briga não fui eu, não foi ele. Foi os caras lá atrás em 84, quando fundou a Dragões.” (Filipe)

> “Não pode ver um outro grupo rival… quando eles veem, eles partem para cima. Então, quando vê um grupo do Palmeiras ou do Corinthians, eles vão pra cima.” (Nílson)

> “[…] quando é seu rival, é seu rival, e você acaba não… não… não tendo simpatia. Você quer o melhor para o seu clube e o pior para o outro. Isso é um fator natural. E com as torcidas, no quadro das torcidas, acaba sendo isso mesmo”. (Lucas)

Em alguns casos, a rivalidade entre torcidas organizadas é de tal forma acirrada que, para certas partidas, há um trabalho específico da torcida organizada para recrutar pessoas que estejam prontas, aptas para o confronto físico, caso seja necessário. A respeito do assunto, Fabrício afirma:

> “[…] vamos supor… vai jogar SPFC e Vasco em Brasília, a torcida já faz um trabalho... que é pra levar os cara grande, forte, os cara que têm o conceito dentro da torcida, levar o maior número de pessoas, porque os cara é rival nosso.”

A rivalidade entre torcidas organizadas também está ligada à manutenção da reputação coletiva (Spaaij, 2008). As torcidas organizadas estariam envolvidas em um processo de gerenciamento de seu próprio nome, reputação e *status* no ambiente agremiativo. Sendo assim, alguns membros de torcidas organizadas tentam ser bem-sucedidos nas disputas simbólicas, discursivas e físicas presentes no cotidiano das torcidas.

As disputas simbólicas implicam a luta pela obtenção de um bem simbólico, como o *status*, a reputação da torcida. As

disputas discursivas se manifestam pela constante afirmação e reafirmação discursiva dos próprios sucessos, bem como dos fracassos alheios (tradicionalmente, as músicas das torcidas organizadas retratam essa batalha discursiva, como será visto adiante). Por fim, as disputas físicas têm em vista o sucesso de uma torcida nos confrontos físicos violentos.

Sobre as disputas físicas, seu sucesso provém de não correr, de não fugir de tais confrontos. Fugir é um ato que determina o fim de um enfrentamento físico e o reconhecimento da própria desvantagem. Por essa lógica, o ato de correr representaria dano à reputação coletiva da torcida organizada, pois implica reconhecer a superioridade da torcida rival. Consequentemente, correr ou fugir influencia a reputação da torcida adversária.

Esse jogo de gerenciamento da reputação de uma torcida organizada verificou-se em um trecho de entrevista em que um torcedor menciona a existência de piadas, sátiras e insultos dirigidos às torcidas que correm de um confronto violento:

> "Ahhhh, existe provocação, sim… ainda mais agora com a moda da internet aí. No Orkut aí, você entrava lá nas comunidade, os cara: 'a Independente correu na Zona Norte', 'a Independente apanhou num sei onde…'. Os cara às vezes até ligava, os que tinha Nextel ligava marcando briga, falando que correu, que deu W.O." (Fabrício)

A disputa pela manutenção da reputação coletiva (Spaaij, 2008) também gera, por vezes, a apropriação da agressão como "constitutiva", como "marca da torcida". As músicas entoadas pelas torcidas organizadas desempenham essa função. Além de reivindicarem a agressão como parte da identidade, algo constitutivo da torcida, suas letras também servem para evidenciar ocorrências de confrontos físicos nos quais a torcida obteve sucesso. Isso pode ser observado nas seguintes letras:

"Vou acabar... com a porcomania
É a ordem do dia, porque ser palmeirense
nunca foi fama de ser mau...
Se não der na mão, eu brigo até de pau...
Pode vir todo mundo, que eu não temo ninguém,
sou Independente, mato um, mato cem.
Não se preocupem, amigos, que a paz vai voltar.
Com a galinhada, eu prometo acabar."

"Vou passar mais uma vez,
e a porrada vai rolar
e a Independente, mais uma vez,
vai predominar
no palco nacional dos galinhões.
Nunca mais vou me esquecer,
sacudimos estes cuzões.
Foi nessa estrada maravilhosa
que a Jovem cu correu.
Vou jogar bombas, amor,
vou de peixeira,
vou dar porrada na torcida do Palmeiras."

"Ei, alô, porcada, alô, torcida de cuzão,
pra encarar a Independente, tem que ter disposição.
Vem a Mancha cu, os galinha são corredor.
Eu sou da Independente, a mais temida, o terror.
Ei, porcooô, deixa de caô,
eu sou da Independente, a mais temida, o terror.
Ei, porcooô, deixa de caô,
eu sou da Independente, a mais temida, o terror.
Não somos gari, mas varremos geral.
Independente, o bonde do mal."

"Não dá pra esconder.
Eu persigo só você, gambá.

Não dá, não dá, não dá, não dá.
Não dá pra esconder.
Eu persigo só você, gambá.
Não dá, não dá, não dá.
Só sei que os porco estremece.
A Jovem desaparece,
inconscientemente, a gente espanca,
as mãozinha já não se balança,
os bambu já não existe mais.
Só sei que a Independente é ruim demais.
Eô, eô, sou da Independente, o seu terror."

"Ô Força! Força, fala pra mim,
fala por que você correu de mim
(então diga) diga, porque será,
ponha suas mãozinhas para o ar.
Sumiu bambu e também sua faixinha!"

"Eu sou, eu sou Dragões Real,
torcida de loucão que dá porrada em gavião!"

Essas letras demonstram a reivindicação da agressão como algo "constitutivo" da torcida, evidenciada sobretudo pela utilização de enunciados elocutivos.[16] As letras também revelam práticas das torcidas organizadas relacionadas com a violência, como a utilização de armas nos confrontos físicos ("vou jogar bombas, amor, vou de peixeira"), o roubo de materiais de outras torcidas ("sumiu bambu e também sua faixinha") e a fuga de um confronto ("fala por que você correu de mim", "a Jovem desaparece"). Além disso,

16. O uso constante de palavras "eu" e "nós" (primeira pessoa do singular e do plural), bem como possíveis variações (por exemplo, "a gente"), denota a inserção do indivíduo nesse cenário de agressão. Desse modo, a presença das palavras "eu" ("eu persigo só você, gambá"), "nós" ("varremos geral") e "a gente" ("a gente espanca") nas letras das músicas ressalta o protagonismo da torcida quando se trata da agressão.

nas letras das músicas estão presentes elementos que foram mencionados nas entrevistas, como rivalidades e denominação pejorativa de torcedores e organizadas rivais,[17] assim como o *status* de uma torcida organizada ("torcida de cuzão", "fama de ser mau" e "a mais temida, o terror").

Pelos elementos apresentados nessas letras, é possível concluir que as músicas das torcidas organizadas são frequentemente utilizadas para a reivindicação da agressão, na medida em que exaltam os feitos de determinada torcida e, ao mesmo tempo, rebaixam, minimizam ou menosprezam as ações de sua rival. Dessa maneira, pode-se sustentar que essas músicas fazem parte das disputas simbólicas, discursivas e físicas desempenhadas pelas torcidas organizadas.

Tais disputas entre torcidas também podem gerar confrontos físicos que acirram a rivalidade e motivam outros confrontos, alimentados pelo desejo de vingança. Assim, por exemplo, se membros de uma torcida organizada se envolvem em uma briga com os da torcida rival e acabam apanhando, eles, como parte agredida, buscarão vingança no próximo encontro. Ou seja, quem "levou a pior" tentará "dar o troco", estabelecendo um círculo vicioso em que a vingança se torna um elemento válido. A esse respeito, Francisco, ao recordar um episódio de confronto entre torcidas no qual seu amigo teve os dentes quebrados, disse o seguinte:

> "Aí é que tá, é aí que começa. Aí quebraram os dentes dele... 'Ahhh, vamos vingar'... vamos pegar alguém e quebrar os dentes do cara também.

17. Para os torcedores comuns do Corinthians, utilizam-se os termos "gambá", "galinha", "gaivota". Para os palmeirenses, são usados "porco", "porcada", "porcaiada", e, para os santistas, "lambari" e "sardinha". Quanto às organizadas rivais, pode-se observar referência à Torcida Jovem do Santos ("a Jovem desaparece") e também à Força Jovem do Vasco ("a Força Jovem é pequenininha").

Sendo assim, em decorrência dos confrontos anteriores, persistem os enfrentamentos atuais entre torcidas organizadas, pautadas pela busca de vingança. Nesse contexto de violenta rivalidade, a vingança seria uma forma de recuperar a honra perdida (Alabarces; Garriga Zucal; Moreira, 2008). Os entrevistados relatam casos motivados por vingança:

> "Então… quando um cara pega um em grupo muito grande na rua, eles querem se vingar dos caras… aí vão voltar pra vingar o cara, vingar o amigo." (Nílson)

> "Geralmente, quando acontece alguma coisa é porque deve ter acontecido alguma briga antes, por questão de bandeira, porque uma pegou a bandeira da outra, ou deixou perto, puxou e rasgou, geralmente é por causa disso." (Ricardo)

> "Ohh… a vingança, ela vem conforme a natureza vem, né, meu? Se você arrancar a vida de um companheiro hoje, amanhã você pode esperar que pode ser que a sua ou de algum outro companheiro seu, então isso daí a natureza cobra mesmo." (Ademar)

Para evidenciar, com base em dados empíricos, a historicidade dos confrontos entre torcidas organizadas, bem como os elementos de rivalidade e vingança, é interessante citar o confronto físico entre palmeirenses e corintianos, ocorrido na Avenida Inajar de Souza, capital paulista, em 2012. O episódio teria sido uma resposta a outro anterior, ocorrido em 2011, que resultou na morte de um torcedor corintiano.[18] Uma análise mais aprofundada desses dois enfrentamentos envolvendo palmeirenses e corintianos indica a possibilidade de que alguns dos participantes do conflito da Inajar de Souza (2012) desejavam vingança. Isso porque um dos

18. Esse torcedor teria sido morto por torcedores palmeirenses, e seu corpo foi jogado no Rio Tietê (Globo, 2011).

palmeirenses mortos nesse confronto era irmão de outro torcedor, que fora baleado na perna esquerda no conflito anterior, de 2011.

Os episódios de vingança são recorrentes, e os próprios torcedores organizados têm consciência disso. Fabrício, por exemplo, declarou que sabia que a vingança viria após a morte do torcedor santista atacado por um grupo de são-paulinos armados com barras de ferro, na Estação da Luz, em São Paulo, tanto é que chegou a mudar um hábito para se precaver:

> "Aí pegaram o menino na Estação da Luz, deram vinte barrada na cabeça dele [...] quando aconteceu isso, eu mesmo num usei a camisa na semana, você sabia que os cara ia cobrar, tanto é que pegaram o menino lá."

Diante do exposto, pode-se afirmar que, na visão dos torcedores, a historicidade dos confrontos físicos entre torcidas e a rivalidade e/ou vingança são elementos que justificam o quadro de violência entre torcidas organizadas.

Por fim, resta mencionar o discurso dos torcedores organizados que tenta relativizar e/ou minimizar a ocorrência de agressões entre torcidas: d(3) – a violência é da sociedade.

Entre os entrevistados, essa argumentação apresentou comparações, relações e contraposições com outras situações sociais, evidenciando um cenário amplo e genérico de violência, dado que, se "a sociedade é violenta", por extensão lógica, o futebol também é. Segundo os torcedores organizados, a violência no futebol seria reflexo de um cotidiano social por eles caracterizado como "problemático", "violento", "agressivo". Os torcedores entrevistados presumiam que os episódios de violência envolvendo agressão física e/ou simbólica também aconteceriam em outros ambientes ou situações (por exemplo, trânsito, família, escolas e festas noturnas); logo, não seriam exclusivos do futebol. Essa consideração pode ser evidenciada na fala de Filipe:

> "Por exemplo, em porta de balada se briga, se morre, e ninguém fala nada, sabe por quê? Futebol tem muito mais repercussão, passa na TV, e não sei o quê. Gera muito mais notícia, é... vou falar de novo destas manifestações, deu este pau todo quebrando, vandalismo, teve um monte de coisa, e aí? Nada. Não tem lei específica pra isso, então isso é uma fatia da sociedade."

Para os entrevistados, outro fator que colabora para a ocorrência desses confrontos seria a própria composição das torcidas organizadas, as quais agregam todos os "tipos" de pessoa. Na concepção dos torcedores, as instituições têm uma composição social diversificada, que inclui tanto os elementos positivos, quanto os negativos de uma sociedade. Essa visão transparece nas falas dos entrevistados:

> "[...] a torcida organizada tem membros da sociedade, tem o pobre, tem o burro, tem o estudante, tem o desempregado, tem o preto, tem o branco. Então a gente tem uma fatia de tudo que é bom, e o que é ruim da sociedade. [...]" (Filipe)

> "Hoje eu acho que é o único lugar que você reúne classes sociais, diferente de outros segmentos. Eu vejo diferencial isso na torcida também. Porque eu acho que tipo se fosse numa balada, numa festa é meio que homogêneo." (Augusto)

> "A torcida é um reflexo da sociedade. Tem bandido, tem vagabundo, mas tem muito cara bom. Tem muito cara bom que tá lá pra torcer, que tá lá pra cantar pro time dele. É o reflexo da sociedade." (Francisco)

Em suma, a argumentação presente no d(3) tenta relativizar e/ou minimizar os episódios de violência física e simbólica entre torcidas organizadas, inserindo-os em um contexto amplo e genérico: a sociedade. Para sustentar tal alegação, boa parte dos torcedores

entrevistados recorria a comparações, relações e contraposições com outras situações sociais.

Após essas considerações sobre a FD(1) – a formação discursiva defendida pelos torcedores organizados –, é preciso salientar que a concepção das torcidas organizadas sobre agressão física e simbólica distingue-se da opinião dos demais atores do futebol. Elas expressam um julgamento social por meio de discursos – d(1), d(2), d(3) – que procuram racionalizar a ocorrência da agressão, ao passo que a formação discursiva adversária – FD(2) – defende posições opostas, como veremos no próximo tópico.

FD(2): a agressão é injustificável/inaceitável

Ao contrário da FD(1), analisada anteriormente, a formação discursiva adversária – FD(2) – contém argumentos que condenam a agressão, sustentando que não se deve "fazer justiça com as próprias mãos", ou seja, não se deve "responder à violência com violência". Dada sua ampla circulação em diversos campos discursivos, em especial nos meios de comunicação, o discurso proveniente da FD(2) está disseminado no cotidiano social, condenando, reprimindo e repelindo, incondicionalmente,[19] os atos de agressão (sobretudo a agressão física).

Para citar um exemplo de julgamento incondicional, no ano de 2014, a população do Rio de Janeiro passou a "fazer justiça com as próprias mãos" e, após o caso do jovem menor de idade que foi acorrentado nu a um poste por três cidadãos, o debate sobre a "onda dos justiceiros" ganhou repercussão nacional. Uma das testemunhas desse episódio divulgou na internet um relato de sua indignação diante do fato, condenando expressamente o ato de "fazer justiça com as próprias mãos":

---

19. Pode-se perceber aqui uma diferença entre FD(1) e FD(2) quanto à avaliação, ao julgamento dos atos de agressão: na FD(2), a agressão é sempre (incondicionalmente) avaliada como algo negativo, inaceitável, errado.

> "Eu não quero saber se ele é bandidinho ou bandidão, você não pode amarrar uma pessoa da rua. Aquela área do Flamengo teve um aumento muito grande de violência e roubos recentemente. Como as coisas não melhoram, um bando de garotões se juntam e começam a fazer justiça com as próprias mãos. Sei que tem muita marginalidade e a polícia é ineficaz, mas você não pode juntar um grupo e começar a executar pessoas."

O discurso de que a agressão é condenável, inaceitável e injustificável passou a ser mais evidente e reproduzido após outro caso de grande repercussão. Em 2014, uma mulher de 33 anos foi linchada por diversos vizinhos na cidade de Guarujá (SP), após ser acusada, injustamente, de sequestrar crianças para a realização de trabalhos de magia negra (Record, 2014).

No contexto futebolístico, a presença do discurso contra a agressão física resta evidente, por exemplo, em um título do programa *Bate-Bola* do canal ESPN, exibido no dia 25 de agosto de 2014: "[Paulo] Calçade não gosta do ambiente do Flu. Apesar da vitória, a violência da torcida é injustificável". A consideração de que a violência é injustificável revela a afiliação desse discurso à FD(2). Há incontáveis exemplos de discursos de jornalistas, radialistas, comentaristas, apresentadores de programas esportivos etc. condenando casos de agressão entre torcidas organizadas com base no entendimento de que tais confrontos são "desprovidos de razão", "sem sentido", "injustificáveis".

Muitos dos discursos filiados à FD(2) recorrem às mesmas denominações pejorativas e estigmatizantes para caracterizar as torcidas organizadas e seus membros ("vândalos", "vagabundos", "marginais" etc.). Trata-se de preconcepções que estabelecem um prejulgamento sobre o torcedor organizado. Tais concepções podem, inclusive, finalizar debates jornalísticos sobre a questão da violência no futebol, pois as altercações prosseguem até "alguém soltar a frase-chavão preferida neste tipo de discussão: eles não são torcedores – 'são vândalos travestidos de torcedores'. Uma frase

definitiva que propaga o silêncio na mesa" (Rossi; Mendes Júnior, 2014, p.242).

De maneira geral, a FD(2) opõe-se e/ou desqualifica os discursos que fundamentam a FD(1), ao desconsiderar os elementos discursivos utilizados pelos torcedores organizados para racionalizar e justificar a agressão, quais sejam, a historicidade dos confrontos entre torcidas – d(1) –, a agressão como forma de revide a um ataque anterior – d(2) – e a caracterização da sociedade como violenta – d(3).

Logo, os discursos que se filiam à FD(2) trazem em geral as seguintes características:

1) Apontam as torcidas organizadas como as únicas responsáveis pela violência no futebol.
2) Estigmatizam os torcedores com diversas adjetivações negativas ("delinquentes", "bandidos", "vândalos").
3) Ressaltam o comportamento das torcidas organizadas como algo prejudicial ao clube de futebol.
4) Concebem a agressão entre torcedores como sem sentido, desprovida de razão, gratuita.

Para demonstrar tais características, citamos, a seguir, alguns trechos de discursos que responsabilizam, estigmatizam, atribuem culpa às torcidas e concebem como "absurdas" as agressões entre torcedores organizados. Trata-se de fragmentos produzidos por jornalistas, comentaristas e apresentadores de programas esportivos e, até mesmo, por um jogador de futebol.

> "E aí uns imbecis, uns babacas, uns caras sem controle, pessoas que não têm respeito pelos outros, que estão comemorando, que estão vivendo verdadeiramente a festa cruzeirense, vão lá e fazem este tipo de espetáculo. É da mesma torcida, não dá pra entender, não tem explicação." (Renata Fan)

"Talvez assim estes trogloditas sintam a gravidade do que fizeram, porque uma vida parece valer pouco para este tipo de gente." (André Rizek)

"É uma ignorância que eu num sei por quê. Vê se alguém quebrou a vitalícia do Corinthians? Veja se alguém quebra a vitalícia do Palmeiras, a vitalícia do Morumbi, ninguém quebra. O cara quebra onde fica a organizada, é lá que tem o quebra-quebra. Quebra-quebra de banheiro, quebraram o banheiro do Corinthians também, não foi só cadeira." (Luiz Ceará)

"Bom, isso na verdade, isso é um baita de um absurdo, coisa que num tem... num tem... num tem sentido, né? [...] Agora, palmeirense bater em palmeirense é demais, né? Num dá pra entender um negócio desse." (Osmar de Oliveira)

"Não bastasse a tragédia de Oruro, não é que organizados corintianos e vascaínos fizeram seus clubes perderem quatro mandos de campo por aquela briga em Brasília? [...] E 'organizados' do Palmeiras não poderiam ferir o clube mais profundamente, desde o ano passado, quando decidiram, na base da violência, mostrar que eram os salvadores da pátria. Por culpa desses 'torcedores', o Palmeiras teve de começar a Série B mandando seus quatro primeiros jogos fora da cidade de São Paulo." (Roberto Avallone)

"As bandeiras brancas que antes tremulavam nas arquibancadas hoje se transformaram em armas brancas nas mãos desses bandidos. Resumidamente, na minha opinião, os integrantes de torcidas organizadas não têm direito sequer de reclamar quando o time perde – tendo em vista que nem ingresso eles pagam – quanto mais agredir ou intimidar jogadores." (Fred)

"Se nenhuma atitude for tomada imediatamente [...] e esses covardes invadirem as Laranjeiras querendo agredir jogador, eu, como capitão do time, vou reunir o grupo, e o Fluminense não en-

trará em campo no próximo domingo para enfrentar o Sport. Eles usam as armas que têm, e nós usaremos as nossas. A diferença é que somos trabalhadores honestos, já eles são a escória da sociedade. Lugar de bandido é na cadeia." (Fred)

Esses fragmentos expressam a concepção contida nos discursos pertencentes à FD(2) de que a agressão entre torcedores organizados seria um retorno à selvageria, uma submissão aos instintos primitivos do ser humano. Por essa razão, diferem totalmente da caracterização realizada pelos próprios torcedores organizados, contida nos discursos fundamentadores da FD(2).

Levando em conta essa oposição fundamental de discursos, o próximo tópico irá tratar, em linhas gerais, das oposições discursivas entre FD(1) e FD(2), apresentando as diferenças na atribuição de significado de alguns termos, bem como os enunciados na negativa.

Oposições na atribuição de significados – FD(1) × FD(2)

No que se refere à oposição de significação entre as formações discursivas – FD(1) e FD(2) –, primeiramente é preciso abordar a expressão "torcida organizada". Para a FD(1), esse termo estaria mais vinculado a significados positivos, uma vez que a torcida organizada seria responsável por "apoiar o time incondicionalmente" e "fazer a festa nos estádios". Já na FD(2), a expressão estaria mais ligada a significados negativos, dado que a torcida organizada seria capaz de "prejudicar o time" ou "pressionar demais o clube".

Essa diferença de significação também pode perpassar posicionamentos sobre a manutenção ou extinção dessas instituições. Não raro, os discursos vinculados à FD(2) defendem a extinção das torcidas organizadas como solução para o problema da agressão entre torcedores organizados. Por outro lado, os discursos pertencentes à FD(1) assumem que o banimento das torcidas organizadas não interfere no cenário de agressão física.

No que diz respeito à significação de uma palavra ou expressão, cabe ressaltar que a principal diferença entre formações discursivas reside no termo "agressão física". Assim, comparando as duas formações discursivas, conclui-se que:

Para a FD(1), agressão física é racional, motivada.
Para a FD(2), agressão física é irracionalidade, imbecilidade, imotivada.

Para a FD(1), agressão física é histórica e contemporânea (faz parte da história do ser humano e da sociedade).
Para a FD(2), agressão física é retorno à selvageria (está ligada ao passado, alheia à civilização).

Para a FD(1), agressão física é necessária em algumas situações.
Para a FD(2), agressão física é desejada e gratuita em todas as situações.

No processo de diferenciação de atribuição de significados em ambas as formações discursivas, surgem enunciados que chamam a atenção. Trata-se dos chamados "enunciados na negativa", dos quais um exemplo clássico, traduzido para o mundo do futebol, seria: "torcida organizada não tem só bandido".

Os enunciados na negativa demonstram dois fatores correlacionados: o combate da FD(1) aos discursos produzidos no âmbito da FD(2), e a incorporação, por parte dos torcedores organizados, de alguns enunciados e/ou significações da formação discursiva adversária. Ou seja, para se definirem, os próprios torcedores organizados por vezes recorrem à negação de características que lhes são atribuídas pela FD(2). Entre os enunciados na negativa que surgiram no discurso dos torcedores entrevistados, pode-se mencionar:

"Num é igual ao Flávio Prado, que só fala 'é tudo vagabundo, tudo bandido, tem que prender todo mundo'. Ele num sabe." (Francisco)

> "A torcida não é este bicho-papão todo [que] a mídia tem o prazer de mostrar." (Daniel)

> "Ahhh... as torcida organizada num é bem-vista, né, cara? Os cara acha que só tem bandido lá. A polícia acha que só tem bandido, polícia acha que na organizada só tem bandido [...] eu mesmo pensava que aqui só tinha maloqueiro aqui, que só tinha bandido... num é assim não, cara." (Fabrício)

Cabe notar que a explicitação do embate de dizeres e significados entre distintas formações discursivas – FD(1) × FD(2) – que acabamos de realizar teve como objetivo elucidar como os torcedores organizados interpretam a agressão entre torcidas de futebol. Os três discursos produzidos pelos torcedores – d(1), d(2) e d(3) – não apenas fundamentam a agressão na história das próprias torcidas organizadas, e possuiria novos episódios decorrentes da rivaidade e/ou vingança. Entre esses elementos, ressalte-se a existência de disputas simbólicas, discursivas e físicas entre torcidas organizadas, visando à manutenção da reputação coletiva de seus grupos.

Por fim, com base nos discursos de torcedores organizados, pudemos compreender um pouco mais sobre as formas de interpretação da agressão física e simbólica por parte desses grupos. Retomando a tríade da violência, agora é possível entender por que o julgamento social acerca da violência difere de acordo com a torcida.

Os membros de torcidas organizadas envolvidos em um confronto físico conhecem, compreendem e aceitam as lógicas ali envolvidas, ao contrário das testemunhas, que as desconhecem e/ou interpretam o confronto como um retorno à selvageria, como algo sem sentido, sem razão de ser. Nessa situação, os envolvidos no conflito geralmente irão se filiar à FD(1), ao passo que as testemunhas irão aderir à FD(2).

D(2) – o discurso da precariedade de infraestrutura física e dos serviços dentro dos estádios

O segundo discurso – D(2) – considera a precariedade ou ausência de infraestrutura física e serviços nos estádios como uma forma de violência. Segundo os entrevistados, essa forma de violência seria uma "falta de respeito ao torcedor", e poderia causar mais violência, sobretudo violência física. No âmbito do D(2) foram produzidas as seguintes paráfrases:

- "Estádio caindo aos pedaços"
- "Estádio descoberto"
- "Tomar chuva"
- "Banheiro porcaria"
- "Banheiro quebrado"
- "Entradas pequenas"
- "Comida ruim"
- "Lanche ruim"
- "Água cara"

Os torcedores entrevistados avaliaram que as instalações e serviços dos estádios precisam ser melhorados. Prova disso é que eram descritos como "precários", "caindo aos pedaços". Isso significa que elementos da infraestrutura física (portões de acesso, catracas, banheiros, bebedouros, assentos etc.), bem como os serviços disponibilizados (área de alimentação, assistência médica emergencial etc.), poderiam ser de melhor qualidade. Tais reivindicações podem ser detectadas nos seguintes trechos de entrevistas:

> "A violência no futebol, eu acho que é uma coisa geral, entendeu? [...] e aí quando você chega no... estádio, entendeu? Você vai no banheiro, tudo quebrado, não tem água." (Bernardo)

> "[...] a dificuldade, às vezes, no acesso ao estádio. Principalmente no SPFC, temos muito problema quanto a isso. Às vezes, o jogo

> com 10, 15 mil pessoas, você tem dificuldade pra ingressar no estádio." (Lucas)

> "Tem muita coisa no estádio pra mudar. Muitas vezes, você vai no estádio e num tem nem água pra você beber." (Alex)

> "Os estádio caindo aos pedaço, estádio nosso... Até o próprio Morumbi já tava na hora de reformar." (Robson)

A melhoria das instalações físicas e dos serviços dentro dos estádios tem relação direta com o aumento do preço dos ingressos das partidas de futebol. Sobre esse aspecto, contudo, os torcedores entrevistados afirmavam com veemência que esses melhoramentos não poderiam resultar em uma alteração drástica do preço dos ingressos. Sendo assim, apenas algumas modificações seriam suficientes para resolver a questão.

Na visão dos torcedores, os estádios não carecem de luxo, suas instalações e serviços podem ser simples, apenas suas condições e eficiência deveriam ser melhores. Logo, não é necessário renovar o estádio inteiro, devem ser somente realizadas reformas e melhorias pontuais. Nas entrevistas, esse posicionamento se traduz principalmente na desconfiança e no repúdio à transformação dos estádios em arenas, conforme se pode perceber nos trechos a seguir.

> "[...] pra nós num ajuda nada os estádio moderno, os estádio novo, ingresso caro, num muda nada, porque independente do estádio, se for jogar na arena ou na arena Petrobras que tinha no Rio de Janeiro, era de madeira lá, nós vai do mesmo jeito, cara. Num interessa o estádio que é... se é bonito, se é feio... pra torcida, o que importa é ela ir lá e ver o time dele jogar, marcar presença e pôr sua faixa." (Fabrício)

> "Se fosse pra algum outro tipo de evento, tudo bem, aí levando em consideração a acústica, a localização e tal, mas pro futebol é irrelevante você pegar um estádio e deixar ele com cadeira de

couro, com poltrona reclinável, isso não precisa. Você precisa ter um mínimo de conforto, e o torcedor vai. Você pega a imagem de 1950, 1940, a arquibancada lotada, lotada, lotada, e a arquibancada era de ferro, que é esta mesmo que o cara vê no rodeio. O pessoal agora vai lá, assiste… tudo essas arenas confortável… e o pessoal não vai. Então eu acho que tinha que realmente tirar essa característica aí de… de… um espetáculo de futebol. Eu acho que para outras finalidades seria justo, mas quanto melhor for, mais caro eles têm que pagar. Quanto maior a qualidade, maior preço. No futebol, eu acho que a qualidade… num precisa… ela só prejudica." (Ricardo)

"Sobre este bagulho aí da arena, vindo ou não, as torcida nunca vai acabar, as torcida, aí pode aumentar o ingresso que for, a torcida que… quem gosta… por exemplo, igual aqui na torcida do SPFC que é… que tem seu sangue vermelho mesmo, parceiro, vai que vai, pode ser… os ingresso, que a torcida do SPFC vai tá lá, as torcida vai tá lá, isso daí num vai influenciar em nada." (Ademar)

"Vamos ver, vamos ver, vamos ver… se essa arena aí vai ser boa mesmo do jeito que eles tão falando, entendeu?" (Robson)

A transformação dos estádios em arenas, fenômeno que ganhou força após o Brasil sediar a Copa do Mundo de 2014, teve como resultado o aumento excessivo no valor dos ingressos, fato que suscitou o repúdio dos torcedores organizados.

Os discursos que defendem essa remodelação dos estádios argumentam que as arenas poderiam proporcionar mais conforto aos torcedores. O conforto, porém, não pode ser um elemento de seletividade e exclusão. Por esse motivo, defendemos a existência de setores populares nas arenas, com ingressos a preços acessíveis, de modo a garantir a presença de torcedores de diversas condições socioeconômicas, sobretudo os menos favorecidos na estrutura social.

Nesse sentido, nos discursos dos torcedores entrevistados havia uma rejeição explícita do movimento de elitização do futebol. Tal repúdio pode ser encontrado tanto em movimentos internacionais, como o Against Modern Football (movimento que luta contra a mercantilização do futebol[20] na Europa), quanto em nacionais, como a Frente Nacional dos Torcedores (FNT).

Partilhando dessa visão contrária à modernização do futebol, os entrevistados acreditam que medidas como a transformação dos estádios em arenas e o consequente aumento do preço dos ingressos seriam tentativas de afastar as torcidas organizadas dos estádios. Esse processo de elitização do futebol provocaria uma mudança no perfil do torcedor que frequenta os estádios, já que os preços proibitivos dos ingressos permitiriam que apenas os torcedores de maior poder aquisitivo tivessem acesso às arenas.

Sobre a questão da elitização do futebol brasileiro, é preciso destacar a existência de dois discursos opostos na esfera do D(2). Um deles – d(4) – é defendido pelos torcedores organizados e por parte da imprensa esportiva.

Já o discurso oposto – d(5) – circula em distintos campos discursivos, sobretudo nas discussões envolvendo aspectos econômicos do futebol. É defendido pelos principais atores econômicos do futebol[21] e por parte da imprensa esportiva.

Em linhas gerais, os dois discursos podem ser respectivamente definidos como:

d(4): não ao futebol moderno.
d(5): sim ao futebol moderno.

---

20. O mercantilismo no futebol caracteriza-se por situações como a venda do nome dos estádios (*naming rights*), a mudança de cores (ou até mesmo do nome) de clubes para torná-los mais comerciais, a venda de jogadores para salvar as finanças do clube, a extinção dos clubes e ligas regionais, entre outras tantas.
21. Tais atores podem ser pessoas, empresas ou instituições. Popularmente, são conhecidos como "donos do capital" ou "donos do futebol", e teriam grande poder de decisão sobre diversos aspectos do futebol.

Com base no estabelecimento desses dois discursos opostos – d(4) e d(5) –, pode-se definir o esquema geral do D(2) sobre a violência no futebol, como mostra a Imagem 8, a seguir.
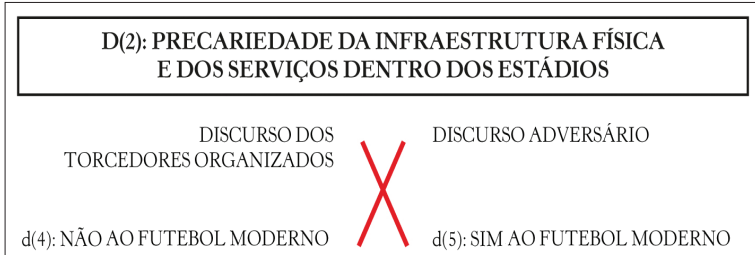
Imagem 8 – Discursos identificados no D(2) – precariedade da infraestrutura física e dos serviços nos estádios

É interessante notar a postura da imprensa esportiva brasileira diante da modernização do futebol, especialmente o debate sobre a transformação dos estádios em arenas. Não há uma opinião consensual a respeito do assunto: parte dos jornalistas concorda com tal movimento e parte discorda, tecendo frequentes críticas em relação a ele.

Esses últimos estão entre os que aderiram ao discurso do "não ao futebol moderno", expresso pelo d(4). Defendem um posicionamento mais saudosista, argumentando que cada estádio tem características peculiares, marcas físicas próprias, que lhe conferem uma "personalidade" única. Assim, por exemplo, o antigo Maracanã possuía a geral, setor do estádio concebido como um símbolo do futebol popular. Nesse setor, os ingressos eram baratos (por volta de 1 real), de modo que podia receber os torcedores de menor poder aquisitivo. Por essa razão, a geral costumava ficar lotada, e seus ocupantes eram chamados de "geraldinos", isto é, torcedores da geral.

Os "saudosistas" alegam que a transformação dos estádios em arenas padronizaria a arquitetura dos estádios, deixando o futebol "chato", "sem graça", pois "todos os estádios são iguais". Nesse discurso, também surgem comparações com os estádios

europeus, sempre enfatizando a falta de emoção, de clima festivo e de espontaneidade dessas arenas.

Esse discurso do "não ao futebol moderno" – d(4) –, manifestado por frases ou expressões como "tentativa de europeizar", "querem que aqui vire Europa", "fazer com que o estádio perca a graça", "todo mundo sentadinho, quietinho", "fique menos festivo", "pareça um teatro", era muito frequente entre os entrevistados. Basta ver a resposta de um deles quando indagado se teria sugestões aos gestores do futebol brasileiro:

> "Eu daria como sugestão para ele retirar essa... essa... essa... aura do espetáculo teatral do futebol. Fazer com que fosse um esporte mesmo com pé no chão e sangue de jogador mesmo, e não essa malcriação, todo mundo sentadinho... retirar isso aí. Tirar essa maquiagem que tem aí." (Ricardo)

Esse relato exprime claramente a opinião dos torcedores de que a modernização do futebol levaria a certa perda de sua "essência". As arenas, com sua nova arquitetura, conteriam restrições às movimentações corporais e aos deslocamentos dos espectadores, modificando a dinâmica do comportamento das torcidas.

O primeiro exemplo brasileiro dessa mudança na forma de torcer pôde ser percebido durante o clássico Corinthians e Palmeiras em partida válida pelo Campeonato Brasileiro de 2014. Era o primeiro jogo entre essas equipes na arena do Corinthians, e torcedores organizados da Mancha Alviverde (também conhecida como Mancha Verde) assistiram à partida de pé, em cima das cadeiras. Eles se recusaram a ver o jogo sentados, pois estavam pautados pela ideia de que torcedores organizados não apoiam seu time sentados. Essa consideração pode ser observada no seguinte trecho da entrevista de Fabrício:

> "O espaço que a torcida organizada fica... ficar [de pé] em cima da cadeira é até feio. Passa um jogo na televisão, aí passa pra fora do Brasil, os cara vê tudo um monte de macaco, na língua deles lá,

> pulando em cima das cadeirinha... véio, se vai ficar torcida organizada lá na laranja, é demarcado o espaço pra organizada, num precisa ter cadeirinha. É perda de dinheiro, perda de tempo, porque os cara vai ficar pulando em cima das cadeira. Os cara num vai sentar pra assistir jogo lá."

Tanto o trecho de entrevista quanto o exemplo anterior evidenciam a rejeição dos torcedores organizados quanto à colocação de cadeiras nos setores destinados às agremiações. Logo, pode-se concluir que os torcedores organizados são em geral contra a modernização do futebol e, consequentemente, contra a transformação dos estádios em arenas. Porém, se tal medida for inevitável, o espaço destinado às torcidas nas arenas deverá ser livre, sem restrições de movimentação.

Quanto ao discurso do "sim ao futebol moderno", ou d(5), que concebe a transformação dos estádios em arenas como algo positivo, pode-se dizer que seu ponto de partida está na representação do novo como algo construtivo, moderno, bom em si. A remodelação dos estádios pode representar aumento do potencial econômico dos clubes, já que esses locais renovados estariam aptos a receber não somente jogos de futebol, mas também outros eventos, como grandes shows musicais e feiras. É o caso, por exemplo, do Botafogo de Ribeirão Preto, cujo presidente propôs, em 2013, transformar o Estádio Santa Cruz em arena, a fim de obter renda extra com eventos e, assim, quitar dívidas do clube.

Permeado pela constante adjetivação das arenas como "modernas", "seguras" e "confortáveis", o d(5) associa as arenas ao novo, ao moderno, ao agradável. Cabe lembrar que esse discurso é majoritariamente defendido pelos atores que detêm o poder econômico no futebol. Percebe-se tal argumentação nos pronunciamentos de José Marin e Ricardo Trade, durante um evento promovido pelo Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de 2014:

> "Aos poucos, estamos construindo uma nova história no futebol brasileiro por meio da modernização da estrutura esportiva do

país do futebol. Estas modernas arenas proporcionam novas oportunidades de negócios ligados ao futebol e também uma nova forma de relacionamento com o torcedor, oferecendo mais segurança e melhores condições de assistir aos jogos." (José Maria Marin)

"Estamos trabalhando duro para quando a bola rolar. O espectador e a imprensa serão muito bem tratados. O torcedor vai poder levar a família a um estádio com segurança, assentos marcados, serviços de qualidade, centro médico e banheiros limpos." (Ricardo Trade)

Nesses trechos, constata-se que as arenas são vistas pelos dirigentes como ambientes seguros e confortáveis, perfeitamente capazes de receber bem os torcedores. Por representar, no mais alto grau, a argumentação positiva sobre a construção de arenas, logicamente o d(5) silencia e se omite acerca de alguns ônus reais, objetivos, dessas melhorias, como a morte de trabalhadores na construção dessas arenas, o desvio de verbas e a exclusão dos torcedores pobres desses espaços.

Essa descrição positiva das arenas contrapõe-se às queixas dos torcedores organizados, expondo mais um embate discursivo no âmbito do D(2). Essa oposição entre os dois discursos – d(4) e d(5) – podem ser ilustradas pelas formulações apresentadas a seguir.

Para o d(4), os estádios não devem ser transformados em arenas.
Para o d(5), os estádios devem ser transformados em arenas.

Para o d(4), a transformação em arenas modifica o ambiente do estádio, bem como o perfil do torcedor.
Para o d(5), a transformação em arenas torna o local mais rentável, atraindo determinado público, considerado consumidor.

Para o d(4), o aumento no preço do ingresso das arenas exclui os "verdadeiros torcedores"[22] (injusto).
Para o d(5), o aumento no preço do ingresso das arenas é consequência das melhorias promovidas (justo).

Para o d(4), a infraestrutura do estádio não interessa.
Para o d(5), a infraestrutura física do estádio é relevante, e a arena é um local mais atraente que um estádio antigo.

Diante do que se expôs a respeito de d(4) e d(5), pode-se inferir que a oposição dos torcedores organizados à transformação dos estádios em arenas implica, extensivamente, uma oposição aos interesses econômicos presentes no meio futebolístico, ou seja, às medidas voltadas para a obtenção de lucro no futebol, principalmente no que se refere ao valor do ingresso.

Por essa razão, as torcidas organizadas constituem uma importante (ou, talvez, única) voz contra a transformação do futebol brasileiro em um esporte mais "elitizado", "europeu" e rentável.

D(3) – o discurso da má gestão e organização futebolística

O terceiro discurso sobre a violência no futebol brasileiro – D(3) – concebe a má gestão e organização da atividade futebolística como uma forma de violência. No D(3) foram produzidas 29 paráfrases, entre as quais:

- "Ingresso caro"
- "Preço do ingresso"
- "Ingresso abusivo"

---

22. Muitos entrevistados acreditavam que eram "mais torcedores" que a maioria dos torcedores comuns. Essa crença provém do maior envolvimento e participação nos bastidores do clube, bem como pela presença frequente nas partidas, independentemente do local, dia e horário da partida, desempenho da equipe, tipo de competição, adversário, dinheiro gasto para ver a partida etc.)

- "Fila"
- "Interesses econômicos"
- "Má gestão"
- "Jogo às 22 horas"
- "Corrupção"
- "Cambismo"
- "Tapetão"
- "Desorganização"
- "Desmando"
- "Falta de respeito com o torcedor"
- "Abuso de controle"
- "Flanelinha"
- "Jogo atrasar"
- "Fifa"

No discurso da má gestão e organização do futebol, os torcedores entrevistados mencionaram diversos elementos que, segundo eles, compõem a violência do futebol. Tais elementos estão relacionados ao interior do estádio, ao seu entorno, aos bastidores do futebol, e até mesmo aos ambientes de decisão administrativa.[23] Desse modo, os entrevistados concebiam o alto preço dos ingressos, o horário indevido das partidas, a prática de atos ilícitos no entorno do estádio (cambismo e guarda ilegal de carros pelos populares "flanelinhas") como formas de violência contra o torcedor.

Além desses, as entrevistas revelaram outros elementos considerados formas de violência contra o torcedor, como os altos salários de jogadores e a corrupção. Até mesmo a Federação Internacional de Futebol (Fifa) foi mencionada por alguns dos entrevistados,

23. A partir desse ponto, é possível perceber como se articulam os quatro principais discursos sobre a violência no futebol – D(1), D(2), D(3) e D(4) –, já que os torcedores, por exemplo, relacionavam o preço do ingresso – elemento pertencente ao D(3) – com a qualidade da infraestrutura dos estádios – elemento pertencente ao D(2).

revelando uma visão mais profunda e abrangente da violência no futebol.

Entre os aspectos citados pelos torcedores organizados, o horário inadequado do jogo, o preço abusivo do ingresso e atos ilícitos no entorno dos estádios poderiam ser encarados como "falta de respeito" com o torcedor. Nos relatos, a seguir, feitos por dois entrevistados, é possível perceber tal julgamento e como os elementos discursivos do D(3) se relacionam com os outros discursos:

> "Jogo às 22 horas é uma violência no futebol. Um salgado a 10 reais na lanchonete é uma violência no futebol. Uma água a 5 reais é violência no futebol. Tapetão é uma violência no futebol. A gente ficaria até amanhã falando o que é violência no futebol. Na realidade, os caras das federações, as autoridades, eles gostam de utilizar as torcidas como bode expiatório para que assuntos como esses que eu acabei de citar agora fiquem em segundo plano. Jogo às 22 horas é uma violência no futebol, entendeu? Então, existem várias violências no futebol, não só torcida organizada." (Augusto)

> "Pô, tem vários tipos de violência. Falta de respeito com torcedor, acabar o jogo… vai acabar o jogo quarta-feira na meia-noite e nós vamos sair de dentro do estádio 1 hora da manhã, 2 horas… valor de ingresso é falta de respeito… é… flanelinha." (Filipe)

Os relatos deixam clara a importância fundamental do D(3) no debate acerca da violência no futebol brasileiro, uma vez que esse discurso denota as formas básicas e mais frequentes de violência contra o torcedor. No entanto, essas formas de violência têm permanecido quase sempre escamoteadas nas discussões sobre o assunto. No fim dos anos 1990, por exemplo, Reis (1998) já mencionava outros fatores para o esvaziamento dos estádios, além dos atos de violência entre torcedores: horário inadequado das partidas, falta de bons jogadores e baixa qualidade esportiva do espetáculo

futebolístico. De lá para cá, entretanto, quando se trata de violência no futebol, pouca coisa mudou de fato no país.

Os torcedores organizados, por sua vez, julgam que as formas de violência presentes no D(3) deveriam ser denunciadas de modo a revelar a existência de outros responsáveis pela violência no futebol brasileiro, além das torcidas organizadas. Assim como declara Augusto, a responsabilidade sobre a violência no futebol não é somente das torcidas organizadas:

> "Eles colocam sempre a culpa nas torcidas organizadas para que a gente não reflita sobre os defeitos deles."

Atribuir a responsabilidade pela violência no futebol somente às torcidas organizadas é um meio de desviar a atenção de outras questões que contribuem para esse cenário, entre as quais o preço abusivo do ingresso.

Verifica-se que, para os torcedores, a questão do preço do ingresso ocupa lugar central na discussão sobre violência. Além de afetar diretamente seu bolso, o preço representaria uma exploração econômica do futebol e, consequentemente, do torcedor, tendo em vista que, na opinião dos entrevistados, a infraestrutura física e os serviços nos estádios ainda é um item que carece de melhoria. Nos trechos a seguir, pode-se perceber o que os torcedores ressaltam acerca do preço do ingresso:

> "Acho que a violência no futebol começa primeiro de cima, preço do ingresso é absurdo, absurdo." (Ricardo)

> "Preço do ingresso? Pelo amor de Deus, isso é um roubo! Você, pra assistir o jogo, pagar 100 conto. Pô, o salário mínimo é o quê? É 800 e poucos reais, 880, não é isso? 880 reais, pagar 100 conto no ingresso, 150 conto no ingresso, só que não tem só o ingresso." (Robson)

"Você pagar um ingresso a 80, 100 reais é uma violência no futebol e ninguém fala nada." (Daniel)

"O preço dos ingressos eu acho que é uma puta de uma safadeza da CBF, meu. Não tem vergonha na cara de cobrar 50 real em um ingresso hoje pra você ir no Morumbi, meu, que num tem nada. Então a torcida faz protesto nisso daí." (Ademar)

A postura de que o ingresso é caro, e de que também representa uma forma de violência contra o torcedor, não apareceu somente nas entrevistas. Diversos exemplos podem ser citados, dentre os quais se destacam imagens de protestos realizados pela torcida do Flamengo, que comprovam empiricamente o questionamento das torcidas acerca do preço dos ingressos.

Imagem 9 – Torcida do Flamengo protestando contra o valor do ingresso (foto de Julcemar)

Imagem 10 – Torcida do Flamengo ressaltando o caráter popular do clube, em meio a protesto contra o valor do ingresso (foto de Julcemar)

Imagem 11 – Torcida do Flamengo protestando contra a elitização dos estádios (foto de Julcemar)

Para se ter uma ideia clara da opinião dos torcedores sobre o preço dos ingressos, é interessante mencionar uma pesquisa que levantou o preço médio do ingresso mais barato das principais ligas de futebol do mundo. A investigação demonstrou que o Brasil tem o ingresso mais caro do mundo. Quando se analisa a renda *per ca-*

pita do país, o valor do ingresso brasileiro representaria quase 5,5% do salário mensal de um empregado (Fox Sports, 2013).

Esse dado permite compreender por que, nos anos de 2012 e 2013, o dito "país do futebol" esteve atrás de nações como México, China, Japão e Austrália no *ranking* mundial de público. Em 2012, o Campeonato Brasileiro da Série A, principal competição nacional, teve média de público de 12.971 pessoas, com taxa de ocupação de 38%, encontrando-se no 14º lugar no *ranking* mundial (Pluriconsultoria, 2013). No ano seguinte, já com as novas arenas, o cenário praticamente não mudou: o público médio foi de 14.951 pessoas e a taxa de ocupação de 39%, representando uma queda para o 15º lugar mundial (Pluriconsultoria, 2014).

Uma das questões no debate sobre o valor do ingresso é o impasse sobre quem é responsável por definir esse valor. Isso se verifica especialmente no caso das novas arenas, em que a divergência em relação à responsabilidade se dá entre o consórcio administrador[24] da arena e o clube, gerando um clima de tensão e um jogo de "empurra-empurra".

Essa situação ficou evidente no início de 2015 no Rio de Janeiro, por exemplo. A Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj) tentou fixar os preços de todo o Campeonato Carioca, em valores bem acessíveis. Contudo, Fluminense e Flamengo, que mantinham acordo com o consórcio do Maracanã, se opuseram a tal medida. Os clubes argumentavam que era seu direito estabelecer o preço; entretanto, é preciso notar que os clubes também pensavam em utilizar a receita proveniente dos ingressos para quitar suas dívidas com o consórcio do Maracanã. Logo, ingressos muito baratos iriam afetar o pagamento da dívida.

Caso semelhante ocorreu no Corinthians em 2014, que também devia ao consórcio de sua arena. Em meio à construção da

24. Segundo os consórcios dos estádios, existiria uma tentativa dos clubes de forçar o torcedor a tornar-se sócio-torcedor, a fim de obter mais receitas. E um meio de pressioná-lo seria justamente a manutenção do alto preço do ingresso.

Arena Corinthians, o presidente do clube na época, Andrés Sanchez, afirmou que iria lutar pelo barateamento dos ingressos na nova arena. Todavia, no entendimento dos torcedores corintianos, isso não ocorreu, daí o motivo por que o presidente foi satirizado em manifestações contra o alto preço dos ingressos, com os dizeres "Ei, Andrés, aqui não tem burguês".

A manutenção de um caráter popular e contrário à transformação dos estádios em arenas é evidente na seguinte imagem da torcida do São Paulo.

Imagem 12 – Torcida do São Paulo protesta contra a transformação dos estádios em arenas (foto de Maguila)

Como se mencionou anteriormente, os componentes internos do D(3) articulam-se com elementos externos (presentes em outros discursos), conforme evidencia um trecho da entrevista de Augusto:

> "Fazem aquelas pesquisas mentirosa 'o que te afasta do estádio? Torcida organizada, briga...' Aí o cara vai lá, mete o ingresso a 10 reais, 20 reais, e vai lá e dá 60 mil pessoas. Quer dizer que a violência da torcida acabou? Não! É porque ele tá pagando pouco. Então, reveja o valor do ingresso, reveja o horário do jogo, reveja o espetáculo que você tá proporcionando, que vai dar público."

Nesse fragmento, o entrevistado rebate a afirmação de que a violência é o único fator que afasta o público dos estádios. Para ele, há outros elementos, entre os quais o preço dos ingressos. Contudo, segundo os torcedores, não apenas o preço contribuiria para a

violência no futebol, mas também o sistema de venda de ingressos. Além de caros, são difíceis de comprar. A desorganização esportiva (filas, cambistas) agrava o "problemático" processo de compra de um ingresso.

Um dos torcedores ressalta que o clube se preocupa somente em vender ingressos pela internet, esquecendo e prejudicando a venda nas bilheterias do próprio estádio. Além disso, as supostas vantagens adicionais usufruídas pelos sócios-torcedores na aquisição de ingressos dificultaria a compra nas bilheterias físicas, constituindo mais um modo de forçar os torcedores a se tornarem sócios do clube.

Acrescente-se, por fim, o relato pessoal de uma torcedora sobre a dificuldade que enfrentou na tentativa de adquirir ingressos para uma partida entre Atlético Mineiro e Corinthians. Durante a semana do jogo, ela procurou obter informações de como comprar ingresso para o setor visitante, sem obter sucesso. Decidiu ir ao estádio e, lá chegando, verificou que os ingressos para o setor visitante estavam esgotados. Ao tentar se informar sobre o que estava acontecendo, descobriu que torcedores corintianos passaram a comprar os ingressos destinados ao setor visitante, pois os destinados à torcida local custavam em torno de 160 reais. Os torcedores corintianos, por sua vez, justificam tal prática:

> "O problema é que o ingresso lá (aponta onde está parte da torcida do Corinthians) tá muito caro. Você não acha que a gente preferia estar lá, no meio deles, vestindo o nosso uniforme, cantando nossas músicas? Você, que em nenhum momento os culpou pelo acontecido, balança a cabeça fazendo que 'sim'. Em seguida, olha para o outro lado da arquibancada da Arena Corinthians e nota um enorme espaço vazio, cheio de cadeiras brancas, e pensa: 'eles mereciam estar lá'. Mereciam, não fossem os donos da festa, que resolveram pôr a conta no bolso do torcedor comum, colocando o preço do ingresso a um quinto do salário mínimo e expulsando, gradativa e covardemente, o seu torcedor mais fiel do estádio. Eles

> mereciam estar lá, preenchendo aquele enorme espaço vazio, e nós, os torcedores adversários, tínhamos o direito de entrar e ocupar a parte que nos cabia. Infelizmente, nem uma coisa nem outra aconteceu naquela noite. Não como deveria."

Outro aspecto encarado como violência pelos torcedores é o horário dos jogos. As críticas se concentram no horário das partidas em dias úteis (sobretudo, quarta-feira, às 22 horas): os torcedores o consideram muito tardio, impossibilitando o comparecimento de muitos deles aos estádios de futebol. A respeito disso, Tomás afirma:

> "O horário dos jogos influencia muito para os estádios ficarem vazios. Muitas pessoas deixam de ir ao estádio devido ao horário dos jogos, porém elas realmente gostam de ir ao estádio."

Em alguns casos, especialmente em grandes cidades, o horário do jogo pode prejudicar de tal maneira os torcedores que eles acabam adotando algumas práticas distintas do que seria o normal, como ir embora no meio da partida. Isso ocorreria por causa da longa distância da casa do torcedor em relação ao estádio e do horário de encerramento dos serviços de transporte público (na cidade de São Paulo, por exemplo, é por volta de meia-noite e meia). Como resultado da combinação desses dois fatores, o torcedor, caso assistisse ao jogo inteiro, não conseguiria voltar para casa utilizando somente o transporte público. Em sua entrevista, Filipe expõe claramente o problema:

> "Tem gente que vem pro jogo e não assiste o jogo até o final, porque senão não tem como ir embora. Pô, o cara pagou o ingresso inteiro e não viu o jogo inteiro? Então quer dizer que só pode ir pra jogo só quem tem carro? De duas uma, ou você muda o horário do transporte, ou você muda o horário do jogo."

Essa situação pôde ser concretamente observada em 2013, na primeira partida realizada na Arena Corinthians com início às 22 horas. Os torcedores tiveram de sair antes do fim da partida para conseguir chegar a tempo de embarcar no último metrô. Mesmo assim, cerca de cinquenta torcedores não conseguiram ter acesso ao metrô (Lance, 2014). Esse fato levou o Corinthians a dialogar com o poder público competente, com vistas à elaboração de um plano especial de funcionamento do metrô em dias de jogos na arena.

Na visão dos torcedores organizados, o horário impróprio das partidas obedeceria a interesses econômicos da emissora de TV que detém os direitos de transmissão dos campeonatos no Brasil. A questão do horário dos jogos está relacionada com os serviços de transporte (que serão abordados no próximo tópico). Indubitavelmente, esse foi um dos elementos mais citados como formas de violência contra o torcedor, e, não raro, os entrevistados sugeriram que o jogo das 22 horas (especialmente às quartas-feiras) deveria ter seu horário revisto de imediato, por causar demasiado incômodo:

> "O horário dos jogos é uma violência, principalmente, de quarta-feira. Tem muita gente que num vai porque num tem opção pra voltar. Eu acho que isso devia ser revisto." (Pedro)

> "Você ter jogo 9 e 50 da noite, quarta-feira. Pô, o cara que não tem carro, ele vai embora como? Me diz? O cara que mora lá na Zona Leste e vai pro Morumbi, mora lá, sei lá, no fim da Zona Leste, como que ele vai embora? Pô, quarta-feira, o jogo pode ser 8 horas, pode ser 7 e 30, não é? Pô, isso aí é um desrespeito monstruoso isso aí." (Filipe)

O problema do horário causa tanto incômodo, que sua mudança chega inclusive a aparecer como sugestão dos torcedores aos administradores do futebol. De fato, a adequação dos horários das partidas representaria uma efetiva melhora no cenário atual do futebol brasileiro, medida que os entrevistados entendem como necessária e urgente:

> "Imediatamente, eu iria tirar o jogo das 22 horas, porque tem que ter transporte digno pras pessoas voltarem para casa. Ou seja, metrô e ônibus no dia de jogo, de quarta-feira, seja ônibus, seja metrô, tem que ser a noite toda, porque não é possível. Hoje vou tirar o jogo das 22 horas." (Flávia)

> "Essa seria uma contribuição minha. [...] Por que o jogo é quarta e domingo? Por que eu não posso ir em uma terça-feira? E em uma sexta-feira? Você quer [dia] melhor para ter jogo do que uma sexta-feira? Você vai para o estádio, para o jogo, e pode descansar no outro dia. Agora, se você vai para o jogo no domingo sabendo que você tem que acordar pra trabalhar... entendeu?" (Bernardo)

Outra proposta dos torcedores para melhorar o futebol é a maior democratização das transmissões de TV. A quebra do monopólio da atual emissora poderia promover a alteração para um horário mais conveniente aos torcedores, não obrigando as partidas de futebol a se adequarem à grade de programação de um único canal. Nesse aspecto, cabe ressaltar, por exemplo, que os jogos da principal liga europeia, a Champions League, ou Liga dos Campeões, têm início às 19h30 e encerramento às 21h30, horário que facilita a locomoção dos torcedores e a utilização dos transportes coletivos.

A prática de atos ilícitos no entorno do estádio é outro elemento presente no terceiro discurso sobre a violência no futebol – D(3). Segundo os torcedores entrevistados, a circulação de cambistas e flanelinhas nas imediações do estádio em dias de jogo deve-se à desorganização e à falta de estrutura do futebol, que permitiriam o surgimento de um mercado, de uma economia paralela:

> "A violência no futebol eu acho que é uma coisa geral entendeu? [...] aí o cara vai pro estádio com o dinheiro certinho e num tem mais [ingresso] pra vender por causa do cambista, entendeu? Então a violência a gente já começa daí, entendeu?" (Bernardo)

> "Violência é o cambismo. Apesar de os grandes clubes terem feito plano de sócio-torcedor, e estarem tentando facilitar a vida do torcedor de maneira geral, ainda ocorre, e o brasileiro ainda tem uma prática muito ruim, que é deixar tudo para a última hora. Então a pessoa não se programa. Então eles estão ali e às vezes você fica dependente do cambista, e eles continuam existindo." (Lucas)

Sobre o cambismo, cabe destacar que sua ocorrência é mundial, inclusive em jogos da Copa do Mundo. Durante a Copa de 2014, por exemplo, um executivo da empresa detentora dos direitos de venda dos ingressos repassava-os diretamente aos cambistas, operação que tornava os ingressos legítimos, além de altamente rentáveis para os cambistas (G1, 2014). De acordo com o artigo 41-G do Estatuto do Torcedor (Lei n. 12.299/2010), o cambismo, ou seja, "fornecer, desviar ou facilitar a distribuição de ingressos por preço superior ao estampado no bilhete", configura crime com pena cominada de até quatro anos de reclusão.

Quanto aos chamados "flanelinhas", os torcedores os consideram um reflexo da falta de organização e de estrutura do futebol brasileiro. São pessoas que estão tentando trabalhar e que, feliz ou infelizmente, se aproveitam dessa desorganização para lucrar. Com frequência, nos dias de jogo, existe demanda por vagas de estacionamento que não é atendida pelos meios legais; logo, alguns indivíduos se valem de meios ilegais para supri-la.

O descontentamento com a gestão e organização do futebol não está presente apenas entre os torcedores organizados. Quase diariamente, a mídia esportiva destaca aspectos negativos da gestão futebolística no Brasil, tais como falhas no planejamento dos clubes, contratações equivocadas e calendário de competições mal programado. Além das críticas da mídia, cabe mencionar um movimento criado pelos próprios jogadores de futebol: o Bom Senso Futebol Clube.

O Bom Senso trouxe para o centro do debate elementos que comumente eram deixados de lado nas discussões sobre o futebol brasileiro. Criado em 2013 a partir de conversas dos próprios

atletas, o movimento questiona, entre outros aspectos, o calendário competitivo, as férias dos jogadores, o período de pré-temporada adequado, bem como a necessidade de um *fair play* financeiro. Quanto a esse último aspecto, o Bom Senso alerta que em 2012 a dívida dos principais clubes brasileiros com a União se aproximava dos 2,5 bilhões de reais (valor correspondente a 75 hospitais e 178 salas de aula). Outro dado mencionado pelo Bom Senso foi o crescimento dessa dívida, que aumentou 74% no período de 2008 a 2012 (Bom Senso, 2014). O movimento chegou a propor medidas sobre a questão em encontro com a presidenta Dilma Rousseff em 2015.

Embora tanto os torcedores organizados quanto o Bom Senso FC voltem suas críticas para elementos pertencentes ao D(3), em nossa análise um cenário de mudança que contemple tais aspectos parece estar um tanto distante. Uma das principais razões é a dependência financeira dos clubes em relação às emissoras de TV. Em virtude de seu grande poder econômico e político, a emissora que detém os direitos de transmissão é capaz de manter uma posição de domínio e hegemonia sobre o futebol brasileiro.

Se for mantido o atual quadro futebolístico no país, pode-se especular que o preço do ingresso não será reduzido permanentemente, pois os clubes dependem da renda obtida com a venda de ingressos para equilibrar as finanças. Os clubes manterão redução do valor (promoções) somente em casos especiais, como fases de resultados negativos das equipes. Do mesmo modo, as partidas continuarão a ocorrer no horário mais conveniente à TV, pois é ela quem financia economicamente os clubes e, ao mesmo tempo, atende a seus próprios interesses. Essa discussão será retomada adiante.

D(4) – o discurso da ineficiência de serviços públicos

O quarto discurso – D(4) – evidenciado pelos torcedores organizados contempla os serviços públicos. Para os entrevistados, a falta ou a baixa qualidade de serviços públicos oferecidos pelo Es-

tado à população constitui uma forma de violência. As paráfrases produzidas no D(4) são identificadas a seguir:

- "Transporte"
- "Condução ruim"
- "Trânsito"
- "Não ter estudo"
- "Não ter emprego"
- "Falta de hospitais"
- "Falta de saúde"
- "Ação da polícia"
- "Polícia dentro do estádio"
- "Abuso de autoridade da polícia"
- "Despreparo da polícia"
- "Polícia despreparada"

Ao longo das entrevistas, os elementos pertencentes ao D(4) apareciam de forma aleatória, sem sistematização. Por vezes, eles se referiam a situações sociais amplas (por exemplo, sensação de insegurança e alto índice de desemprego no Brasil). Outras vezes, estavam ligados ao âmbito específico do futebol (situações ocorridas dentro ou no entorno do estádio). Nas situações específicas do futebol, era comum os torcedores caracterizarem a ação da Polícia Militar dentro dos estádios como algo estritamente negativo, desproporcional, desnecessário.

As situações sociais amplas eram expressas por meio de enunciados que expunham a baixa qualidade ou até mesmo a inexistência de serviços oferecidos pelo Estado à população. Quanto aos serviços sociais (saúde, moradia, transporte, educação etc.), verificou-se um discurso comum de insatisfação da população brasileira em relação a eles. Um exemplo notório dessa insatisfação pôde ser observado no ano de 2013, durante os protestos ocorridos em todo o país. Após o cumprimento da pauta inicial, relacionada à manutenção do preço da passagem do transporte público, inúmeras

outras começaram a surgir nas manifestações, contemplando outros serviços sociais.

Nesse sentido, cabe destacar um trecho da entrevista de Bernardo:

> "Não investem em saúde, em educação, entendeu? Os nossos políticos, um bando de corruptos, entendeu? Os caras não têm uma visão de crescer, entendeu? Eu consigo dar um jeitinho aqui, e aí todo mundo tira proveito de tudo, entendeu? Uns se aproveitam com brigas, tem uns [que] adoram que saia briga ali para que vão na televisão e pegar uma matéria. Então eu acho que se tivesse um bom investimento, uma infraestrutura melhor de transporte, por exemplo, você vai para o jogo… eu sair aqui da minha casa pra ir até onde que tá a torcida pra depois ir para o jogo… às vezes compensa muito mais eu ir direto para o estádio… mas a torcida ali, ela te dá um meio de transporte mais rápido pra você chegar no estádio, entendeu? Agora, você vai para o Morumbi não tem como você ir. Você tem que pegar dois, três ônibus para poder chegar no Morumbi, entendeu? Você vai para o estádio, entendeu? Aí não tem uma condução decente."

Nesse fragmento, novamente é possível perceber a conexão entre alguns dos discursos dos torcedores sobre a violência. O entrevistado, além de mencionar a falta de investimento em saúde e educação, também evidencia a corrupção – pertencente ao D(3) – como uma forma de violência no futebol brasileiro.

Assim, a falta de transporte (principalmente após as partidas realizadas às 22 horas) também era um elemento recorrente ao longo das entrevistas, como se pode verificar nos trechos a seguir:

> "Jogo à noite, às 10 horas da noite, e o cara mora lá em Itaquera. O cara pega um ônibus pra chegar, pra você voltar, o jogo acaba meia-noite, aí não tem ônibus, não tem metrô. Isso aí já gera uma revolta, aí é que começa, entendeu? Aí é que eu falo que começa a violência, entendeu? De ir perder o ônibus da torcida, e aí você

fica até 1 hora, 2 horas da manhã, aí você já começa a pensar em várias situações." (Bernardo)

"Pra mim, violência no futebol é a pessoa… que nem, a gente tem acesso limitado em metrô, trem… pra mim, isso aí pra mim é uma violência, porque você num tem acesso a nada. Você depende, muitas vezes, se você quer ir pro clássico, você tem que ir escoltado, tudo isso aí influencia pra mim, isso aí. A falta de transporte." (Édson)

Os torcedores organizados consideram a falta de transporte uma grave forma de violência, já que a locomoção limitada interfere diretamente em atividades de lazer, como o futebol, por exemplo. No caso específico dos torcedores organizados, a questão do transporte é central, porque sua restrição pode impedir que muitos deles compareçam ao estádio com mais frequência. Embora as torcidas organizadas geralmente disponibilizem meio de locomoção a seus associados no trajeto entre a sede da agremiação e o estádio, e vice-versa, muitos deles, por morarem ou trabalharem em locais distantes da sede, não desfrutariam dessa facilidade. Desse modo, enfrentariam a mesma dificuldade de transporte que o torcedor comum, que em geral não conta com nenhuma estrutura de apoio para isso.

No D(4), as críticas relacionadas ao âmbito específico do futebol, muitas vezes denunciavam o tratamento dado ao torcedor pela Polícia Militar como uma forma de violência. A conduta da PM seria observável por meio de diferentes caracterizações: "abuso de autoridade", "intolerância", "rispidez", "truculência", "despreparo", "incompetência" e outras. Em diversos trechos das entrevistas, os torcedores responsabilizavam diretamente a Polícia Militar pela violência no futebol:

"Outra coisa também é a intolerância da… principalmente… do… da… polícia […]. Tem qualquer coisinha, ele já vai correndo, já passa [com os cavalos] no meio do bando." (Nílson)

"Deveria existir uma polícia para estádios, mas com um trabalho pacificador. Um policiamento comunitário, e não um policiamento que age em presídios e em turbas, porque ele já vai condicionado pra tratar mal o torcedor. A palavra é uma só, é a paulada pela paulada, você num tem o direito de abrir a boca. Você já começa a ser maltratado na revista." (Daniel)

"Primeiro vem do lado da polícia, né? Se a polícia dá... o seu exemplo dentro do estádio, aí não vai ter confusão, não vai ter... torcida vai hoje na arquibancada, vai fazer a sua festa e vai vir embora. Agora, a polícia hoje no Morumbi, o que ela... acontece com esse negócio de corda, corda querendo diminuir... o espaço do São Paulo, isto se torna uma grande confusão dentro do estádio. Você pode hoje ver aí, todas as matérias aí, nas outras torcidas também, confusão aí envolvendo as torcida é por causa da polícia mesmo." (Camila)

"Hoje, na Polícia Militar, lá tem muito policial que não está capacitado de tá lá na corporação. Porque, meu, hoje você vai aí, você vê aí, você vai pra estádio [...] se hoje torcida vai pra porta do CT, se vai pra porta, a polícia já chega jogando bomba, dando tiro, não sabe ter uma conversa antes de tomar qualquer atitude isolada, já chega partindo pra violência, então violência gera violência." (Ademar)

"Às vezes, a polícia não está preparada. Coisas simples, que às vezes somente poderia falar alguma coisa, mas já vem batendo, então tem muitos casos que a própria polícia causa a confusão." (Artur)

"Abuso policial mesmo... é mandar cavalo em cima da gente, espadada, e sem você tá fazendo nada. Agora, se você tá procurando confusão, você tem que receber a punição mesmo, mas se você não tá fazendo nada [...] Abuso policial tem bastante, nos estádio tem bastante." (Robson)

Nesses trechos, fica evidente a opinião dos torcedores de que, em muitos casos, "quem inicia com a violência é a própria Polícia Militar". Para três dos entrevistados (Ademar, Artur e Daniel), inclusive, a PM estaria despreparada para lidar com os torcedores. A esse respeito, é de conhecimento geral a conturbada relação entre PM e torcidas organizadas, e não são tão raros os episódios de confronto físico entre ambas.

A agressão, como vimos, é concebida de forma específica pelos torcedores organizados. Entendem eles que revidar um ataque com outro igualmente violento – d(2): forma de defesa a um ataque anterior – é aceitável, válido, justificável. Logo, se a polícia, por seu despreparo, é quem inicia os confrontos, então o revide, o contra-ataque à agressão seria válido.

Um dos entrevistados, Lucas, relatou um confronto entre a PM e a Torcida Independente durante o jogo entre Cruzeiro e SPFC na final da Copa do Brasil de 2000. Para ele, a conduta da PM no episódio lhe causou imensa revolta:

> "[...] rolou uma briga muito séria com a Polícia Militar, que até agora eu não entendi qual foi o motivo. E a gente sofreu muito pra sair de lá. Ficamos mais de três horas detidos. Foi uma das cenas mais tristes que eu vi: o policial soltou um cachorro no rosto do rapaz sentado. O cachorro realmente mordeu o rosto do rapaz, realmente uma sensação de revolta. Foi uma coisa marcante pra mim. O policial fez aquilo, soltou o cachorro no rosto do rapaz... Quer dizer, pra quem vê aquilo e num tem sangue-frio, você acaba perdendo um pouco a cabeça."

A situação narrada pelo entrevistado retrata a conturbada relação entre polícia e torcidas organizadas, relação essa que pode gerar um clima de desconfiança entre os dois grupos. Essa desconfiança é, por vezes, tão absoluta que um dos torcedores entrevistados considerava a Polícia Militar do estado de São Paulo um dos principais rivais de sua própria torcida, a Independente.

O ambiente de desconfiança se evidencia no trecho da entrevista de Ricardo, que acredita correr mais risco de ser vítima da violência, em razão de seu maior contato com a PM:

> "Como a gente tem mais contato com a polícia, eu penso que a gente encontra um pouco mais de risco, sim, de sofrer algum tipo de violência da polícia."

Os relatos dos entrevistados são reveladores de um quadro de hostilidade entre Polícia Militar e torcidas organizadas. No entanto, apesar do relacionamento hostil, existem iniciativas de criação de canais de interlocução entre ambos os grupos. Exemplo disso é o 2º Batalhão de Choque da PM (com sede na capital paulista), que tem promovido reuniões antes dos jogos clássicos, com o objetivo de traçar estratégias e medidas preventivas de segurança para esses eventos.[25] Apesar dessa iniciativa, alguns torcedores reportam que há desencontro de informações entre o que é decidido nessas reuniões e o que ocorre de fato no dia do jogo; ou seja, as determinações elaboradas no 2º Batalhão não se aplicam realmente às portas do estádio.

Esse ruído na comunicação pode gerar situações de impasse entre a PM e torcedores organizados. É o caso, por exemplo, de torcidas organizadas que às vezes são impedidas de entrar no estádio portando certos itens, como instrumentos musicais, faixas, bandeiras etc. A alegação da Polícia Militar seria que as torcidas não teriam apresentado a devida documentação de autorização desses itens. Os torcedores, por sua vez, argumentam que essa exigência é abuso de poder, já que toda a documentação teria sido apresentada e sinalizada em ofício entregue no 2º Batalhão.

25. Participam dessas reuniões representantes da Polícia Militar, das torcidas organizadas dos clubes que disputarão a partida, bem como dos demais órgãos públicos que estejam envolvidos com o evento, como Metrô e Companhia de Engenharia de Tráfego (CET).

Os torcedores entrevistados, além de reclamar dessas informações desencontradas, tinham uma explicação para elas: o fato de o comandante que conduz a reunião no 2º Batalhão não ser o mesmo presente na porta do estádio, o que possibilitaria o descumprimento das resoluções adotadas na reunião. Essa situação está claramente retratada no trecho da entrevista de Ademar:

> "[...] tem uma reunião nossa no Batalhão, que nós conversa, nós se aprofunda mais pra, para, pra polícia parar com essa violência, nós troca essas ideia, essas conversa tudo no Batalhão, mas infelizmente não acontece nada que as conversa nossa dentro do Batalhão. Não influencia em nada. Porque é o seguinte, o mesmo capitão que está no Batalhão não é o mesmo que está no estádio, então acho ele passa, passa, mas chega no estádio... o cabra que tá lá é... já vai com sangue de guerra mesmo, não vê o outro lado da paz. [...] se vim da polícia aí, parar de... tem que ter um bom senso aí, ter na hierarquia deles lá, umas ideias trocadas ali no Batalhão deles, acho que vai ajudar muito isto daí... e 99% pra guerra parar dentro dos estádio."

A explicitação da visão dos torcedores organizados permite compreender como os torcedores concebem a violência no futebol brasileiro. Essas concepções consistiriam em quatro principais formas de violência no futebol, representadas pelos discursos D(1), D(2), D(3) e D(4). Os argumentos, justificativas e ponderações sobre cada um desses tipos de violência são expressos pelas formações discursivas e pelos discursos presentes no interior dos discursos principais D(1), D(2), D(3) e D(4).

Um ponto central dessa discussão é conceber que os próprios torcedores organizados reconhecem seu envolvimento, e até mesmo protagonismo, no fenômeno da violência do futebol, sobretudo no aspecto da agressão física. Contudo, eles também denunciam formas de violência das quais são vítimas. Portanto, o torcedor não é somente executor de violência. As situações nas quais o torcedor

comum ou organizado é vítima de violência acabam sendo minimizadas, relativizadas ou naturalizadas, afinal a precariedade ou ausência de infraestrutura física e serviços no estádio, a ação extorsiva de flanelinhas, o alto custo do ingresso, o horário impróprio das partidas, o abuso e a coerção policial, a corrupção nas federações, seriam "coisas do futebol".

No próximo capítulo, iremos relacionar os discursos produzidos pelos torcedores, bem como práticas e representações das torcidas organizadas, com o referencial teórico galtuniano de violência e paz. Refletir sobre o cenário das violências no contexto futebolístico à luz dessa teoria pode desnaturalizar algumas práticas e discursos recorrentes na discussão sobre o assunto.

3
Violência e paz nas torcidas organizadas

No capítulo anterior, a análise discursiva produziu quatro principais sentidos de violência, os quais, por sua vez, formaram os quatro principais discursos – D(1), D(2), D(3) e D(4) – sobre a violência no futebol. Dessa forma, os torcedores organizados consideram que a agressão, a precariedade de infraestrutura e serviços dentro dos estádios, a má gestão e organização futebolística e a ineficiência de serviços públicos seriam as quatro formas de violência no cenário futebolístico nacional.

Nossa proposta, neste capítulo, é interpretar e discutir a violência no futebol, tendo como ponto de partida os quatro principais discursos estabelecidos sobre a violência. Para isso, buscaremos aproximá-los do referencial teórico de Johan Galtung, sobretudo em relação aos conceitos de violência e de paz. Em outras palavras, trata-se de explicitar os atos e/ou visões das torcidas organizadas que as fazem se aproximar do conceito de paz ou do conceito de violência.

Ao longo das entrevistas, os torcedores organizados tentavam apontar uma vertente pouco debatida nas discussões sobre a violência no futebol: a visão de que também eles são vítimas de violência.

Isso se faz evidente nas quatro principais formas de violência por eles mencionadas, já que em três delas – D(2), D(3) e D(4) – o torcedor é vítima de violência, e apenas em uma – D(1) – é seu protagonista. Com base nisso, pode-se afirmar que os torcedores entrevistados denunciavam sobretudo a violência contra eles cometida.

No entanto, em alguns trechos das entrevistas, os torcedores organizados silenciavam sobre seu protagonismo em certas situações de violência no futebol. Ao tentarem omitir tal protagonismo, valiam-se de enunciados delocutivos para atribuir a responsabilidade pela violência a outros atores do futebol.

Neste estudo, quando se comparam os quatro discursos com os conceitos galtunianos de violência (direta, estrutural e cultural), em linhas gerais verifica-se que o D(1) – o discurso da agressão – seria equivalente à violência direta, enquanto os D(2), D(3) e D(4) corresponderiam à violência estrutural. Ressalte-se que a violência cultural não foi identificada em nenhum dos quatro discursos produzidos pelos participantes do estudo. Isso significa que os torcedores organizados não reconheceram elementos que justificassem ou legitimassem a violência direta ou estrutural no contexto do futebol brasileiro.

Acerca dessa análise, cabem três ressalvas. A primeira refere-se ao discurso 3 – d(3): a violência é da sociedade –, pertencente ao D(1). Parte da argumentação do d(3) é de que a violência pertence à estrutura social; portanto, seria classificada como violência estrutural na teoria de Galtung.

A segunda ressalva contempla uma argumentação do D(4). A alegação dos torcedores de que a Polícia Militar é responsável por muitos atos de violência (inclusive, a agressão física) seria classificada como violência direta.

Por fim, a terceira ressalva é que, embora os torcedores organizados reconheçam a existência de preconceito em relação às torcidas organizadas, acabam naturalizando tal prática. Não raro, os próprios torcedores enunciam discursos preconceituosos em relação a si. Essa visão deixa de reconhecer a conduta preconceituosa (manifestação clara de violência cultural) como violência, além de

desconsiderar os valores e intenções nela presentes. Por essa razão, pode-se afirmar que o discurso dos torcedores organizados é culturalmente violento. Como atenta Bourdieu (2010), os sistemas simbólicos (entre eles, alguns discursos) cumprem a função política de instrumentos destinados a impor ou legitimar a dominação.

Quanto ao não reconhecimento da violência cultural por parte dos torcedores organizados, cabe notar que esse é um dos pontos mais sutis da violência no futebol. Como o próprio Galtung (1990) observa, a violência cultural não raro acaba sendo naturalizada, e, nesse aspecto, defendemos a ideia de que os discursos que animalizam, que atribuem denominações pejorativas ou estigmatizantes aos torcedores organizados, poderiam justificar ou legitimar a utilização de violência direta ou estrutural contra eles. Ou seja, esses discursos serviram para dar legitimidade a uma série de práticas inaceitáveis. Por exemplo, considerar que os torcedores organizados são "vândalos" permitiria à polícia lançar mão de força desproporcional contra eles, isto é, justificaria uma agressão física e um abuso de poder. Influenciados por tais discursos, também poderíamos acreditar que esses torcedores não merecem desfrutar de serviços de qualidade e tampouco de uma melhor infraestrutura física dos estádios.

Cabe aqui recordar alguns pontos da teoria galtungiana que constituem a base para a compreensão de nossa interpretação sobre a violência no futebol. O primeiro está no fato de a violência ser a causa da diferença entre o real e o potencial, entre o que é e o que poderia ou deveria ser. Quando uma situação calamitosa persiste a despeito de poder ser evitada, a violência aí se configura. E, nesse aspecto, cabe ressaltar, a situação real do futebol brasileiro é grave e evitável. Para tanto, algumas medidas factíveis podem melhorar significativamente esse cenário.

O segundo ponto é que o monopólio de recursos e/ou percepção exercido por determinado grupo ou classe faz que o nível real desses recursos fique aquém de seu potencial. Acerca do assunto, consideramos que o futebol brasileiro é monopólio de alguns atores, sobretudo da emissora detentora dos direitos de trans-

missão. Além disso, cabe destacar que mentiras, naturalizações, dissimulações e desinteresse em relação à real situação do torcedor de forma geral (comum e/ou organizado) contribuem para a manutenção do *status quo* desses grupos.

O terceiro ponto refere-se à distribuição desigual de recursos, já apontada por Galtung (1969), como fator condicionante do acesso ao futebol. Nesse aspecto, julgamos que o acesso desigual ou enviesado ao transporte, por exemplo, mantém inúmeros torcedores afastados dos estádios de futebol. Tal situação persiste por certos fatores, entre eles o horário de realização das partidas (enviesado por interesses econômicos e comerciais). Some-se a isso um outro fator que de certa maneira está relacionado ao ponto anterior, concernente ao monopólio de recursos: a existência de grupos detentores de mais poder na estrutura do futebol brasileiro. Daí serem capazes de determinar, de destinar recursos e serviços de acordo com seus próprios interesses.

Como quarto ponto, consideramos que ameaças de violência também são violência. Do mesmo modo que a manipulação de indivíduos é violência. Os discursos que estigmatizam o torcedor organizado como "vândalo", "vagabundo" contribuem para condicionar a opinião de diversas pessoas sobre esse grupo. Finalmente, deve-se destacar que em todo esse contexto a violência direta é a que se faz mais notável, por causa de suas características (observável e fácil de ser expressa verbalmente).

Com base no referencial galtuniano, pode-se explicitar de que maneira as torcidas organizadas se relacionam com os referenciais de paz e violência. Isso permite analisar e problematizar a violência no futebol por um viés diferente, o que acreditamos ser uma importante contribuição para os estudos acadêmicos sobre violência e futebol.

Adiantamos que a relação das torcidas organizadas com os conceitos de paz e violência ocorre por meio de práticas e representações distintas. Dessa maneira, nossa intenção aqui não é esgotar o assunto, visto que as torcidas organizadas são grupamentos heterogêneos, muitas delas com peculiaridades e lógicas internas específicas.

Essa interpretação identifica elementos que apareceram nas entrevistas, bem como dados empíricos. A seguir, o Quadro 1 fornece, em linhas gerais, os elementos que aproximam as torcidas organizadas dos referenciais galtunianos de violência e paz.

Quadro 1 – Aproximações entre as torcidas organizadas e os referenciais galtunianos

Torcidas organizadas e o referencial galtuniano de violência
1) Protagonismo em relação à violência direta
2) Legitimação e autoafirmação por meio da violência direta
3) Intolerância e distanciamento de grupos rivais

Torcidas organizadas e o referencial galtuniano de paz
1) Protagonismo na oposição à violência estrutural
2) Promoção e participação em campanhas de prevenção à violência
3) Realização de ações sociais

Neste momento, passamos a evidenciar melhor cada uma das aproximações das práticas e representações das torcidas organizadas com os referenciais de violência e paz.

Torcidas organizadas e o referencial galtuniano de violência

Protagonismo em relação à violência direta

Iniciando pelo referencial de violência, a primeira questão a ser abordada é o protagonismo das torcidas organizadas em relação à violência direta. Inegavelmente, pode-se atribuir certo protagonismo às torcidas organizadas em situações de agressão (violência direta), tanto no âmbito empírico quanto no âmbito discursivo,

conforme apresentou a análise discursiva. Nesse sentido, cabe lembrar, inclusive, que as músicas das torcidas reivindicam a agressão como algo "constitutivo".

Há inúmeros casos de confronto físico envolvendo torcidas organizadas que poderiam justificar a atribuição de protagonismo em relação à violência direta. Servem de exemplos a briga do Pacaembu entre torcedores do SPFC e do Palmeiras, ocorrida em 1995, e, mais recentemente, em 2013, o confronto entre organizadas do Atlético Paranaense e do Vasco da Gama. Brigas, emboscadas, músicas ofensivas, xingamentos, intimidação e depreciação do adversário são práticas[1] das torcidas organizadas que contribuem para um quadro de violência no futebol, e as próprias torcidas reconhecem seu protagonismo nesse contexto.

Esses grupos, contudo, interpretam a violência de modo distinto, conforme foi visto anteriormente. Para eles, as brigas e os confrontos físicos dão visibilidade e *status* à torcida e a seus integrantes; portanto, não são valores estritamente negativos. Como ressalta Teixeira (2001, 2013), passar por situações perigosas, enfrentar a morte, perder amigos e ferir-se fisicamente são experiências que concederiam poder a um torcedor organizado. Por essa razão, a escolha da forma de comunicação das torcidas organizadas (por meio de músicas e/ou emblemas) passa pela representação e indicação de que esses grupos são perigosos, devem ser temidos e respeitados (Teixeira, 2006).[2]

1. A literatura acadêmica sobre torcidas também apresenta outros exemplos dessas práticas, como furtos a torcedores comuns, saques a estabelecimentos comerciais durante caravanas (viagens a outras cidades para ver o time jogar), depredação do patrimônio público, linchamento e provocação verbal a transeuntes (Toledo, 1994; 1996; Pimenta, 1997).
2. Exemplo disso é o emblema escolhido por uma divisão da Polícia Militar do Rio de Janeiro, o Batalhão de Operações Especiais (Bope): uma caveira com um punhal atravessando o crânio longitudinalmente. Entre outras coisas, esse símbolo tem como função de comunicação demonstrar que o grupo deve ser temido e respeitado.

No que tange à violência direta entre torcidas organizadas de futebol, os confrontos físicos tanto podem ser espontâneos, ocasionais, como premeditados. Os primeiros resultam do encontro ocasional de duas torcidas organizadas, e, como ressalta Teixeira (2001), são situações em que sempre há possibilidade de início de um confronto físico. Já nos confrontos premeditados, existe uma intenção deliberada de lutar contra o inimigo, e os instrumentos utilizados para isso podem ser paus, pedras, bombas e armas de fogo (Teixeira, 2001).

Segundo Elias e Dunning (1992), os participantes dos confrontos premeditados sentiriam um prazer decorrente de tal prática, dada sua capacidade de promover uma agradável sensação de excitamento. No entanto, Murad (2007) salienta que apenas uma pequena parcela dos membros de torcidas organizadas seria adepta da violência premeditada. Mas o estigma de "violento" acaba sendo estendido a todos os integrantes de torcidas organizadas, mesmo que dados de pesquisas e o discurso dos torcedores indiquem que somente uma parcela irrisória deles costuma se envolver em confrontos premeditados.

Embora o protagonismo em situações de violência direta não seja exclusivo da torcidas organizadas, cabe notar que a responsabilidade por essas situações recai sistemática e unicamente sobre elas. Essa responsabilização exclusiva das torcidas desconsidera, por exemplo, que elas também podem ser vítimas de violência (agressão física e abuso de poder) por parte da Polícia Militar.

Dessa maneira, atribuir a responsabilidade somente às torcidas organizadas não contribui para o avanço do debate sobre a violência no futebol, porque, além de estigmatizá-las como violentas, essa atribuição não leva em conta que elas também podem ser agentes da paz no futebol. Ou seja, desconsidera a importância das torcidas organizadas como atores também nesse outro aspecto.

Legitimação e autoafirmação por meio da violência direta

O segundo ponto de aproximação entre torcidas organizadas e o referencial galtuniano de violência diz respeito à existência de práticas e representações em que a violência é um dos principais mecanismos de legitimação e autoafirmação do sujeito perante o grupo.

No contexto das torcidas organizadas, uma dessas práticas consiste em "botar pra correr" a torcida adversária, situação que resulta na melhora da imagem e do *status* da torcida agressora. A Mancha Alviverde, por exemplo, cresceu, ganhou força e conseguiu afirmar-se diante das demais torcidas organizadas, utilizando-se da violência (Toledo, 1996; Pimenta, 1997).

As práticas e representações, geradoras das lógicas das torcidas organizadas, também podem gerar um ciclo de violência direta entre os grupos rivais. A revanche sempre aparece como um mecanismo de recuperação da honra perdida em confrontos anteriores. Essa lógica contribui para o aumento dos episódios de violência entre torcidas organizadas.

Nesse contexto, um dos pontos fundamentais para a elucidação da violência entre torcidas organizadas é o conhecimento e compreensão dos valores dos torcedores em relação à violência. Tornar determinada prática ilegal não muda o valor que essa prática representa para um grupo. Isso significa que atos de violência não deixarão de ser aceitáveis e/ou justificáveis para os torcedores organizados por serem ilegais e seus praticantes sujeitos a sanções da lei, inclusive prisão. Portanto, é preciso considerar as formas culturais aí envolvidas que atribuem valor à violência (Garriga Zucal, 2013). Sendo assim, a criação de uma cultura de paz no futebol passa, necessariamente, pela mudança de certas práticas e representações das torcidas organizadas.

A racionalidade da violência escapa à visão do homem civilizado, que vê nesse fenômeno algo estritamente negativo (Maffesolli, 1987). Entretanto, como se expôs no Capítulo 2, os torcedores entrevistados demonstraram que esses grupos não compartilham esse va-

lor estritamente negativo da violência. Afinal, em certas situações, a violência é por eles considerada aceitável e/ou justificável.

O conceito de *aguante*, proveniente da literatura argentina, contribui para a compreensão de situações em que a violência direta pode ser vista como positiva. É o caso de um membro da *hinchada* do clube Huracán que era pouco respeitado por seus pares, mas que, após envolver-se em um confronto físico com a *hinchada* de outro clube, conquistou o respeito dentro de seu grupo, a *hinchada* (Garriga Zucal, 2010). Esse exemplo demonstra como a violência direta é considerada positiva pelos membros das *hinchada*s, e como está relacionada com o *status* conferido a torcedores organizados que enfrentam situações de perigo (Teixeira, 2001). Esses torcedores, portanto, desfrutariam de maior reputação entre os membros da torcida.

Quando se analisa a violência, é preciso levar em consideração o contexto em que ela ocorre. Nessa análise, deve-se buscar apreender os significados das ações realizadas por determinado grupo (Toledo, 1994). O uso ou não da agressão não pode ser o fator determinante para a definição da ideologia do grupo. É o caso, por exemplo, das rivalidades entre grupos políticos ou religiosos, os quais também se envolvem em episódios de violência direta, mas nem por isso são definidos como violentos. Situação inversa da que ocorre com as torcidas organizadas.

Especificamente em relação às torcidas organizadas, pode-se afirmar que elas instauraram um novo padrão de sociabilidade, expresso pela forma de torcer e pelo grande envolvimento com o futebol profissional. Como ressalta Toledo (1994), esse padrão cria modos específicos de comportamento e ação, contando, inclusive, com um comportamento verbal, regras e um estilo de vida específico, característico. E, como parte desse estilo próprio, encontra-se a violência direta, por vezes avaliada positivamente.

Embora a violência direta seja parte do contexto das torcidas organizadas, existem novos movimentos de torcidas que tentam romper com o estereótipo violento desses grupos. Por exemplo, os movimentos populares da cidade do Rio de Janeiro mencionados por Teixeira (2006) representam uma tentativa de rechaçar práticas

e representações violentas. Ou seja, declaram seu repúdio ao uso da violência direta como algo válido, positivo.[3]

Intolerância e distanciamento de grupos rivais

O terceiro aspecto que aproxima as torcidas organizadas do referencial galtuniano de violência refere-se aos casos de intolerância e, consequentemente, ao distanciamento de grupos rivais. Conforme foi visto anteriormente, certas práticas das torcidas organizadas justificam a atribuição do protagonismo da violência no futebol a tais grupamentos. São inúmeros os casos que exemplificam condutas intolerantes das torcidas. No âmbito da literatura acadêmica, por exemplo, Toledo (1994) já mencionava elementos de intolerância e ações violentas desses grupos. Essas condutas tiveram como consequência a morte de dois adolescentes em 1992.

No âmbito empírico, destacam-se os confrontos resultantes do encontro de torcidas, além da elaboração de emboscadas, "esquemas" e ataques físicos de grupos com maior número de pessoas a grupos menores. Casos como esses dificultam a participação mais efetiva e a legitimação das torcidas organizadas no cenário futebolístico nacional. Esse quadro contribui até mesmo para o fracasso das políticas públicas voltadas para o combate à violência no futebol, já que, em nossa análise, as torcidas organizadas deveriam participar da construção e execução dessas políticas.

Ainda com respeito à intolerância, cabe mencionar os episódios de caráter homofóbico. Caso emblemático foi o do jogador Emerson Sheik, ao dar um "selinho" na boca de um amigo seu. Depois disso, o jogador passou a ser coagido, ameaçado e perseguido pelos torcedores organizados. Alguns membros de organizadas do Corinthians fizeram protestos exigindo sua saída imediata do clube, levando faixas ao centro de treinamento da equipe com os

3. Durante as entrevistas deste estudo, alguns torcedores organizados demonstraram repúdio semelhante à violência direta, ao declarar que "cansaram de brigar".

dizeres: "Viado não" e "Vai beijar a P.Q.P. ... aqui é lugar de homem".

Essas faixas são uma clara revelação da intolerância dos torcedores organizados em relação ao ato praticado pelo jogador Sheik, ou seja, a um comportamento que consideram fora dos padrões de normalidade. No entendimento dos torcedores, beijar a boca de outro homem é algo não apenas inaceitável por si só, como também prejudicial à reputação da torcida do Corinthians. Esse dano à reputação se traduziria em provocações, chacotas e inferiorização da masculinidade de toda a torcida corintiana, por parte das torcidas de outros clubes.

Cumpre notar que a homofobia também perpassa o universo futebolístico. Isso pode ser observado, por exemplo, na indignação quanto à conduta do jogador Sheik, expressa pelos dizeres "Viado, não" e "Vai beijar a P.Q.P. ... aqui é lugar de homem" estampados nas faixas produzidas pelos torcedores. As mensagens homofóbicas são exemplos dos valores altamente masculinos, que permeiam o ambiente do futebol, particularmente o das torcidas organizadas. Fato é que nunca um atleta de futebol no Brasil assumiu publicamente ser homossexual. Todavia, de acordo com vários ex-atletas e técnicos, existem jogadores homossexuais, mas esses omitiriam o fato sob o argumento de que sua revelação ao público afetaria drasticamente sua carreira.

Pode-se dizer que os valores masculinos e homofóbicos das torcidas organizadas tradicionais têm dificultado e até mesmo impedido a criação de torcidas autodeclaradas homossexuais. A Flagay, apontada por Monteiro (2003), a Coligay e a Raposões, por exemplo, foram extintas em decorrência da coerção dessas torcidas. Outro caso recente foi a proposta de criação, em 2013, de uma torcida LGBT para corintianos: a Gaivotas Fiéis.[4] A ideia, além de

4. Embora a Gaivotas Fiéis nunca tenha existido oficialmente, Felipeh Campos, seu idealizador, relatou ter sofrido ameaças homofóbicas ao tentar criá-la (Terra, 2013).

reprovada pelos torcedores organizados do Corinthians, passou a ser motivo de sátira entre torcedores organizados de outros clubes.

No primeiro jogo entre Corinthians e São Paulo disputado na Arena Corinthians, por exemplo, os torcedores são-paulinos chegaram a Itaquera com uma mensagem de cunho homofóbico para provocar os rivais. Além dessa provocação, os tricolores criaram uma música cuja letra citava os casos de Sheik, Ronaldo, Dinei e Vampeta. Na avaliação dos torcedores organizados do São Paulo, esses ex-jogadores corintianos teriam se envolvido em situações comprometedoras e ligadas à homossexualidade (Lance, 2014).

A intolerância leva a um crescente isolamento dos grupos de torcidas organizadas, que desse modo vão perdendo cada vez mais a capacidade de articulação e interlocução. Essa situação ocorre até mesmo com torcidas do mesmo clube, que, ao disputarem entre si por mais espaço, legitimidade e reconhecimento, acabam se distanciando umas das outras. Por essa razão, pode-se compreender a existência de confrontos físicos entre torcidas organizadas de um mesmo clube, fenômeno que pode ser potencializado quando se trata de uma torcida rival.

A intolerância e o distanciamento de grupos rivais fazem que as torcidas organizadas tenham pouco diálogo entre si, pouca interlocução. Por sua vez, a falta de diálogo e respeito mútuo contribui para o acirramento das rivalidades, além de dificultar a busca de soluções coletivas, o que favorece a manutenção ou o crescimento da violência entre torcidas organizadas.

Torcidas organizadas e o referencial galtuniano de paz

Cabe aqui recordar brevemente os conceitos de paz negativa e paz positiva definidos por Galtung (1969, 1990). A paz negativa restringe-se à extinção da violência direta. Já a paz positiva consiste na eliminação das violências direta e estrutural.

Protagonismo na oposição à violência estrutural

Com base nos conceitos expostos, a primeira aproximação das torcidas do referencial de paz refere-se ao protagonismo das torcidas organizadas na oposição à violência estrutural. Esse fator pode ser evidenciado pelo reconhecimento e denúncia das formas de violência estrutural.

As formas de violência contra o torcedor, cumpre lembrar, encontram-se substancialmente no âmbito estrutural, como afirma Lopes (2012). Foi possível perceber, nas entrevistas deste estudo, que as principais reclamações das torcidas organizadas dizem respeito ao horário das partidas, ao preço dos ingressos e à disponibilidade de transporte na volta para casa. Nesse cenário de grande violência estrutural contra os torcedores, o principal ator (se não, o único) do futebol nacional a se posicionar contrariamente a esse tipo de violência seriam as torcidas organizadas.

Em uma incursão histórica aos primórdios do futebol no Brasil, percebe-se que esse esporte estava ligado ao ideal de distinção social,[5] o que acabava gerando um cenário de clara exclusão das camadas mais populares da sociedade do ambiente futebolístico (Proni, 2000; Malaia, 2010). Esse viés excludente determinou que grande parte da população brasileira permanecesse alijada da prática esportiva do futebol em seu início. No meio futebolístico, não houve sequer uma única voz que se levantasse contra a exclusão dos torcedores mais pobres, haja vista a inexistência pessoas, grupos ou instituições contrárias a tal exclusão.

Em sua constante luta contra a violência estrutural, as torcidas organizadas representam um importante contraponto na estrutura do futebol brasileiro, ao combater, por exemplo, a elitização do futebol, movimento que poderia significar a volta da exclusão dos torcedores mais pobres.

---

5. O futebol, assim como o esporte em geral, era um fator distintivo para a elite socioeconômica do Brasil, aspecto que só viria a ser mudado com sua popularização (Proni, 2000).

As torcidas organizadas tendem a representar e defender os interesses dos torcedores mais desfavorecidos socioeconomicamente, pois funcionam como um importante canal para a participação ativa desses torcedores no meio futebolístico. Desse modo, elas são um dos principais atores (quiçá, o maior) da luta contra as formas de violência estrutural no futebol.

Apesar de seu protagonismo na oposição à violência estrutural, as torcidas organizadas poderiam investigar e combater mais profundamente a corrupção e a má gestão futebolística. A corrupção já foi alvo de protestos por parte das torcidas, com a realização de um movimento denominado "Fora Ricardo Teixeira!", em 2011, que contou com a participação de diversas torcidas organizadas e torcedores comuns de todo o Brasil, manifestando-se tanto nos estádios quanto na internet (Mendes et al., 2013). Esse movimento, no entanto, permaneceu como uma ação isolada no cenário do futebol.

Cabe ressaltar que sobre a corrupção existem denúncias e até mesmo provas de esquemas de fraude e enriquecimento ilícito de dirigentes, seja no âmbito da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (Ribeiro Júnior; Chastinet; Azenha, 2014), seja no âmbito da Fifa (Jennings, 2011, 2014). No entanto, apesar de todas essas denúncias, as torcidas organizadas permanecem aparentemente alheias a tais práticas. Em um contexto de luta por um futebol mais justo e transparente, as torcidas organizadas poderiam ser um importante ator. Um indício de avanço neste sentido começou a se manifestar no início do ano de 2016. A torcida Gaviões da Fiel realizou protestos contra o caso de roubo da merenda escolar (caso de corrupção que teria comprometido). Situação esta que extrapola o cenário futebolístico e indica um início de discussão e posicionamento político da torcida na sociedade de modo mais amplo.

Quanto à má gestão futebolística, a atuação das torcidas organizadas poderia ser mais incisiva na denúncia e no combate a inúmeros casos de má administração, até porque elas costumam acompanhar os bastidores de seus clubes e do futebol em geral. Essa atuação poderia se dar tanto no âmbito restrito do clube quanto na esfera mais ampla das federações e confederações. Na

Copa do Mundo de 2014, por exemplo, os valores de construção dos estádios foram questionados e discutidos somente até a abertura do evento. Depois disso, os casos de corrupção, má gestão e desvio de dinheiro foram deixados em segundo plano, pois a imprensa passou a dar ênfase nos resultados dos jogos. Portanto, as torcidas poderiam atuar como importantes fiscalizadores de questões concernentes a todas as esferas do futebol. Apesar destas críticas por nós estabelecidas, não podemos perder de vista o fato de que, por vezes, existem ações fiscalizadoras por parte das torcidas organizadas também acerca da má gestão futebolística. Novamente, citamos a Gaviões da Fiel como exemplo: no início do ano de 2016 questionou e pressionou a diretoria do Corinthians acerca das contas do estádio Arena Itaquera, pois o clube até o fim de março de 2016 não negociou os *naming rigths* do estádio. Fato este que geraria consequências financeiras negativas para o clube.

Reconhecemos que as torcidas organizadas se opõem e lutam constantemente contra a violência estrutural, apesar dos limites aqui apontados. Por essa razão, defendemos que essas agremiações representam um importante movimento de resistência popular no cenário futebolístico nacional, especialmente contra a elitização do futebol. Pode-se sustentar tal afirmação com base no interesse das torcidas pela criação de espaços economicamente acessíveis à população de menor renda. Desse modo, haja vista a constante luta das torcidas organizadas contra a violência estrutural, consideramos que esse protagonismo as aproximam do referencial galtuniano de paz.

Promoção e participação em campanhas de prevenção à violência

Outro aspecto que aproxima as torcidas organizadas do referencial de paz, mais especificamente do referencial de paz positiva, é a criação, promoção e participação em campanhas de prevenção à violência direta. Nesse sentido, a recente fundação da Associação

Nacional das Torcidas Organizadas (Anatorg) em 13 de dezembro de 2014 representa um importante passo no estabelecimento de uma cultura da paz entre as torcidas de todo o país.

O objetivo da Anatorg é buscar maior interlocução entre as torcidas organizadas, questionar e denunciar os pontos contraditórios e pouco discutidos no futebol, como valores dos ingressos, horários das partidas, disponibilidade de transporte, gestão das confederações etc. Além de contribuírem para a diminuição das violências direta, estrutural e cultural, as ações da Anatorg buscam atender não apenas às demandas dos torcedores organizados, mas às dos torcedores em geral. Com a promoção dessas ações, a Anatorg favorece a concretização do ideal de paz positiva no ambiente das torcidas organizadas. Cabe citar também a Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ) fundada antes da Anatorg, seu intuito é promover o diálogo entre as torcidas organizadas de todo o estado, e entre elas e o poder público.

Ainda no que se refere às campanhas de prevenção da violência direta, é interessante mencionar duas medidas adotadas por torcidas do SPFC que tiveram membros entrevistados neste estudo: o recadastramento dos torcedores da Independente e a participação da Dragões da Real em um programa de intercâmbio na Alemanha.

A Torcida Independente decidiu recadastrar seus membros com o objetivo de afastar aqueles que pudessem se utilizar do ambiente da torcida organizada para se envolver em episódios de violência física e/ou cometer atos ilícitos (furtos, assaltos, venda e consumo de entorpecentes). Durante o recadastramento, a Independente fez que seus membros da torcida se comprometessem a usar uma camiseta específica nos jogos do SPFC. A camiseta, de uso exclusivo dos membros, não é comercializada, de modo que, segundo os dirigentes da torcida, facilitaria o trabalho das autoridades, uma vez que distingue visualmente os torcedores da Independente dos não filiados.

A segunda medida de prevenção à violência é a participação da Dragões da Real em um programa de intercâmbio e cooperação entre Alemanha e Brasil, denominado *Host City Program*. O pro-

jeto é uma iniciativa do governo alemão, e nele estão envolvidos jornalistas, pesquisadores, torcedores organizados e autoridades.

A disposição das torcidas organizadas para o diálogo e a cooperação com as autoridades demonstra o comprometimento desses grupos com o ideal de paz. É nesse sentido que ressaltamos o papel de algumas torcidas organizadas com longo histórico de rivalidade violenta (como as torcidas do Ceará e do Fortaleza). Essas agremiações vêm tentando ampliar o diálogo entre si, para buscar outros caminhos, não violentos, para a resolução de conflitos. Infelizmente, porém, essas iniciativas não têm despertado a atenção dos meios de comunicação, de modo que permanecem sem a merecida divulgação. Em alguns casos, o estreitamento de relações também contempla a melhoria do relacionamento da torcida organizada com a Polícia Militar e o poder público.

Ao longo do ano, diversas torcidas organizadas realizam ações voltadas para a paz com seus associados. Nos sites oficiais das torcidas, por exemplo, são divulgadas campanhas de conscientização sobre a violência física, tendo como foco afastar seus torcedores de confrontos com outras torcidas organizadas. Essas campanhas são mais intensas durante a semana que antecede a realização de jogos clássicos, nos quais a rivalidade é mais acirrada. Entre essas ações, destaca-se a campanha de defesa da paz e da justiça realizada pela Torcida Independente e divulgada por um manifesto:

> "A nossa onda é torcer sem violência!
>
> Viemos através deste manifesto desmistificar algumas opiniões polêmicas sobre as torcidas organizadas e demonstrar a todos que também lutamos e torcemos por PAZ E JUSTIÇA, dentro e fora dos estádios, além, é claro, por nosso Clube do Coração.
>
> Para quem não sabe ou não conhece, Torcida Organizada não é gangue, não é bando e muito menos uma organização criminosa em que fazem parte meliantes, bandidos ou marginais.
>
> Torcedores organizados não vão ao estádio com o intuito de promover a desordem, de gerar violência gratuita, de cometer

> delitos contra o cidadão comum, de agredir fisicamente o torcedor rival e muito menos de tirar a vida de inocentes.
>
> Para quem sabe e conhece, Torcida Organizada é um grupo de pessoas comuns como eu e você, que gostam de assistir ao jogo de pé, porque não é plateia e de se organizar para colorir o estádio com bandeiras, faixas, papel picado, sinalizadores e ouros artifícios que embelezam o espetáculo.
>
> Torcedores Organizados são uma associação de amigos e irmãos com ideologias parecidas. Gostamos de gritar do começo ao fim o nome do time do coração, de fazer uma festa à parte no estádio e de apoiar o nosso time para mais uma vitória, mesmo na pior das circunstâncias.
>
> Entretanto, não somos inocentes em achar que não existem entre os nossos integrantes, uma minoria de pessoas que não entende a nossa filosofia de torcer e amar o Clube em que depositamos nossas emoções, frustrações e esperanças.
>
> Porém é inocente quem acha que há somente gente sem compromisso e inescrupulosa em Torcida Organizada e não vê que existem pessoas de caráter duvidoso em qualquer profissão, família, partido político, fundação religiosa, entre outras organizações.
>
> Dada estas explicações, viemos a público dizer que SEMPRE orientamos nossos integrantes a respeitar o próximo e principalmente o adversário. Que temos como bandeira a paz e justiça para todos, independente das camisas que vestem.
>
> Finalizamos este manifesto, deixando um recado para aqueles que não conhecem um amigo, parente ou conhecido que torce por outro time, ou que acha demagogia e hipocrisia o que foi dito até aqui."

Além das campanhas de conscientização realizadas na internet, as torcidas organizadas promovem em suas sedes reuniões com novos sócios. Nesses encontros, seus dirigentes procuram esclarecer os novos membros sobre os objetivos e as condutas de uma torcida organizada, reforçando o propósito maior: apoiar o clube.

Ao promoverem essas ações contra a violência, as torcidas organizadas buscam estabelecer uma cultura de paz, aproximando-se do referencial de paz cultural proposto por Galtung. Ou seja, essas ações das torcidas justificam ou legitimam a paz.[6]

Realização de ações sociais

Por fim, é preciso ressaltar a promoção de ações sociais por parte de muitas torcidas organizadas: doação de sangue, distribuição de alimentos, cestas básicas, roupas, ovos de Páscoa, brinquedos, entre outras. Essas iniciativas costumam ocorrer em datas específicas, como Dia das Crianças, Páscoa, Natal, com o intuito de auxiliar pessoas necessitadas.

Imagem 13 – Ação social realizada pela Torcida Independente (foto de Maguila)

---

6. Cabe aqui relembrar as contribuições de Lopes (2013b) para a ampliação do conceito de violência cultural originalmente proposto por Galtung. O autor sugere que se analise o sentido utilizado, já que algumas ações podem ser violentas, sem legitimar tal fenômeno; ou seja, é preciso verificar se esse sentido está a serviço da paz ou da violência, independentemente dos mecanismos empregados.

Nesse aspecto, a Dragões da Real realiza um trabalho social constante. Além de promover ações sazonais, como as outras torcidas, a Dragões firma parcerias ao longo do ano com a Prefeitura da Cidade de São Paulo (Projeto Não Jogue Lixo na Rua), agências de empregos, clínicas de reabilitação de dependentes químicos. Em 2014, a entidade assumiu a administração da organização não governamental de caráter beneficente, Estrela do Amanhã (Dragões da Real, 2014b). A Torcida Independente também possui projetos sociais, conforme se vê na imagem anterior.

Em sua tentativa de auxiliar a redução da violência estrutural, as torcidas organizadas se aproximam do referencial de paz positiva. Portanto, seu objetivo não se restringe a extirpar a violência direta, mas também erradicar a violência estrutural, seja no cenário do futebol, seja em um panorama social mais amplo.

Considerações finais

O futebol é um esporte de grande representatividade social na cultura brasileira. Seja na prática, seja na fruição, o futebol é parte significante das atividades de lazer de boa parte da população do país. Tendo em vista a relevância do tema, nossa preocupação voltou-se para o estudo de um fenômeno que ocorre "fora das quatro linhas" desse esporte: a violência envolvendo espectadores de futebol, particularmente as torcidas organizadas.

Essa violência está presente em diversos países onde o futebol é praticado, entre eles o Brasil. Pensando na realidade brasileira, selecionamos os torcedores organizados como objeto de nossa pesquisa, pois desejávamos saber o que teriam a dizer sobre a violência. Nosso objetivo foi investigar os discursos de torcedores organizados acerca da violência no futebol brasileiro, para posteriormente interpretá-los à luz da teoria de Johan Galtung (Galtung, 1969, 1980, 1985, 1990, 1994, 2004).

Identificamos que os torcedores organizados reconheciam quatro principais formas de violência no futebol brasileiro: agressão, precariedade de infraestrutura física e serviços dentro dos estádios, má gestão e organização do futebol e ineficiência dos serviços públicos. Em seguida, cotejamos os quatro discursos com o referencial teórico galtuniano, a fim de detectar as aproximações

das torcidas organizadas dos conceitos de paz e violência de Galtung.

Com base nos resultados de nossa pesquisa, é possível mencionar algumas potencialidades e limitações no debate sobre a violência no futebol por parte do grupo de torcedores entrevistado. Os torcedores, por exemplo, reconhecem e denunciam formas de violência que comumente são deixadas em segundo plano, sobretudo suas formas estruturais. Além disso, às vezes também reconheciam os erros cometidos por sua torcida, como o protagonismo nos episódios de violência direta. Essa visão das torcidas pode contribuir para o debate sobre a violência no futebol.

Por outro lado, durante as entrevistas, os torcedores organizados deixaram de considerar aspectos importantes da violência no futebol, o que contribui para a limitação do debate. O potencial dos meios de comunicação para atuar como agentes de violência, o preconceito, o racismo e os interesses econômicos envolvidos no futebol não foram mencionados e tampouco considerados como formas de violência.

Não temos aqui a pretensão de esgotar a discussão sobre violência no futebol e tampouco apresentar soluções definitivas para a questão, pois reconhecemos a complexidade do fenômeno. Além disso, trata-se de uma questão que deve ser objeto de constantes reflexões, haja vista a frequência dos episódios de violência envolvendo espectadores de futebol. Cabe lembrar que essa violência não diz respeito apenas às torcidas organizadas. Agressão física e abuso por parte de autoridade policial nos estádios, por exemplo, também podem ser encarados como situações de violência no futebol.

Dessa maneira, o viés de nossa investigação acadêmica consistiu em evidenciar e abordar elementos que vêm sendo constantemente deixados em segundo plano nas discussões sobre o assunto. Esse exercício destina-se a ampliar, aprimorar, contribuir e enriquecer o debate sobre a violência no futebol brasileiro. Logo, a intenção aqui não é subestimar os episódios de violência direta entre torcedores organizados, mas sim problematizar tal questão, aler-

tando que o fenômeno da violência no futebol não pode ser reduzido somente a esse tipo de ocorrência.

Os estudos acadêmicos (e, consequentemente, a academia) podem representar um importante canal de debate e problematização, principalmente quando partem de um viés diferenciado: o viés da compreensão, em detrimento daquele que ressalta o preconceito ou o estigma. Animalizar os torcedores organizados provoca um distanciamento desse grupo, pois exclui da lógica do pensável suas práticas e representações.

No debate sobre a violência no futebol, é preciso lembrar sempre que o torcedor organizado (e o torcedor comum) é um cidadão que possui direitos e deveres, independentemente de seu envolvimento ou não com a violência. Outro ponto a ser ressaltado é o contexto de envolvimento com a violência. Em alguns contextos, a violência é premeditada, buscada, almejada. Em outros, porém, é espontânea, ocasional, situacional. Muitas vezes, o envolvimento com episódios de violência decorre do contexto. Isso significa que em certas situações a violência aparece como a única forma de resolver um conflito.

Nesse sentido, a violência como prática social é julgada, avaliada de acordo com os parâmetros simbólicos e morais, os quais, por sua vez, operam como marco interpretativo de um indivíduo, grupo, comunidade ou sociedade (Cabrera, 2012). Além disso, nunca se deve esquecer que a violência é um fenômeno que independe da situação socioeconômica de seus atores. Logo, existem torcedores violentos em diferentes locais do estádio, inclusive nas torcidas organizadas.

A violência é vista como um fenômeno estritamente negativo. O Estado moderno a expõe para a sociedade sob a forma de recriminação, já que detém o monopólio do uso da força e da violência. Os meios de comunicação a apresentam sob a forma de espetacularização, em diversos programas e reportagens envolvendo o assunto, muitas vezes de maneira sensacionalista. Em decorrência da condição marginal e negativa da violência, nenhum ator social quer ser definido como "violento". Esse fato gera um embate na defi-

nição do rótulo de "violento", que necessariamente será dado a alguém. Desse embate participam distintos atores sociais, situados em diferentes posições da estrutura social.

Independentemente do assunto tratado, em todo debate existem lugares e posições discursivas mais apropriadas que têm mais poder para determinar o que é e o que não é válido. Essa condição também se faz presente no caso da violência, pois existem discursos e lugares discursivos para determinar o que é e o que não é violento.

Como afirma Garriga Zucal (2013, p.9), a partir de fatos violentos inicia-se um "jogo de luzes e sombras", um jogo que determina a iluminação ou a sombra da responsabilidade sobre a violência de diferentes atores do futebol. Nesse jogo, a atribuição ou retirada da culpa de determinado sujeito, instituição ou grupo não ocorre por ingenuidade, mas sim por perversidade (Garriga Zucal, 2013). É como se houvesse um silenciamento intencional, (coloca-se na sombra) da própria participação na violência, para apontar a participação alheia.

Como pudemos verificar em nosso estudo, às vezes os torcedores organizados silenciam sobre a própria participação nos episódios de violência. Todavia, surge um questionamento: será que as federações, CBF, polícia e televisão não fazem o mesmo? Será que esses atores não silenciam sobre as suas próprias contribuições para a violência no futebol?

Com base nos dados desta investigação, podemos especular que sim, pois muitos debates sobre a violência – realizados em espaços centrais e com ampla divulgação, como a televisão – há anos seguem responsabilizando única e exclusivamente as torcidas organizadas pela violência no futebol. Contudo, esses mesmos debates continuam omitindo outros aspectos da questão. Além disso, existem atores centrais nessa discussão (Lopes, 2012) que poderiam e/ou deveriam propor outros elementos para ser debatidos, a exemplo dos torcedores organizados, que se mobilizam em torno de uma agenda (preço do ingresso, horário dos jogos, infraestrutura física dos estádios, serviços disponibilizados aos torcedores etc.).

Logo, o debate sobre violência no futebol por vezes é caracterizado por desconhecimento e superficialidade, além da culpabilização de um único ator: as torcidas organizadas.

Resta uma pergunta: essa culpabilização seria intencional? Pensar sobre um problema (a violência no futebol) e encontrar um culpado (as torcidas organizadas) não implicaria uma intenção deliberada de jogar luz sobre a responsabilidade das torcidas, para lançar sombra sobre a responsabilidade dos outros atores do futebol? Acreditamos que sim. Tal atitude, porém, nada contribui para a compreensão de um problema complexo e muito menos para a elaboração e promoção de políticas públicas eficazes.

Qualquer análise sobre a violência no futebol brasileiro deve levar em conta a relação dos diversos atores do futebol com a violência. Isso significa que torcedores comuns, policiais, jornalistas, dirigentes e, também, torcedores organizados possuem práticas e representações violentas. Partindo desse pressuposto, sugerimos uma reflexão: quem seria o mais violento? O torcedor organizado que participa de confrontos físicos, o torcedor comum que apoia e reforça o racismo e o preconceito, o jornalista sensacionalista que cria um clima de guerra e confronto em torno de uma partida, o dirigente que desvia dinheiro do clube ou o policial que pratica abuso de poder? Aparentemente, não é possível saber exatamente qual desses atores seria o mais violento.

Nesta reflexão, defendemos que reduzir a discussão da violência no futebol meramente à ação das torcidas organizadas fragmenta a análise desse complexo fenômeno e se mostra improdutivo. Acreditamos que o frequente envolvimento das torcidas organizadas com a violência direta (acontecimento que atrai audiência) levou-as para o centro das atenções, atribuindo-lhes a culpa. A isso pode-se acrescentar o fato de as torcidas organizadas enxergarem a violência, em alguns contextos ou situações, como algo positivo, aceitável, justificável, justo, necessário, ao passo que os demais atores do futebol – que também possuem práticas e representações violentas – a rechaçam ou lhe atribuem valor negativo, classifi-

cando-a de vexatória, vergonhosa, deprimente etc.[1] É preciso lembrar que, apesar da condenação discursiva da violência direta, muitos torcedores (comuns ou organizados) também colaboram para a sua ocorrência.

Julgamos que a conjunção desses dois fatores – frequente envolvimento e julgamento moral específico da violência – contribuiu para que as torcidas organizadas assumissem o papel de "principais responsáveis" pela violência no futebol brasileiro. Todavia, conforme pudemos apresentar ao longo deste livro, esse raciocínio não é tão linear e simples.

Por essa razão, este estudo destina-se a expandir e aprimorar a discussão sobre a violência no futebol. Para tanto, utilizamos como base o referencial teórico sobre paz e violência do sociólogo norueguês Johan Galtung. Com base nos dados de nossa investigação, pudemos concluir que:

1) Os torcedores organizados acreditam na existência de quatro formas de violência no futebol brasileiro;
2) As torcidas organizadas aproximam-se dos referenciais de paz e violência, por meio de distintas práticas e representações;
3) O referencial galtuniano mostra-se produtivo para análises sobre violência e futebol, pois permite uma visão global e complexa sobre a questão.

---

1. Cabe aqui uma ressalva. De acordo com Alabarces (2012), a violência direta apresenta consensos no mundo futebolístico. Ou seja, considera-se a violência aceitável em certas situações. Por mais que seja combatida discursivamente por torcedores (comuns ou organizados), os mesmos torcedores que a denunciam e repudiam cantam músicas que a enaltecem, vangloriam-se das vitórias de suas torcidas em confrontos violentos e zombam dos fracassos alheios. Podem-se destacar, ainda, as práticas de intolerância (principalmente sexual), como o grito de "Oooô, biiicha!" durante o tiro de meta do time adversário. Essas práticas são massivas em um estádio de futebol e ocorrem, inclusive, nos setores mais "nobres" do estádio.

A primeira conclusão tem como base a análise discursiva realizada. Os quatro principais discursos – D(1), D(2), D(3) e D(4) – evidenciam a existência de quatro tipos de violência. Os torcedores organizados se consideram, ao mesmo tempo, vítimas e produtores de violência direta, porém somente seriam vítimas das três formas de violência estrutural.

Cabe salientar a importância das diferenças discursivas apresentadas, uma vez que não contemplam apenas o âmbito linguístico, mas também a constituição de diferentes sujeitos. Quando o torcedor afirma X, e não Y, sobre a violência, ele se aproxima de determinada definição. Isso significa que ele se autodefine como tal. A autodenominação é a tentativa de se estabelecer como tal, pois constitui um primeiro mecanismo de identidade e identificação, como afirma Hall (2003).

Acerca da segunda conclusão, foi com base no referencial galtuniano que pudemos aproximar práticas e representações das torcidas organizadas dos conceitos de paz e violência. Esse aspecto é relevante, porque nos afasta da concepção estritamente negativa em relação às torcidas organizadas. A perspectiva galtuniana também nos permite relacionar as torcidas organizadas com o referencial de paz e, a partir disso, perceber a contribuição desses grupos para um cenário de paz. As torcidas organizadas têm importância no ambiente do futebol, pois são protagonistas em cenários de paz (como na luta contra a violência estrutural). Isso nos leva à terceira conclusão.

A terceira conclusão deriva da necessidade de uma perspectiva ampla, e não restrita à violência física, quando as práticas e representações são consideradas violentas. Dessa maneira, defendemos que os óculos da teoria galtuniana não levam a enxergar apenas "o lado ruim" (aproximação do conceito de violência) das torcidas organizadas. Essa teoria também seria capaz de fazer enxergar "o lado bom" (aproximação do conceito de paz), evidenciando tais grupos não apenas como produtores, mas também como vítimas da violência.

A violência ocorre por intermédio de dois mecanismos principais: a mudança da cor moral dos atos e a opacidade da realidade. Desconsiderar as violências do tipo estrutural e cultural cometidas contra o torcedor é tornar a realidade opaca, mudando assim a cor moral dos fatos, como o preço dos ingressos, as condições de infraestrutura física dos estádios, o horário dos jogos, o tratamento dispensado ao torcedor, a disponibilidade de transporte, o cambismo, o abuso de autoridade, a corrupção, entre tantos outros. Por essa perspectiva, essas situações, que na verdade são de cor moral vermelha (inaceitáveis), seriam consideradas apenas de cor amarela ou verde (compreensíveis ou aceitáveis). Poderiam, portanto, ser naturalizadas, encaradas como pertencentes, "naturais" ao futebol, "coisas do futebol".

Logo, análises restritas da violência, como evidencia Galtung (1969), pegam somente o peixe pequeno, deixando o graúdo escapar. Portanto, as violências estrutural e cultural presentes no futebol brasileiro não são resultados do acaso. Por mais que os indícios de redução dessas formas de violência demorem a surgir, não se deve desistir de combatê-las. Todavia, urge denunciar que esses fenômenos ainda seguem escamoteados, sobretudo no debate sobre a violência no futebol.

Indubitavelmente, esse debate deve contemplar a violência física, mas não pode limitar-se a tal aspecto, pois dessa forma uma parte importante da discussão sempre restará em segundo plano. Logo, não se pode desprezar o fato de que outros atores do futebol também são produtores e reprodutores de violência. Desconsiderá-lo significa contribuir para a manutenção tanto da violência estrutural quanto da violência cultural, visto que essas formas de violência permanecem intactas. Apesar de não serem tão explícitos, os impactos desses tipos de violência podem ser até mais graves que os efeitos da violência direta.

A denominação pejorativa das torcidas organizadas ("bárbaros", "vândalos", "desocupados" e outros tantos adjetivos) serve para discriminar, excluir e extirpar da participação no âmbito do futebol esses grupamentos de torcedores. Como já alertava

Galtung (1969, 1990), um dos grandes problemas é o poder de inclinação de recursos e serviços em favor dos interesses de determinados grupo. Nesse sentido, a denominação estritamente negativa dos torcedores organizados pode contribuir para um cenário de exclusão e/ou dominação dos torcedores organizados dos circuitos legítimos de decisão do futebol brasileiro.

Esse cenário contribui para a concentração do poder e das decisões por circuitos fechados de pessoas, grupos e instituições. Um desses circuitos é justamente o responsável pela elaboração e promoção de políticas públicas voltadas para o combate à violência no futebol. Grande ênfase é dada à violência física, ao passo que as outras formas são desconsideradas e/ou esquecidas (Lopes, 2013a). Levando em conta que a exclusão dos torcedores organizados é uma forma de violência estrutural, propomos, como perspectiva pacífica, a inclusão desses atores nos circuitos fechados de decisão. Essa inclusão deve contemplar a oportunidade de voto, veto e voz, e não ser apenas uma medida formal e/ou burocrática. Defendemos, assim, a necessidade de incentivar a participação de representantes das torcidas organizadas nas instâncias de elaboração e planejamento de políticas públicas destinadas à redução da violência no futebol, como é o caso da Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espetáculos Esportivos (Consegue), a cargo dos Ministérios do Esporte e da Justiça.

Os resultados de nossa pesquisa indicam que a problemática da violência no futebol perpassa a organização, gestão e estrutura do futebol brasileiro, além dos episódios de violência física. Todavia, o que se deve buscar é um cenário de paz positiva, ou seja, um cenário de combate à violência direta e, ao mesmo tempo, de mitigação das violências estrutural e cultural. Essa medida pode retirar o monopólio do futebol das mãos de determinados sujeitos, grupos ou instituições e garantir que ele se torne um esporte democrático e popular.

Referências bibliográficas

ALABARCES, P. *Crónicas del aguante*: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

______. Cartografías de la(s) violencia(s). In: GARRIGA ZUCAL, J. *Violencia en el fútbol*: investigaciones sociales y fracasos políticos. Buenos Aires: Egodot, 2013. p.7-20.

______; GARRIGA ZUCAL, J. El "aguante": una identidad corporal y popular. *Intersecciones en Antropologia*, Buenos Aires, n.9, p.275-89, 2008.

______. Identidades corporales: entre el relato y el aguante. *Campos*, Curitiba, v.8, n.1, p.145-65, 2007.

______. La Moral de los "Inmorales". Los límites de la violencia según sus practicantes: el caso de las hinchadas de fútbol. *Anuario de Estudios en Antropología Social*, Buenos Aires: Centro de Antropología Social-Ides/Editorial Antropofagia, p.143-56, ago. 2005.

______; GARRIGA ZUCAL, J.; MOREIRA, M. V. El "aguante" y las hinchadas argentinas: una relación violenta. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.113-36, 2008.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOM SENSO FC. *Entenda*: um movimento como este não nasce por acaso. Há muito tempo o futebol brasileiro precisa de bom senso. Disponível em: http://bomsensofc.org. Acesso em: 12 set. 2014.

BUFORD, B. *Entre os vândalos*: a multidão e a sedução da violência. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CABRERA, N. *Violencia e identidad en una hinchada de fútbol*: "solo para los entendidos". Villa Maria, 2012. 132f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Sociologia) – Instituto Académico Pedagógico de Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Villa Maria.

CANALE, V. S. *Torcidas organizadas e seus jovens torcedores*: diversidades e normativas do torcer. Campinas, 2012. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Sociedade) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2009.

DRAGÕES DA REAL. *Ação social da subsede de Brasília em assentamento*. São Paulo, 22 out. 2014a. Disponível em: http://dragoesdareal.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=253:acao-social-da-sub-sede-de-brasilia-em-assentamento-outubro-2014&catid=14&Itemid=119. Acesso em: 28 out. 2014.

______. *Dragões assume administração de ONG beneficente*. São Paulo, 22 out. 2014b. Disponível em: http://www.dragoesdareal.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=226:dragoes-assume-administracao-de-ong-beneficente-outubro-2014&catid=11:noticias-dragoes&Itemid=116. Acesso em: 28 out. 2014.

DUNNING, E.; MURPHY, P.; WILLIAMS, J. A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca de excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FLORES, L. F. B. N. Da construção do conceito de violência. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, n.2, p.7-16, 1995.

FOLHA DE S.PAULO. *Adolescente é agredido a pauladas e acorrentado nu a poste no Rio*. Rio de Janeiro, 4 fev. 2014. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1407239-

adolescente-e-agredido-a-pauladas-e-acorrentado-nu-a-poste-na-zona-sul-do-rio.shtml. Acesso em: 8 maio 2014.

FOX SPORTS. *Brasil tem o ingresso de futebol mais caro do mundo*. São Paulo, 13 maio 2013. Disponível em: www.foxsports.com.br/noticias/101023-brasil-tem-o-ingresso-de-futebol-mais-caro-do-mundo. Acesso em: 2 set. 2014.

G1. *Raymond Whelan deixa prisão no Rio após liminar do STF*. Rio de Janeiro, 6 ago. 2014. Disponível em: www.g1.globo.com/rio-de--janeiro/noticia/2014/08/raymond-whelan-deixa-prisao-no-rio--apos-liminar-do-stf.html. Acesso em: 10 set. 2014.

GALTUNG, J. Violence, peace and peace research. *Journal of Peace Research*, Londres, v.6, n.3, p.167-91, 1969. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/422690?seq=5. Acesso em: 4 jun. 2013.

______. Twenty-five years of peace research: ten challenges and some responses. *Journal of Peace Research*, Londres, v.22, n.2, p.141-58, 1985. Disponível em: http://jpr.sagepub.com/content/22/2/141.short. Acesso em: 4 jun. 2013.

______. Cultural violence. *Journal of Peace Research*, Londres, v.27, n.3, p.291-305, 1990. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/423472?seq=3. Acesso em: 4 jun. 2013.

______. Poverty, violence and health. *World Health*, Genebra, v.47, n.6, p.8, 1994.

______. Violence, war, and their impact: on visible and invisible effects of violence. In: POLYLOG: FORUM FOR INTERCULTURAL PHILOSOPHY, 5, 2004, Viena. Disponível em: http://www.engagingconflict.it/ec/wpcontent/uploads/2012/06/Galtung-Violence-War-and-their-Impact.-On-Visibleand-Invisible-Effects-of-Violence.pdf. Acesso em: 4 jun. 2013.

GARRIGA ZUCAL, J. *Nosotros nos peleamos*: violencia e identidad de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

______. *Violencia en el fútbol*: investigaciones sociales y fracasos políticos. Buenos Aires: Egodot, 2013.

GLOBO. *Encontrado corpo de torcedor corintiano morto durante briga em SP*. São Paulo, 30 set. 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2011/08/encontrado-corpo-de-torcedor-corintiano-morto-durante-briga-em-sp.html. Acesso: 8 ago. 2014.

GLOBO ESPORTE. *Após beijo, Sheik ganha aplausos protesto, e ataca*: "preconceito babaca". São Paulo, 19 ago. 2013. Disponível em: www.globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/08/apos-polemica-sheik-ganha-aplausos-do-grupo-e-protesto-de-torcedores.html. Acesso em: 2 out. 2014.

______. *Torcida do Fla estende faixa contra preço dos ingressos no Maracanã*. Rio de Janeiro, 8 fev. 2014. Disponível em: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2014/02/torcida-do-fla-estende-faixa-contra-preco-dos-ingressos-no-maracana.html. Acesso em: 15 ago. 2014.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOO, K. Structural violence as a human rights violation. *Essex Human Rights Review*, Colchester, v.4, n.2, p.1-17, 2007.

JENNINGS, A. *Jogo sujo – o mundo secreto da Fifa*: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011.

______. *Um jogo cada vez mais sujo*: o padrão Fifa de fazer negócios e manter tudo em silêncio. São Paulo: Panda Books, 2014.

JIMÉNEZ-BAUTISTA, F. Conocer para comprender la violencia: origen, causas y realidad. *Convergencia Revista de Ciencias Sociales*, Toluca, v.19, n.58, p.13-52, 2012.

KERR, J. H. *Understanding hooliganism*. Buckingham: Open University Press, 1994.

______; DE KOCK, H. Aggression, violence, and the death of a Dutch soccer hooligan: a reversal theory explanation. *Aggressive Behavior*, Hoboken, v.28, n.1, p.1-10, 2002.

LANCE. *Corre-corre garante maioria da torcida do Timão nas estações 2014*. São Paulo, 24 jul. 2014. Disponível em: http://www.lancenet.com.br/corinthians/Arena_Corinthians-metro-torcida_0_1180681931.html. Acesso em: 2 set. 2014.

______. *Torcidas fazem provocações no Majestoso com teor homofóbico*. São Paulo, 21 set. 2014. Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Sao-paulinos-homofobicos-provocar-corintianos-classico_0_1216078431.html#ixzz3VVsHMQeM. Acesso: 8 dez. 2014.

LOPES, F. T. P. *Discurso sobre a violência envolvendo torcedores de futebol*: ideologia e crítica na construção de um problema social. São Paulo, 2012. 589 f. (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

______. Dimensões ideológicas do debate público sobre acerca da violência no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.27, n.4, p.597-612, out./dez. 2013a.

______. Os conceitos de paz e violência cultural: contribuições e limites da obra de Johan Galtung para a análise de conflitos violentos. *Athenea Digital*, Barcelona, v.13, n.2, p.169-77, 2013b. Disponível em: http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/Tavares. Acesso em: 2 set. 2013.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MALAIA, J. M. C. *Revolução vascaína*: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de janeiro (1915-1934). São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MENDES, D. S. et al. A campanha #ForaRicardoTeixeira no Twitter: interações sociais e debate público a respeito do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v.35, n.4, p.929-46, 2013.

MEU TIMÃO. *Torcedores divulgam manifesto "por um Corinthians popular" na internet*. São Paulo, 12 ago. 2014. Disponível em: www.meutimao.com.br/noticia/152433/torcedores_divulgam_manifestao_por_um_corinthians_popular_na_internet. Acesso em: 14 set. 2014.

MONTEIRO, R. A. *Torcer, lutar e o inimigo massacrar – Raça Rubro Negra!*: uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MURAD, M. *A violência e o futebol*: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MURPHY, P.; WILLIAMS, J.; DUNNING, E. *O futebol no banco dos réus*. Oeiras: Celta, 1994.

NAPOLEÃO, A. C. *Corinthians × Palmeiras*: uma história de rivalidade. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. 4.ed. Campinas: Pontes, 2006.

______. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 7.ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. *Analyse authomatique du discours*. Paris: Maspero, 1969.

______. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

PIMENTA, C. A. M. *Torcidas organizadas de futebol*: violência e autoafirmação, aspectos da construção de novas relações sociais. Taubaté: Vogal,1997.

______. As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol. In: COSTA, M. R. et al. (Orgs.). *Futebol*: espetáculo do século. São Paulo: Musa, 1999. p.131-45.

PLURICONSULTORIA. *Taxa de ocupação dos estádios brasileiros é de 21,8%*. 20 ago. 2013. Disponível em: http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/pluri%20especial%20-%20ocupacaoestadios.pdf. Acesso: 27 set. 2013.

______. *Terceiro ranking mundial de público nos estádios 2013/2014*. 12 set. 2014. Disponível em: http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/PLURI%20especial%20-%20ranking%20mundialde%20publico%20nos%20%20estadios%202014%20-%20completo.pdf. Acesso em: 12 set. 2014.

PRIKS, M. Does frustration leads to violence?: evidence from the Swedish hooligan scene. Kyklos, Oxford, v.63, n.3, p.450-460, 2010.

PRONI, M. W. A metamorfose do futebol. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

RECORD. *Veja os perigos de fazer justiça com as próprias mãos*. 6 maio 2014. Disponível em: http://noticias.r7.com/cidade-alerta/veja-os-perigos-de-fazer-justica-com-as-proprias-maos-06052014. Acesso em: 8 ago. 2014.

REIS, H. H. B. *Futebol e sociedade*: as manifestações da torcida. Campinas, 1998. 127 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

REIS, H. H. B. *Futebol e violência*. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

RIBEIRO JR., A.; CHASTINET, T.; AZENHA, L. C. *O lado sujo do futebol*: a trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo. São Paulo: Planeta, 2014.

RICHES, D. *El fenómeno de la violencia*. Madri: Piramide, 1988.

ROSSI, J.; MENDES JÚNIOR, L. *Guia politicamente incorreto do futebol*. São Paulo: LeYa, 2014.

SPAAIJ, R. Men like us, boys like them: violence, masculinity, and collective identity in football hooliganism. *Journal of Sport & Social Issues*, Thousand Oaks, v.32, n.4, p.369-92, 2008.

______; ANDERSON, A. Soccer fan violence: a holistic approach – a reply to Braun and Vliegenthart. *International Sociology*, Londres, v.25, n.4, p.561-79, 2010.

STOTT, C.; ADANG, O.; LIVINGSTONE, A.; SCHREIBER, M. Tackling football hooliganism: a quantitative study of public order, policing and crowd psychology. *Psychology Public Policy and Law,* Washington, v.14, n.2, p.115-41, 2008.

TEIXEIRA, R. C. Entre a festa e a briga. *Antropolítica* – publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, n.10-14, p.85, 2001.

______. Torcidas jovens cariocas: símbolos e ritualização. *Esporte e Sociedade,* Rio de Janeiro, n.2, mar./jun. 2006.

______. Futebol, emoções e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 8, n.21, 2013.

TERRA. *Idealizador de Gaivotas Fiéis, Felipeh Campos diz sofrer ameaças*. São Paulo, 21 set. 2013. Disponível em: http://esportes.terra.com.br/corinthians/idealizador-de-gaivotas-fieis-felipeh-campos-diz-sofrer ameacas,9050eaa2886d1410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html. Acesso: 8 dez. 2014.

TOLEDO, L. H. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. *Dossiê futebol*, São Paulo, n.22, p.92-101, jun./ago. 1994.

______. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996.

UMA (IN)CERTA ANTROPOLOGIA. *Confira a entrevista do antropólogo Renzo Taddei sobre o processo de licitação do Maracanã*. 29 maio 2013. Disponível em: http://umaincertaantropologia.org/2013/05/29/confira-a-entrevista-do-antropologo-renzo-taddei-sobre-o-processo-de-licitacao-do-maracana-yahoo-esporte-interativo/. Acesso em: 15 set. 2014.

VOROBEJ, M. Structural violence. *Journal of Peace Research*, Londres, v.40, n.2, p.84-98, 2008.

Sobre os autores

MARCELO FADORI SOARES PALHARES é professor do Centro Universitário Hermínio Ometto (Uniararas) e mestre em ciências da motricidade pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* Rio Claro. Além disso, recebeu auxílio financeiro para investigação complementar durante o mestrado na Universidade Nacional de Córdoba (UNC). Foi atleta de categorias de base de futebol de campo e de salão e hoje é membro pesquisador do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL), da Unesp de Rio Claro.

GISELE MARIA SCHWARTZ é livre-docente pela Unesp de Rio Claro. Há mais de duas décadas desenvolve pesquisas sobre a temática lazer e educação física, atuando como pesquisadora em programas de pós-graduação. Atualmente é coordenadora do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL), da Unesp de Rio Claro.

SOBRE O LIVRO
Formato: 14 x 21 cm
Mancha: 23,8 x 40,10 paicas
Tipologia: Horley Old Style 10,5/14
2015

EQUIPE DE REALIZAÇÃO
Coordenação Geral
Pedro Barros